

Diário de Lisboa

Número avulso: 40 CENTAVOS

Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR

JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA

Redacção, composição e impressão

RUA LUZ SORIANO, 44

TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSAO DE CENSURA

SENSIBILIZOU - NOS profundamente a saudação carinhosa que, a propósito do 17.º aniversário do «Diário de Lisboa», nos dedicaram os nossos queridíssimos colegas «Diário de Notícias» e «O Seculo», na sua primeira pagina de hoje. São finezas que nunca se esquecem, sejam quais sejam as voltas que o mundo der.

Por entendermos que, entre os jornais, mesmo quando discordam e discutem, deve existir um convívio fraterno, interpretamos com particular simpatia as palavras dos dois grandes diários, agradecendo-as jubilosamente, por quanto nelas ha de animador e sincero.

Tambem muito nos penhoraram os cumprimentos que nos trouxe um enviado do «Jornal de Notícias», do Porto, em nome dos srs. dr. Guilherme Pacheco, director, dr. Pacheco de Miranda, sub-director, e Alfredo Marques, chefe dos serviços em Lisboa. Ao «Comercio do Porto», pela mesma cativante atenção, apresentamos igual agradecimento, na pessoa do sr. Ceara Cardoso, director, e coronel Fernando Borges, chefe dos serviços em Lisboa.

* * *

A ADAPTAÇÃO tem sido um dos erros, ou defeitos, no nosso país. Durante muitos anos, sobretudo depois de 1834, após a extinção das ordens, adaptava-se tudo. Conventos e casas religiosas serviam para tudo, e nem sempre para escolas, hospícios, hospitais e repartições.

Hoje esse erro de adaptação — principalmente no que respeita a hospitais, que requerem uma arquitectura especializada — está a ser posto de parte.

Contudo o vicio ficou. Uma indicação disso está no numero, relativamente grande, de pessoas que dão sugestões para instalações destes ou daqueles serviços. Ha até quem se lembre de adaptar o actual arsenal de Marinha a... Palacio de Justiça.

Pode perguntar-se, e as respostas contar-se-ão pelos dedos, quais os edificios que foram construídos especialmente para os fins a que aproveitaram. Quartéis, por exemplo. E hospitais? E asilos?

A adaptação foi uma das razões de gastos inúteis. Fazer de novo é mais decente, mais logico e até — mais barato.

* * *

RECORDAMOS hoje o nome de Anibal Soares que dirigiu o «Correio da Manhã», jornal que iniciou a sua publicação no mesmo dia em que apareceu o «Diário de Lisboa».

Foi notavel escritor, jornalista e homem de bem, no verdadeiro sentido da palavra.

A morte que o surpreendeu na força da vida impediu que ele realizasse a obra que projectava, inteiramente consagrada ao bem da Patria.

ANOS QUE PASSAM...

O «Diário de Lisboa» celebra hoje mais um aniversario, reconhecendo que o tempo que envelhece os homens não envelhece as idéas, quando as servimos com fé, entusiasmo e sinceridade.

O publico, desde a primeira hora, reparou no jornal que, sem partido, sem odios e sem ambições desmedidas, aspirava, convencido de não ofuscar ninguém, a abrir caminho, reagindo contra a violencia duns, a indiferença de outros e a intolerancia de quantos entendiam tapar o sol, que é universal, arvorando os espantinhos que consideravam como seus idolos inatacaveis.

O publico afeiçoou-se-nos, por sentir que eramos de boa fé e que não traficavamos sobre as coisas sagradas da Patria. Nunca nos esqueceremos, em dias iguais a este — testemunho de jubilosa gratidão — de dizer aos que, de perto ou de longe, nos vêm animando e ajudando:

— Gratos sômos a tão inequivocas provas de estima calorosa!

Temos procurado nem criar inimigos nem levantar dissídios, sobretudo para não colaborarmos com os conflituosos que de tudo se aproveitam, a fim de manter as suas cubicas ou as suas ruins intenções, acima da verdade e do bem comum. Se alguma vez não conseguimos tornar imeditamente evidentes os nossos votos de simpatia e mutua compreensão, explica-se isso pelo facto de, durante tantos anos, se haver prégado a desconfiança entre os portugueses, a fim de, através dela, instalar o descontentamento e a discórdia.

Felizmente sempre se esclareceu o que alguns, muito poucos, pretendiam obscurecer e envenenar...

Ao nosso lado, encontrámos dedicadamente quantos aliam ao respeito pelo caracter alheio o culto das opiniões que, embora divergentes, obedecem a um fim generoso que as absolve das suas imperfeições e fraquezas.

Eis a fraternidade que mais prezamos!

O «Diário de Lisboa» nunca distinguiu os homens por seitas ou facções, credos ou doutrinas, lançando-lhes em rosto, ostentadamente, as mesquinhas limitações dos seus pontos de vista e a miséria dos seus asperos rancores, visto reputar mais proficuo e necessario convidá-los a ponderação de principios e sentimentos que apertam os elos que harmonizam uma nação cheia de nobreza e não uma patulela de apetites exasperados.

Era de esperar que assim fôsse: gente moça, com o sangue na guelra, constituiu, desde o primeiro numero, o nucleo resistente e animoso da sua redacção. Onde ha mocidade, ha alegria, vigor e esperança — o que significa opposição decidida a sapiencias sentenciosas e a tediosos paralisantes. Nunca os nossos redactores mostraram qualquer tendencia para refugiar-se na comoda preguiça e nas boemias derivantes e palreiras, furtando-se ás dificuldades e espinhos que lhes incumbia superar e vencer.

Briosos no cumprimento das suas obrigações cujas responsabilidades nunca declinaram!

A disciplina que impera no «Diário de Lisboa» funda-se na livre aceitação do dever e na partilha exacta das penas e dos trabalhos.

Em certas horas — das muitas horas que derramaram por Lisboa e pelo país o desassossego e a depressão moral — lutámos, á custa dos nossos nervos, bem entendido, para levantar os corações abatidos inspirando-lhes confiança e coragem contra as impressões funestas e os rumores inquietantes. Ignora-se frequentemente como se faz um jornal, mas acêrca do jornalista que exerce, com honrado escrupulo, a sua profissão, erroneamente se aprecia quão difficil é a sua marcha velocissima, no meio de acontecimentos que se apresentam tumultuariamente, sem um fio condutor, ou se occultam avaramente, no ventre que os gerou.

Os momentos de febre e impaciencia guardam-se nas redacções em completo sigilo, por que aos leitores interessa-lhes a palpitante noticia que a sua curiosidade demanda, mas o esforço, a inteligencia, a habilitade e a tecnica do jornalista raramente lhe aparecem na sua merecida evidencia. O jornal absorve, dispersa na massa anonima das suas paginas, quais impersonaliza e volatiliza o nome dos que nele escrevem.

E' um Moloch bem cruel, pela sua natureza voraz de ave de rapina que tudo consome, em vinte e quatro horas — os crimes sensacionais, os golpes de Estado, as descobertas e conquistas, as aventuras galantes, os sonhos dos poetas, as narrativas de naufragios e os suores dos trabalhadores que lhe imprimem vida e movimento.

O «Diário de Lisboa», dentro deste singularissimo destino, tem-lhe atenuado os rigores, contrapondo á onda baça do anonimato a personalidade dos seus redactores, destacando-os de modo que o publico os conheça e lhes consagre um pouco da sua admiração e do seu carinho. Tambem nos aprez a declarar que não atirámos poeira aos olhos dos incautos, por tratar-se de valores reais e de jornalistas de vocação, com uma bela folha de serviços.

A FOLHA official publica o seguinte aviso:

«Para os devidos efeitos se faz publico que o juri do concurso para o monumento ao Infante D. Henrique, em Sagres, classificou pela seguinte ordem, para efeito da atribuição dos premios estabelecidos pelo artigo 6.º do decreto-lei n.º 26.464, de 28 de março de 1936, modificado pelo decreto-lei n.º 26.878, de 13 de agosto do mesmo ano, os trabalhos apresentados á segunda prova do referido concurso:

1.º premio — 30.000\$, ao projecto apresentado pelo grupo do architecto Carlos Chambers Ramos.

2.º premio — 20.000\$, ao projecto apresentado pelo grupo do architecto Vasco de Lacerda Marques.

3.º premio — 15.000\$, ao projecto apresentado pelo grupo do architecto Antonio Lino.

4.º premio — 10.000\$, ao projecto apresentado pelo grupo dos architectos Carlos e Guilherme Rebelo de Andrade.

5.º premio — 10.000\$, ao projecto apresentado pelo grupo do architecto Raul Lino.

Por seu despacho de ontem, S. Ex.ª o Presidente do Conselho determinou que ao 1.º classificado se pague desde já o premio de 30.000\$, sem prejuizo de o mesmo poder ser elevado para 50.000\$, nos termos do artigo unico do decreto-lei n.º 26.878, de 13 de agosto de 1936, na hipotese de o Governo não mandar executar o projecto, resolução a tomar oportunamente. Os trabalhos apresentados ás duas provas do concurso serão expostos ao publico, nos termos do artigo 4.º do decreto-lei n.º 26.464, a partir do dia 9 do corrente, no Pavilhão de Festas do Parque Eduardo VII».

* * *

PINA Manique tem aparecido como uma figura odiosa, embora caricaturada. Lisboa, porém, ficou-lhe a dever muito.

O sr. dr. Silva Carvalho, medico illustre, apresentou ha semanas, na Sociedade de Ciencias Medicas, o começo da reabilitação do Intendente Geral da Policia e Reino. A sua acção na urbanização, higiene, assistencia, repressão dos maus costumes, instrução em todos os graus, pavimentação, iluminação, combate á mendicidade vadia, etc., etc., foi notavel. Alguns estabelecimentos que criou estão hoje de pé, como a Casa Pia de Lisboa.

Os ultimos vinte anos do seculo XVIII — que fizeram de Lisboa uma cidade mais digna — pertenceram-lhe em iniciativas que, embora paralizadas depois da sua morte, mais tarde ressurgiram.

O seu nome, contudo, pouco vai além dos fastos da politica. Em Lisboa ha um arruamento com o seu nome: o largo do Intendente.

E sabe algum quem foi o Intendente?

* * *

O ILUSTRE clinico, sr. dr. Costa Nery, que devia sair amanhã de Lisboa em viagem de estudo, adiou, por motivo de serviços clinicos, a sua partida para o dia 23 do corrente, no «Carvalho Araujo».

As comemorações de 9 de Abril O programa da Liga dos Combatentes

Passando no próximo dia 9 o aniversário do combate de La Lys, onde o Corpo Expedicionário Português teve uma das suas maiores acções, a Liga dos Combatentes da Grande Guerra leva a efeito as cerimónias que constam do programa seguinte:

Às 11 horas: romagem ao cemitério do Alto S. João, onde será feito o toque de sentido às 11 e 30, junto do talhão privativo, em homenagem aos mortos, tocando a seguir a destroçar.

Às 17 e 30: concentração dos combatentes junto de Monumento aos Mortos da Grande Guerra, a fim de assistirem à chegada dos despoitais vindos do mosteiro da Batalha.

Os filiados de Agência de Lisboa terão lugar reservado num dos talhões da Avenida da Liberdade.

DE LUTO

Menina Maria Irene Cardoso Pery de Linde

Faleceu esta manhã a menina Maria Irene, de 7 anos, filha do sr. Eduardo Carlos Martins Pery de Linde e da sr.ª D. Dôres Maria Angela Cardoso Pery de Linde, e neto do nosso amigo Pery de Linde, secretário do sr. governador civil de Lisboa. O enterro da desditosa criança realiza-se amanhã, pelas 10 horas, da rua da Graça, 44, para o Alto de S. João.

MUNDANISMO

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

Baronesa do Seixo, D. Maria Izabel Varennes Monteiro de Mendonça, D. Julia de Castro e Almeida de Melo Breyner, D. Leonor Pinto Leite de Melo Breyner, D. Maria da Gloria de Queiroz e Lencastre, D. Ema Wellenkamp Lamy, D. Margarida de Faria Teixeira Bastos, D. Maria Alice Ribeiro da Silva Arbués Moreira, D. Maria Beatriz Centeno Gorjão Henriques, D. Beatriz Madureira, D. Maria Tereza Santos Leitão, D. Maria de Lourdes Dantas Rodrigues dos Santos e a menina Aida dos Santos Moutinho de Carvalho.

DOENTES

Foi operada com muito éxito pelo distinto cirurgião sr. dr. Bastos Gonçalves a sr.ª D. Eugénia Nunes Pires da Rosa Bastos.

Barbosa & Costa L. da

além das mais artísticas e modernas mobílias e das maiores novidades para decorações, apresenta nos seus salões uma linda colecção do melhor tapete Português

HALCA

Largo Rafael Bordalo Pinheiro 11
Telefone 23562

Malinhas para Senhora

A CASA DA SIBERIA apresenta os mais originais e recentes modelos. Preços limitados. Rua Augusta, 254, esquina de Santa Justa.

FUGIU

Um cão da Serra amarelo de pêlo comprido dando pelo nome de Mondego. Dão-se boas alviças a quem o encontrar e entregar na Avenida Defensores de Chaves n.º 104, 1.º andar esquerdo.

Sena Sugar Estates, L. DA

Avenida da Índia — LISBOA

ELECTRO LISBOA, L. DA

Vende a prestações magníficos candelieiros electricos, receptores de radio, ferros de engomar fogões, etc.

Reparações em todas as marcas de receptores

Rua Augusta, 246-248
Telef. 2. 0568

CAFE MARTINHO DA ARCADE

Imperato serviço de almoços e jantares

CRIANÇAS, BRINQUEDOS

Eis a carta que ontem annunciámos e nos foi enviada pelo sr. tenente Armando Paschoa, director da «Revista de Infantaria»:

Sr. director do Diário de Lisboa:—Li no numero de sabado ultimo do seu simpatico jornal uma crónica que me deixa surpreso pela forma como se alinhava uma mão cheia de incongruencias sem respeito pela profissão das mais nobres, das mais cheias de sacrificios e das menos conhecidas.

Trata-se dum pedaço de italico sob a epigrafe «Crianças, Brinquedos» que um redactor do «Diário de Lisboa», o sr. Dutra Faria, num furor precoce de «pacifismo» revoltante, acomodou a um canto do jornal para que, num gesto de fraco jornalismo, pudesse remir-se na sua prosa improvisada.

Ora a vida jornalística a que muitos chamam de «imprevistos», outros de «sacrificio», outros ainda de «inquietações», é para nós uma vida que admiramos profundamente desde os verdes anos em que também «dirigimos» jornais manuscritos... com noticias de sensação, com crónicas, com folhetins com prosa rimada e illusões. E' claro que, segundo as previsões psicologicas do sr. D. F., seríamos hoje um seu «irmão de armas». Assim, porém, não succedeu. Enveredámos por outro caminho e, porque também aos sete anos brincámos com soldadinhos de chumbo, somos hoje um «monstro» como o são todos aqueles que se dedicam á carreira das armas, no dizer do sr. D. F. que, á falta de outro assunto para a sua crónica semanal, se lembrou de véxar aqueles a quem ele deveria respeitar porque constituem, além de tudo, a massa militar da Nação, subordinada á vontade dos Chefes que, embora não tivessem enveredado pelo caminho pacifico do jornalismo, possuem dignidade e bom senso, e não são, como o sr. D. F. quer fazer crer ao seu publico leitor, um amontoado de vicios «á superficie» dos quais avultam a brutalidade, o ódio á intelligencia (!), o amor pelas carnificinas, a violencia de gestos e sentimentos.

Não conhecemos os gestos nem os sentimentos do sr. D. F. mas somos levados a crer que amanhã, quando a Nação precisasse do seu auxilio—se é que lho pedia—não responderia:

—Não sou violento, não sou carniceiro, não tenho vícios; admiro a intelligencia, e por isso o inimigo que faça o que quiser!

Que frase feliz, admirável de humanidade e de patriotismo!

Não conhecemos o espirito do sr. D. F. mas supomos não nos enganarmos prevendo-lhe um pouco de ignorancia pelas coisas militares. Para ele a ciencia da guerra resume-se, como o affirmo na sua triste crónica em «crueldade de mu-

tilações» e os seus cavalcios em «monstros predestinados para a chacina, de coração endurecido».

A morte não «os assusta»—felizmente—«nem a crueldade das mutilações lhes inspira dó!» Que idéa tão vaga faz o sr. D. F. da profissão das armas!

Que fantástica visão aquele senhor criou na sua frente para considerar «monstros» todos aqueles a quem ele deveria, pelo menos, respeitar!

Quando em todos os países civilizados lavra o amor, num reconhecimento natural e lógico, o carinho, a admiração e o entusiasmo pelas instituições militares—porque são elas afinal o fulcro da defesa das Nações—quando o mundo apavorado tem os olhos pregados nos seus exercitos como esperança de defesa e salvação, há um «jornalista» que se permite soltar incongruencias do quilate das que soltou o sr. D. F.

Que brinquedos aquele senhor foi inventar para dar aos leitores do «Diário de Lisboa» uns momentos de deleitosa crónica!

...E foi por ter brincado em pequenino com castelos de cartas, levantado casas com caixas de fosforos, riscado na areia estradas e caminhos, e alinhado soldadinhos de chumbo, que Lyautey foi o «monstro» de Madagascar e de Marrocos! Por terem tido os mesmos caprichos foram «monstros» todos os Mousinhos que, por esquecimento, a Historia Militar do sr. D. F. não traz!

Pédoe-me sr. dr. Joaquim Manso, figura de prestigio do nosso jornalismo, a quem ha muito admiro por todo o seu honestissimo e valioso trabalho que conheço através da sua obra litteraria, os momentos que vim roubar-lhe, sacudido pelo leitura dum pedaço de prosa que um redactor do «Diário de Lisboa» me proporcionou.

Gostaria que o sr. D. F., embora continuasse a professar o seu quimérico pacifismo, não insultasse aqueles que nada lhe devem, e não menospresasse uma profissão a que me orgulho de dedicar com todo o meu entusiasmo, e ao serviço da qual sempre tenho posto a minha lealdade e modestissimos recursos.—De V. etc.—Tenente Armando Paschoa—Director da Revista de Infantaria.

Publicamos esta interessante carta, sem lhe alterar uma linha, porque o assunto não pertence á categoria dos futeis e o nosso colaborador sr. Dutra Faria terá brevemente occasião de varrer a sua testada, estabelecendo a rigor a distincção que urge fazer entre o militar que cumpre o seu dever, sem cultivar o amor da guerra pela guerra, e o que exasperadamente entende que a educação deve assentar numa mentalidade 100 0/0 guerreira.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 8—As Dores de Nossa Senhora. Lausperene, está na capela da senhora das Dores, em Belem.

Festividades a Nossa Senhora das Dores, por musica e sermão: Santo Antonio da Sé, ás 8 e 30; Carmo, ás 10 e 30; ás 11, capela das Dores em Belem; e ás 20 e 30, sermão e «Te-Deum»; Graça, S. Domingos, ás 18, sermão pelo sr. Costa Lima; Santos-o-Velho, Madalena, Encarnação, S. Vicente e Coração de Jesus; ás 11 e 30 Navegantes.

«A mais linda mascara»



Menino José Rodrigues

A FOTAGRAFIA ACHILLES organizou pelo Carnaval um concurso entre as mascaras que se fotografaram nos seus ateliers e para o qual estabeleceu um premio de 500\$00.

Entre algumas dezenas de retratos que foram enviados á nossa redacção, o premio foi concedido ao menino José Rodrigues Salgado, de 6 anos, morador na avenida Ressano Garcia, 15, 3.º em Lisboa. O premio encontra-se á sua disposição na administração do nosso jornal.

Vamos ler!

E' um convite á leitura da revista mais completa da actualidade, que interessa igualmente ao Pai, á Mãe, aos Filhos, a toda a Familia, tal a variedade de assuntos que apresenta nas suas 84 paginas: Literatura — História — Arte — Ciências — Política Internacional — Actualidades — Contos — Novela Policial — Modas — Conselhos de Beleza — Curiosidades — Anecdotes — Charadas e Enigmas — Cinema e muitas outras coisas interessantes.

Magnifica illustração em rotogravura, com fotografias de todo o Mundo. «Vamos ler!» é uma verdadeira enciclopedia de cultura popular, uma revista para ler e guardar.

«VAMOS LER!» encontra-se á venda em todas as tabacarias de Portugal e sai as todas QUINTAS-FEIRAS

Vamos ler!

MOBILIAS DA GRANJA

TAPETES E ESTOFOS. OS MAIS BELOS MODELOS POR PREÇOS QUE NÃO ADMITEM COMPARAÇÃO EX-OPOSIÇÕES PERMANENTES. Calçada do Sacramento, 6 (ao Chão) — LISBOA

Rogério de Salles Torres FALECEU

Margarida Martins Torres e mais familia cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas das suas relações e amizade o falecimento de seu muito chorado marido e parente, e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 11 e 30 horas, da sua residencia na Rua Rebelo da Silva, 29, para o cemitério do Alto de S. João.

ESTE ANUNCIO E MAIS 5 ESCUDOS

Valem um bom retrato com o formato 18 x 24 na FOTOGRAFIA ACHILLES

AVENIDA ALMIRANTE REIS N.º 1, 1.º ANDAR — (Ao Intendente) — TEL. 4 7063



CORREIO AEREO

SERVIÇO BI-SEMANAL

PORTUGAL - AMERICA DO SUL
EM 48 HORAS

RESPOSTAS DENTRO DE UMA SEMANA

Aero - Portuguesa

33, R. Alecrim, — Telef. 2 3371

TODOS OS DOMINGOS A'S 8 E 15

para: Marrocos-Africa Ocíd. Francesa-Guiné Portuguesa e Francesa-Libéria-Costa do Maritim e do Ouro e AMERICA DO SUL

ENTREGA DAS CORRESPONDENCIAS: na Central dos Correios, até ás 5 horas da manhã de Domingo

PASSAGEIROS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa, Europa, etc. MERCADORIAS para Marrocos, Africa Ocidental Francesa e America do Sul.

Deutsche Lufthansa A. G.

34, Aven. 24 Julho—Telef. 6 0343

TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

para: Las Palmas, Bathurst e America do Sul

ENTREGA DAS CORRESPONDENCIAS: na Central dos Correios, até ás 9 horas da manhã de 5.ª feira

Serviço Diario para Passageiros, Mercadorias e Correio entre Lisboa-Berlim com escalas em Salamanca, Marseille, Genève e Stuttgart No Mesmo Dia

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

Pimpinelha Escarlata é uma figura célebre na História. Trata-se dum fidalgo inglês que, durante a revolução francesa, salvou centenas de pessoas do cutelo da guilhotina. Lisboa viu-o na «Revolução Francesa» e nunca mais o esqueceu.

Mas as suas aventuras de audácia, de amor, de nobilíssima coragem, não foram esgotadas nesse belo filme. Pimpinelha volta ao «ecran», na próxima semana, através duma obra de prodigioso interesse, que é, por assim dizer, a apoteose da celeberrima figura. Chama-se «A Revolução continua»... a revolução francesa, com lances de horror e cenas duma grandiosa epica.

Atrás do reposteiro

Está-se trabalhando no sentido de reabrir o Apolo com uma companhia de elementos de valor e para espectáculos de teatro declamado.

—A seguir á actual comédia «O Pateta Alegre» remonta-se-á, no Avenida, a peça «O Centenario», cujos ensaios começam amanhã.

—Estreia-se amanhã, no teatro Avenida, em Coimbra, onde vai realizar dois espectáculos, a companhia Adelina-Aura Abranches.

—A actriz Maria Judice da Costa, recentemente operada, encontra-se melhor e em vias de rápido restabelecimento.

—Assumi ontem a direcção coreografica da revista «O Juizo do Anon», no Maria Vitoria, o realizador Janou, sendo Piero o director artistico do espectáculo.

—Na nova digressão da companhia Alves da Cunha vai incluída no respectivo repertorio a peça «Morte Civil».

—O itinerario que em Africa fará a companhia Maria Matos compreende Lourenço Marques, Beira, Lobito, Benguela e Luanda, demorando um mês, tanto na primeira, como na ultima cidade.

—Tornou-se gravissimo o estado da actriz Julieta Valença, vítima ha dias de um lamentavel acidente.

—Na festa das artistas Ondina Dubini e Nelly Correia, que se realiza no sabado, no Centro Espanhol, tomam parte Charles, Lucy Snow, Manuel Martins, Maria Laura, Casimiro Rodrigues, Vital & Lucy, Antonio Rosa, Maria do Carmo, Ruy Metelo, Rebelo Bettencourt, Elvira Velary, José Dubini e a «Blue-Jazz-Orquestra».

—Dissolveu-se a companhia que tinha por titular a actriz Maria das Neves.

—Estreia-se amanhã na Chamusca a «Tournee» de Revistas Portuguesas formada pelos artistas Deolinda de Macedo, Cremilda Torres, Berta Monteiro, Virginia Rodrigues, Octavio Valmor, Ramschini e um grupo de «girls».

—Consta que, num recinto de Lisboa, funcionará este verão um teatro ao ar livre, com peças do genero musicado.

—Está dirigindo, no Sá da Bandeira do Por-

to, os ensaios da opereta «O Farol da Boa Noite» o actor-ensaiador Antonio Gomes.

—Para a companhia Beatriz Costa vão entrar as actrizes Georgina Cordeiro, Luiza Durão, Herminia Silva, Maria Brásão e Zéca Fernandes.

—Está em construção um novo teatro desmontavel que, dentro em breve, será posto a funcionar na provincia, com uma companhia de teatro e circo.

—O actor Alfredo Ruas, depois da sua actuação no «Pardal de S. Bento», interpretará um dos papeis da opereta «Ribatejo».

—Sabado á tarde realiza-se no Capitolio um espectáculo com a colaboração da Orquestra Tipica Algarvia, e dos artistas Carmen Aubert, Maria Helena e Assis Pacheco, as «girls» de Janou, fados, e o filme «E's doido, mas quero-te».

—O sr. dr. José Galhardo, distinto advogado e director da Sociedade de Escritores Teatraes Portugueses, foi convidado pela Confederação Internacional das Sociedades de Autores a tomar parte na conferencia de juriconsultos, peritos em questões de Propriedade Literaria, que se realiza em Roma no dia 11 do corrente mês, mas foi forçado a declinar o honroso convite, por não poder ausentar-se de Lisboa na data indicada, em virtude dos seus afazeres profissionais.

«O Agente Secreto X-9», no Coliseu

Para compreensão dos leitores, começamos por transcrever o argumento de «O agente secreto X-9», o novo filme popular do Coliseu: «Uma quadrilha internacional, dirigida por Brenda, roubou as joias reais da Belgravia. As joias são depositadas num banco e o recibo é escondido num quadro, por um dos gatumos. Brenda é um homem misterioso e ninguém o conhece a não ser Blackstone, o seu braço direito. A Policia encarrega o agente X-9 da solução deste importante caso. O gatuno que escondeu o recibo morre durante uma perseguição da Policia e todos os quadros são revistados cuidadosamente. Shara, empregada na loja de quadros, é aliada do barão Karsten, membro da embaixada da Belgravia. Ela descobre o recibo e entrega-o ao barão. Brenda disfarça-se, imitando o barão Karsten, prende este e vai reclamar as joias. Mas o «X-9» é incansavel nas suas pesquisas e acaba por deslindar toda a meada, reaver as joias e deitar a mão aos criminosos. A Belgravia, confere-lhe a ordem de São Jorge, em sinal de reconhecimento. E Shara recompensa-o com o seu mais lindo sorriso».

Acrescentamos que o filme tem 24 episodios. E que o protagonista é desempenhado por Scott Koek, e Shara, a caixeira, é a loura-platina Jean Rogers, estando os restantes «papeis» de policia e ladrões a cargo de Henry Hunter, David Oliver, Larry Blake, Monte Blue, Henry Brandou, Lon Chaney Junior, filho do famoso actor, Beutley Hewlett, George Shelby, Robert Dalton, Leonard Lord, Robert Kortmann e Lyn Gilbert.

O espectáculo, que começa ás 21 horas, é todo preenchido pelo filme, de cunho policial e popular, tão perfeito que o publico, enchendo a vasta sala de espectáculos, vibra constantemente através dos 24 episodios e aplaudindo o triunfo da justiça, como é natural.—R.

As aventuras do «Agente Secreto X-9» entusiasma o publico do Coliseu

Scott Kolk, o heroi do grandioso filme de aventuras «O Agente Secreto X-9» que o Coliseu estreou ontem, conquistou dum golpe a simpatia do nosso publico. A sua actuação é formidavel. Os truques de que se serve para descobrir as joias roubadas, os esconderijos, as lutas no mar e em terra e as dezenas de empolgantes lances e a argucia extrema de que dá provas tudo isso entusiasma e faz deste filme o melhor do seu genero. Não deixem de o ver hoje. Sabado: «matinée».

CARTAZ

TEATROS

NACIONAL—A's 21 e 45—«Recompensa».

AVENIDA—A's 20 e 45 e ás 23—«O Pateta Alegre».

VARIEDADES—A's 20 e 30 e ás 23—«O Pardal de S. Bento».

CINEMAS

S. LUIZ—A's 21 e 30.
TIVOLI—A's 21 e 30.
POLITEAMA—A's 21 e 30.
TRINDADE—A's 21 e 30.
COLISEU—A's 21.
CAPITOLIO—A's 21.
CENTRAL—A's 21 e 30.
CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15.
CONDES—A's 21 e 30.
JARDIM CINEMA—A's 21.
LYS—A's 21 e 15.
ODEON—A's 21 e 15.
OLIMPIA—A's 14 e 30 e ás 21.
PALACIO—A's 21 e 30.
PARIS—A's 21 e 30.
REX—A's 21.
ROYAL—A's 21.
SALÃO IDEAL—Rua do Loreto.

CLUB MILITAR NAVAL

E' hoje que, no Club Militar Naval, o sr. dr. Antonio Emilio da Silva realiza a sua anunciada conferencia acerca da «Associação Maritima e Colonial, antecessora do Club Militar Naval», tema que permitirá ao dedicado cronista da Armada, mostrar, uma vez mais, os seus profundos conhecimentos da materia.

CONFERENCIAS

Amanhã, pelas 21 e 30, realiza na Sociedade de Geografia a sua ultima conferencia da serie «Evolução Social», que com tanto brilho tem levado a efeito, o antigo deputado sr. Camilo Rodrigues.

PROGRAMAS DE HOJE

S. LUIZ 2.ª semana
A Canção da Terra
A's 21 e 30
Telef. 2 7172

CONDES
A's 21 e 30
Telef. 2 7172

TRINDADE
A's 21 e 30
Telef. 2 0100

CAPITOLIO
A's 21 e 30
Telef. 2 0100

TERRASSE
A's 21 e 30
Telef. 2 0100

TIVOLI
A's 21 e 30
Telef. 2 7172

ODEON 2.ª semana
O Furacão
A's 21 e 15
Telef. 2 6 83

PALACIO
A's 21 e 30
Telef. 4 7163

ROYAL
A's 21 e 30
Telef. 2 6 83

JARDIM CINEMA
A's 21 e 30
Telef. 2 6 83

POLITEAMA ESTREIA
Honra Japonesa
A's 21, 15
Telef. 26305

CENTRAL
A's 21 e 15
Telef. 2 4381

PARIS
A's 21 e 15
Telef. 2 4381

REX
A's 21 e 15
Telef. 2 4381

LYS
A's 21 e 15
Telef. 2 4381

CASINO
A's 21 e 30
Telef. 2 4381

ESTORIL
A's 21 e 30
Telef. 2 4381

REX-BAR
A's 21 e 30
Telef. 2 4381

REX-BAR
A's 21 e 30
Telef. 2 4381

REX-BAR
A's 21 e 30
Telef. 2 4381

Tenha cuidado, muito cuidado com a sua saude

Não comprando á porta manteiga, que sendo o melhor produto da sua alimentação é também o pior, por ser de facil falsificação e facil de adquirir uma perigosa doenca para o seu estomago e intestinos, por ser tratado e transportado por pessoas sem condições de higiene e nada saudáveis. Não telefone também pedindo que lhe enviem manteiga a casa porque, havendo varias qualidades, lhe mandam a mais antiga e a que V. Ex.ª não gosta. Defenda o seu dinheiro e a sua saude, e vá á

Manteigaria A NUTRITIVA

prove as excelentes qualidades das suas manteigas de fabrico diario e verifique os seus preços:

Sem sal-Bela Portuguesa ...	18\$00
Meio sal-Bela Portuguesa ...	18\$00
Meio Sal-S. Romão ...	17\$00
Com sal ...	15\$00
Com sal ...	13\$00

Rua dos Correios, 243—LISBOA
(em frente á Praça da Figueira)

Retiro da Sequeira

Rua Antonio Maria Cardoso, 5
Telefone 2 5979

HOJE, as 21 horas
Noite da Moda — **Ercilia Costa, Maria Emilia Ferreira, Lucio do Carmo, Xavier Pinto, José Pereira e Armandinho.**
Amanhã — **Alfredo Costa**, concertista de viola.
Terça-feira — **Herminia Silva**.
Servem-se banquetes.
Experimente jantar no Retiro da Sequeira por 12\$00
Entrada franca.

Hoje cantam: **Adelina Silva, Adelina Ramos, Alfredo Duarte (Marceneiro) e José Tovar**
Orquestra Tipica Algarvia
Os bilhetes para o **Collete Encarnado** dão ingresso no **Parque Mayer** — Telef. 2 1568 e 2 7493
AMANHÃ: **ARRIAI PORTUGUÊS**

Salão Luso Artístico
Hoje grandioso programa, com **Margarida Pereira, Manuel Cascais e Lino Teixeira**. O Luso, e bem estar, ordem e economia.
Rua Nova da Trindade

PRESIDENCIA DO CONSELHO Supremo Tribunal Administrativo EDITOS DE SESENTA DIAS
Por editos de sessenta dias, a contar da segunda publicação deste anuncio, é citado o Consul de 2.ª classe em Liverpool, Antonio Borges de Figueiredo e Campos, para responder, querendo nos autos de recurso administrativo n.º 839, que foi interposto para o Supremo Tribunal Administrativo por Vasco Martins Morgado.

Secretaria do Supremo Tribunal Administrativo, em 4 de Fevereiro de 1938.
Verifiquei a exactidão:
O Presidente
Albino Reis
O Secretario
Antonio de Leite Cruz

VARIEDADES
HOJE: A's 8 e 45 e 11 horas
Uma opereta engraçadissima
O PARAL DE S. BENTO
Uma colossal interprete:
Beatriz Costa
O grande exito da actualidade por uma notavel companhia

O PATETA ALEGRE
Formidavel cartaz do teatro
AVENIDA
Todas as noites — A's 8,45 e 11 horas
E' uma comedia colossal que a companhia **Nascimento Fernandes** Representa magistralmente entre os maiores aplausos do publico

O mais distinto e confortavel da Capital, Esplendido serviço de bar com garantia de marca e selo de origem das bebidas. Magnifico serviço de cozinha, sob a direcção de um dos primeiros Chefes da Arte culinaria. Preços resumidos. Cerveja de pressão, sistema americano, a Esc 1850 o copo.
13, Rua Nova da Trindade, 15
T. 27391

UMA REPRESENTAÇÃO AO GOVERNO

Os proprietários dos campos do Mondego pedem providencias urgentes para a situação criada pelas cheias



O sr. ministro da Agricultura recebendo os lavradores dos campos do Mondego

O sr. dr. Rafael Duque, ministro da Agricultura, recebeu hoje, ao meio-dia, no seu gabinete, a comissão de vigilância e defesa dos campos do Mondego, composta pelos srs. dr. José Ferreira, presidente, D. Manuel de Almeida e Vasconcelos, conde de Fijó e Antonio de Canais Seco, que eram acompanhados pelo sr. capitão Domingos Calado Branco, governador civil de Coimbra.

Esta autoridade chamou a atenção do ministro para a situação aflitiva dos lavradores dos campos do Mondego, devido ao assoreamento provocado pelas cheias daquele rio.

O sr. dr. José Ferreira, depois de enaltecer as qualidades do sr. dr. Rafael Duque, disse: —V. Ex.^a sabe que a bacia do Mondego é das regiões mais ricas do país. Pois se não tomarem providencias, essa riqueza perder-se-á, levando a fome a toda aquela gente.

Disse que a situação ali é já desoladora, apesar dos esforços feitos pela Junta Autónoma da Hidráulica Agrícola e pela junta do rio Mondego para a elaboração dum projecto que solucione o problema. E terminou dizendo que a situação dos campos do Mondego não comporta demoras, pelo que são necessárias medidas urgentes, embora de caracter provisorio.

O sr. capitão Domingos Calado Branco solicitou que os srs. ministros da Agricultura e das Obras Publicas e Comunicações visitassem os campos do Mondego.

O sr. ministro respondeu á comissão que não podia, neste momento, pronunciar-se acerca das obras a realizar no vale do Mondego para defesa das terras e a que se referia a exposição dos comissionados, visto a sua execução pertencer a outro ministerio. Podia, no entanto, esclarecer que, nos termos da lei e em conformidade com os metodos de trabalho do governo, as obras de maior envergadura têm de constar de planos gerais a que a execução de quaisquer projectos deve ser ordenada pela sua importancia economica e social, e ainda segundo as disponibilidades do tesouro.

O sr. ministro da Agricultura disse mais que estimaria, pois, nesta qualidade, que os pedidos formulados pelos lavradores daquela região coubessem na orientação administrativa acima definida e que, nesse caso, pudessem ser satisfeitos.

O sr. ministro terminou agradecendo á comissão os seus cumprimentos e prometeu a sua colaboração para o estudo dos pedidos e sugestões apresentados.

Em seguida, foi entregue ao ministro a copia da representação dirigida ao chefe do governo, que conclui por estas palavras:

«Os proprietários e lavradores dos campos de Coimbra vêm, muito respeitosamente, solicitar do Senhor Presidente do Conselho de Ministros que, sem embargo do interesse que lhe merece a solução definitiva deste caso, ordene sejam urgentemente applicadas, para salvaguarda dos campos do Mondego, as seguintes medidas: inscrição, no respectivo orçamento, de uma verba anual, correspondente ao custo das obras, para conservação e reforço das motas do rio Mondego, a juzante de Coimbra; tapagem do citado canal; regularização dos leitos do rio velho, Vagem Grande e Vala da Cova, por forma a poderem receber as aguas excedentes do rio novo, sem perigo de assoreamento para os campos marginaes; isenção da pagamento das respectivas contribuições relativas aos predios que, por virtude dos assoreamentos, não podem ser cultivados».

Às 13 horas, a mesma comissão foi recebida pelo ministro interino das Obras Publicas e Comunicações, sr. professor Manuel Rodrigues, tendo usado novamente da palavra os srs. capitão Domingos Calado Branco e dr. José Ferreira.

O sr. dr. Manuel Rodrigues disse que se está procedendo aos estudos necessarios para a indispensavel regularização das aguas do Mondego. Acrescentou compreender que seja necessaria qualquer solução urgente de caracter provisorio, visto que as obras de hidraulica agricola de caracter definitivo levam sempre largo tempo a realizar-se. Anunciou que já tomou providencias para resolver a situação criada pelo estrangulamento do Mondego na zona de Goulão, e que se estudará convenientemente uma solução geral para o problema.

Às 16 horas, os membros da referida comissão estiveram na Presidencia do Conselho, na Assembléa Nacional, onde foram recebidos pelo sr. Leal Marques, chefe do gabinete do chefe do governo, a quem entregaram a representação dirigida ao sr. professor Oliveira Salazar.

Tambem foi entregue uma copia da referida representação ao sr. professor José Alberto dos Reis, presidente da Assembléa Nacional.

Na Assembléa Nacional

O caso foi hoje discutido

A sessão de hoje na Assembléa Nacional abriu ás 16 e 15, respondendo á chamada 54 aos males que flagelam essas terras.

Na ordem do dia figura em primeiro lugar, antes da continuação do debate sobre a reforma do ensino primario, o aviso prévio do sr. comandante Freitas Morna acerca do problema do Mondego e necessidade immediata de solução para o estado de cousas presente que ameaça de ruína os campos de Coimbra, sendo alarmante a situação desses campos, sepultados em vastas areas por novas avalanches de areia, especialmente os campos do Bolão e da Géria, proximo de Antazude e de S. João do Campo, calamidade a que urge acudir, dando remedio aos males que flagelam essas terras.

O sr. comandante Alvaro Morna que citou a emoção com que Frei Luiz de Sousa já em meados do século XVII se referia ás enchentes do Mondego e á ruína dos campos de Coimbra, e as ruínas dos conventos daquelas margens, como o de Santa Clara onde viveu a rainha Santa Isabel.

O orador, citando as palavras de Frei Luiz de Sousa, para concluir que já no século XII, em tempos de D. Afonso Henriques, as cheias do Mondego atingiam a ponte de então. Se Frei Luiz de Sousa resuscitasse e viesse até nós, poderia repetir ainda aquelas suas palavras clarividentes, porque após trezentos anos acontece o mesmo, que tenha que deixar de acontecer—disse—afirmando que os campos de Coimbra, o rincão que forma o vale do Mondego, com area superior a 16.000 hectares continuam arruinados pelo Mondego que outrora fertilizou a região.

O sr. comandante Alvaro Morna, afirmando que o problema não deve ser encarado apenas como interesse regional, mas sim como interesse nacional, de caracter humano, com aspectos philosophicos, e até como problema historico.

Após a sua notavel digressão historica, o sr. comandante Alvaro Morna entrou na pormenorização do problema, sendo escutado com grande interesse por toda a Assembléa.

O CRIME DA TRAFARIA

Apresentou-se á prisão em Almada

um dos supostos criminosos

ALMADA, 7. — (Pelo telefone). — Esta manhã apresentou-se na cadeia desta villa, Manuel Eduardo Coelho, aquele individuo implicado no crime da Trafaria que as autoridades ha dias procuravam. Dirigindo-se ao carcereiro, o Coelho fez-lhe a seguinte declaração:

— Meta-me lá para dentro. Sou eu o homem do crime da Trafaria. Isto é tudo causado pelo vinho.

O carcereiro tomou conta do preso e conduziu-o ao tribunal onde o juiz da comarca, sr. dr. Alvaro Pinheiro de Almeida, estava procedendo a um julgamento.

O Coelho apresentava-se andrajosamente vestido e com os dedos ainda envolvidos em algodão.

O sr. dr. Pinheiro de Almeida iniciou o interrogatorio, por volta das 16 horas, tendo sido transportados para o edificio do tribunal alguns dos objectos apreendidos quando da descoberta do crime.

O Manuel Eduardo Coelho, segundo declarações que fez no acto da prisão, fugiu para Setúbal depois do crime, conservando-se até agora nesta cidade.

Em seguida ao interrogatorio do criminoso, o sr. dr. Pinheiro de Almeida deve proceder a uma acareação, sendo auxiliado nestas diligencias pelo delegado da comarca, sr. dr. Lopes Cardoso.

Às 17 horas, chega-nos a noticia de que ambos os acusados confessaram o crime.

Eleições em Inglaterra

O circulo de West-Fulham elegeu uma senhora

LONDRES, 7.—A eleição no distrito de West-Fulham (Londres), vaga pela morte de sir Cyril Coby, deputado conservador, foi ganha pelo candidato trabalhista, que obteve aproximadamente mil e quatrocentos votos mais que o candidato conservador.

Depois de 1935 os conservadores já ganharam em quarenta eleições supplementares vinte e oito lugares, a opposição treze e os independentes dois distritos eleitorais.

LONDRES, 7.—Os trabalhistas e dum forma geral os adversarios da politica de Chamberlain a altas horas da noite entregaram-se a manifestações entusiasticas nas ruas de West-Fulham por causa da victoria obtida ontem por mrs. Summerskill, candidata trabalhista.

A nova eleita, que será a 12.^a mulher a sentar-se nas bancadas da Camara dos Comuns, declarou depois da sua eleição: «Fui eleita, porque os eleitores de Fulham, que exprimiram o sentimento da nação pela primeira vez depois da demissão de Eden, não têm confiança na politica externa do governo. O governo deve mudar de politica ou demittir-se». — (Havas).

O PORTO pelo telefone

Sonegação de bens

PORTO, 7.—Maria da Conceição, viuva, residente na rua de Montalegre, queixou-se á Policia de que uma senhora moradora na rua da Boa Vista e um comerciante de carnes do mercado do Bolhão se apoderaram ilegalmente de bens pertencentes a um filho seu, já falecido, os quais atingem a importancia de 15 mil escudos.

Ministro das Colonias

Experimentou sensiveis melhoras o sr. ministro das Colonias dr. Francisco Vieira Machado, que há dias se encontrava doente e que já hoje deve ir ao seu gabinete.

Emilia de Jesus Proença

F. LECU

Luiz Joaquim Proença, Adelinha de Jesus Proença e Laur. Proença participam a todas as pessoas de suas relações e amizade o falecimento da sua filha e irmã, e que o seu funeral se realiza amanhã pelas 10.30 horas, da Travessa da Peixeira, n.º 30, rpe. dir. para o cemiterio do Alto de S. João.

AGENCIA SALGADO

O NOSSO

UM ANO DE do Diario

Entra o Diário de Lisboa no seu decimo oitavo ano.

Ha dezassete anos que a redacção deste jornal traça, em 7 de abril, um breve resumo da sua actividade.

O que mais nos desvanecce é a coerencia profissional, a igualdade no processo e no sistema, e a mesma obediencia de sempre ao pensamento criador do Diário de Lisboa, cujo director escrevia em 1936:

«Dentro da vida nacional pretendemos oferecer aos que nos têm não divergencias, mas pontos de contacto.»

E a par desta disciplina mental, naturalmente observada, mais grato é, acima de tudo, o podermos assinalar que o dever que se cumpre, com jubilo, que é uma expressão serena da consciencia, não nos é imposto: nasce de um conjunto de idéas e de formulas, leais para o publico; corresponde a um bem de raiz que principiou por nos advir do primeiro artigo de fundo de Joaquim Manso, em 7 de abril de 1921.

* * *

Um jornal—e o Diário de Lisboa não foge á regra—reflete a vida exterior, não só a da Nação como a do mundo alheio. E assim não admira que este jornal da noite, improvisado quasi pela força dos acontecimentos, ao folhearem-se as suas paginas de cinquenta e duas semanas de labor de redacção, se note pejado de noticiario internacional, a projecção jornalística da febre, das incertezas do que vai pelas cinco partes do globo.

Esta circunstancia, agravada do que já sucedia de 1935 para 1936, deu relevo á nossa secção internacional. Sem orgulho, que a um jornalista não deve nunca caber, mas com a satisfação que não somos obrigados a dispensar, se verifica que os nossos serviços do estrangeiro—quer na transmissão do noticiario das agencias, na selecção dos materiais, no comentario dos acontecimentos que o mereceram, e no desenvolvimento ajustado á importancia de cada facto—foram de molde a satisfazer todos os publicos, pela imparcialidade e correção, e a explicar, já não queremos escrever a justificar, a simpatia que os nossos leitores sempre dispensaram ao Diário de Lisboa.

A guerra de Espanha, a luta na China, as conferencias internacionais, os mil aspectos dos entendimentos e desentendimentos entre os Estados; os acontecimentos felizes—porque nem tudo foram tragedia ou incerteza—, ficaram no nosso jornal como num arquivo, illustrados por reportagem fotografica muitas vezes adquirida com esforços que ao publico escapam.

Queremos assinalar, neste ultimo capitulo, a Coroação do rei Jorge VI, e a reportagem do nosso enviado especial, Mauricio de Oliveira, a Londres, por ocasião desse facto, e a revista naval de Spithead, e a reportagem da Exposição Internacional de Paris, e em especial do nosso pavilhão, devida a Artur Portela.

Aos acontecimentos nacionais dedicámos a maxima atenção, relevo quando foi mister, deslocando enviados especiais desta redacção quando os factos se desenrolaram fora de Lisboa.

A politica dirigente—a politica da Nação—e todos os actos a ela ligados; a vida cultural em todos os sectores das letras, ciencias, arte, ensino e propaganda; quanto disse respeito ao Exercito e á Marinha, á Assembléa Nacional, á economia e á finança, á vida e acção coloniais, ás actividades produtoras—ficou atestado em paginas do nosso jornal.

JOIAS E PRATAS
QUE SE DISTINGUEM
MIRANDA
& FILHOS 50 CHADO, LISBOA

às 5 horas chá
PATISSERIE VERSAILLES

UNIVERSARIO

ACTIVIDADE de Lisbôa

Nomeadamente para citar o noticiário do Cruzeiro de Férias dos estudantes das Colónias, as romagens nacionalistas a Sagres, a Exposição Histórica da Ocupação e o Congresso que se lhe seguiu, as viagens do Chefe do Estado ao Porto, a Beja e a outras cidades, a iniciativa do monumento ao Infante D. Henrique—que ao Diário de Lisboa pertence e vai ter o seu coroa-mento—; as paradas, cortejos e cerimónias da Legião, da União Nacional e Mocidade Portuguesa; as visitas ao Tejo de esquadras estrangeiras, o Dia da Marinha, o IV Centenário da Universidade de Coimbra, o inter-câmbio luso-brasileira, a Missão Estética de Férias em Tomar, os exercícios militares do Alentejo, as eleições municipais em todo o país, o centenário de Gil Vicente, o centenário do porto de Lisboa, a Exposição Teatral no Museu das Galveias, etc., etc.

As manifestações populares em todos os seus aspectos, sobretudo no que tem expressão artística, mereceram aos nossos redactores um carinho nunca desmentido; assim o Cortejo Folclórico, o Concurso do Cacho Dourado e Festas Vindimárias, as romarias típicas e festas características, como as da Murtosa e da Caparica.

Jornal de Lisboa, acentuadamente lisboeta não apenas no seu título—tudo quanto diz respeito à capital, quer no aspecto artístico e patrimonial, quer no que se prende com urbanismo e vida do Município, administrativa e renovadora, quer no que corresponde a aspectos exteriores, decorativos e populacionais, teve neste jornal um desenvolvimento adequado, servido pela maior boa vontade de acertar. Os «Amigos de Lisboa», quer os do grupo fundado em sequência de uma nossa iniciativa de há 12 anos, quer os não agrupados, encontraram neste jornal o seu órgão de propaganda e de defesa.

A literatura, as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, o desporto, a tauromaquia—tudo quanto alegre e instruí—se acolheu em centenas de artigos críticos e muitas centenas de reportagens. Os nossos Domingos desportivos—realizados «contra o relógio», mantêm as suas tradições.

O «Suplemento Literário», dirigido com critério que satisfaça todas as escolas e correntes, sem um desfalecimento, acompanhou todas as manifestações culturais; podemos mesmo dizer que constitui um elemento de estímulo e de crítica séria.

O «dia a dia», o «fait-divers» chegou ao público dentro dos limites do espaço e das horas, desdobrando tiragens sempre que os acontecimentos o impunham.

* * *

Não é, afinal, o «Diário de Lisboa», no labor da sua redacção, administração e serviços técnicos, diferente dos outros jornais. Todos eles são um arquivo.

Nada nos impede, contudo, num costume tradicional que nos é agradável, de reviver este ano de trabalho, verificando que todos estamos no mesmo posto, obedecendo a uma norma de trabalho que tem por fundo a alegria natural e espontânea, e por guia um espírito de eleição, orientador e director dentro do qual todos os outros se integram.

Vamos fazer o 18.º ano do Diário de Lisboa. Se a um jornalista, que é simples narrador, pouco mais do que espectador, permitido é ter aspirações—todos temos uma: que daqui a um ano, quando tomarmos esta rubrica, não tenhamos que folhear «tanta guerra» numa missão que é fundamentalmente de paz.

VICIAÇÃO DE SELOS

Vão ser examinados 3.000 livros comerciais selados de 1935 a 1937

Ha tempos, a Direcção Geral de Contribuições e Impostos mandou porcer a uma fiscalização nos selos fiscais apostos em varios processos judiciais, uns que já haviam transitado em julgado e outros que aguardavam o tempo necessario para serem arquivados. Em resultado desse exame, encontraram-se selos avariados nuns processos e colocados noutros e para encobrir a sua falta foram colocados selos de 1500 e de 2550. O caso foi participado á Policia de Investigação e o sr. dr. Abranches Martins nomeou os agentes Armelino e Tavares para procederem ás investigações necessarias.

Imediata foi a prisão de varias pessoas, que depois se provou nenhuma culpa culpa terem.

Por fim, foram presos os viciadores dos selos fiscaes, que eram o continuo do tribunal do Comercio Augusto Pires Tavares, de 68 anos, e o ajudante do contador Eduardo Borges Rocha, que desde outubro de 1935 praticavam a burra. Era o ultimo quem arrancava dos processos os selos fiscaes para depois os vender por metade do seu valor ao continuo, que os vendia por sua vez, depois de os lavar.

Mas não era só nos processos que isto succedia. Tambem nalguns livros comerciais selados o referido individuo colocava selos retirados de processos nas mencionadas condições.

Cerca de 3.000 comerciantes, representantes de companhias e casas bancarias foram intimados a comparecer no Torel com os respectivos livros selados para se verificar se contém selos viciados.

Hoje já passaram 60 pessoas pelo Torel para esse fim.

A Policia averiguou que o continuo Augusto Pires Tavares recebia mensalmente cerca de 2.500 escudos de percentagens da venda de selos fiscaes em boas condições, o que, juntamente com o seu ordenado, lhe permitia ter uma situação de desafogo, que de forma alguma justifica o seu acto criminoso. Possui tambem quatro predios, que vão ser arrolados.

TROCA DE MEDICAMENTOS

Não tem a importancia que se lhe attribuiu a troca de medicamentos a que ontem fizemos referencia e que hoje, melhor informados, pedemos esclarecer completamente.

O caso passou-se deste modo:

O sr. dr. Julio Tavares receitara, em letra bem legivel, «quinisina», um a dois comprimidos. Trata-se dum remedio anti-gripal com base de quinina para uso interno. A farmacia onde apresentaram a receita para despachar não tinha aquele medicamento e fez uma requisição a outra farmacia, pedindo «quinisina», produto que não existe, em vez de «quinisina». Supondo que tivesse havido engano e que o produto requisitado fosse «chineso», que tem largo consumo no mercado como bactericida, o farmaceutico enviou esse remedio, sem saber a que uso se destinava, pois não lhe fora enviada a respectiva receita, unico documento pelo qual podia verificar a natureza e o emprego do medicamento que lhe era requisitado.

Convém esclarecer que o «chineso», desinfectante energico que se usa em muitos casos, não tem acção deletaria quando tomado na dose de um comprimido de meio grama; portanto, nenhum perigo correu a criança que esteve para o tomar. Mas, como não tem, geralmente, emprego interno, era sempre desagradavel tomar um bactericida em vez dum comprimido de quinina, inofensivo e anti-gripal.

O CHEFE DO ESTADO VISITOU

o Centro Maternal e Infantil do Alto do Varejão

O sr. Presidente da Republica, sua esposa e filha visitaram esta tarde a interessante instituição que é o Centro Maternal e Infantil do Alto do Varejão, onde eram aguardados pelo sr. dr. Manuel Vicente Moreira, seu director e fundador, pelos professores Azevedo Neves e Moreira Junior e por numerosas senhoras que protegem a instituição.

O sr. general Carmona percorreu todas as modelares dependencias do Centro Maternal manifestando a sua excelente impressão por tudo quanto tinha occasião de admirar e que revelava uma admiravel organização de serviços e os mais louvaveis objectivos.

A creche tem lotação para trinta crianças filhas de operarios.

Dr. Balbino Rego

Reassumiu o seu lugar de director do Posto Antropometrico do Governo Civil o sr. dr. Balbino Rego, que entrou em franca convalescência da doença que ultimamente o reteve em casa.

ALTOS CARGOS DO ESTADO

NA POSSE DO NOVO DIRECTOR GERAL da Assistencia Publica

o sr. ministro do Interior pronunciou um importante discurso



O sr. ministro do Interior, proferindo um discurso, no acto de posse do novo director geral da Assistencia

Tomou hoje posse, pelas 13 horas, do cargo de director geral da Assistencia, que vai exercer interinamente, o sr. Alberto Mira Mendes, provedor adjunto da Misericórdia de Lisboa.

O acto realizou-se no gabinete do sr. ministro do Interior, dr. Mario Pais de Sousa, que rapidamente se encheu de pessoas de elevada categoria, entre as quais nos recorda ter visto o sr. general José Vicente de Freitas, governadores civis de Portalegre, Aveiro, Evora, Horta e Coimbra, dr. Mario Cais Esteves, dr. José Alberto de Faria, coronel Nepomuceno de Freitas Antonio Bebião, dr. João Pereira Dias, director geral das Belas Artes e do ensino superior, deputados dr. Manuel Ribeiro Ferreira, dr. Madeira Pinto e dr. Camarate de Campos; dr. Vicente de Vasconcelos, dr. Augusto da Fonseca, dr. Sousa Gomes, dr. Eurico Serra, dr. Cortês Pinto, Julio Caiola, Manuel da Gama, Cruz Filipe, dr. José Matos Cid, etc.

O sr. dr. Mario Cais Esteves leu a acta e o empossado, sr. Mira Mendes, prestou depois o compromisso de honra.

Em seguida, o sr. ministro do Interior pronunciou um notavel discurso, que foi ouvido com o maior interesse e no qual se occupou, com erudição e uma grande clareza, do problema da assistencia. E'nos impossivel acompanhar «pari passum» o pensamento do ilustre homem publico, do qual damos apenas as passagens essenciaes.

Supunha—afirmou o sr. dr. Pais de Sousa—que esta posse fosse simples, como tantas outras, mas a presença de pessoas de tão alta situação, com posição de primeira plana no país, vem dizer-nos que o acto do Governo nomeando interinamente o sr. Mira Mendes para o cargo de director geral da Assistencia, teve repercussão. A posse transformou-se num acontecimento.

O problema da assistencia publica é fundamental, e ha que reatar a tradição, entregando-a em grande quinhão aos particulares.

Ouço, ás vezes, pedir uma reforma da Assistencia Publica. Nós temos realizado muitissimo, reformado no bom sentido da palavra, mesmo sem Reforma...

Falando pausadamente, em tom sereno, com simplicidade mas com elegancia verbal, o titular da pasta do Interior fez uma síntese rapida do que o seu ministerio tem feito, nos asilos e nas escolas de assistencia do Estado, afirmando que, quem se der ao trabalho de visitar esses

estabelecimentos, sobretudo em Lisboa, lhe encontrará diferenças profundas e essenciaes.

Defendendo a adopção das medidas restritivas, no tocante a entradas nas casas de assistencia, que tem dado belos resultados, o sr. dr. Pais de Sousa citou depois—em alegação da sua tese—algumas obras de assistencia como o Asilo de Velhos da Mitra, instituição particular por detrás da qual está a Policia, que alberga 1.000 a 1.200 velhos.

O sr. ministro do Interior disse depois que o governo acabava de praticar um gesto de alta transcendencia social: a entrega do velho edificio de Campolide ás Irmãs das Pobres, o que poderá contribuir para o descongestionamento dos estabelecimentos de protecção á velhice.

A seguir afirmou que circunstancias estranhas á sua vontade, impediam que tivesse consagrado á assistencia toda a sua atenção. Todavia—frisou—um grande empreendimento está em marcha: a construção dum leprosario, que recolherá tantos leprosos quantos possivel.

A Reforma da Assistencia Publica—afirmou o sr. ministro—ha-de coroar tudo quanto se está a fazer, embora sem grandes alardes, com obras que se chamam a Campanha de Auxilio aos Pobres de Inverno, a Defesa da Família, além doutras, e do auxilio dispensado á pobreza pela Misericórdia de Lisboa.

Antes de terminar o seu belo discurso, muito aplaudido, no qual o sr. dr. Pais de Sousa revelou um conhecimento profundo do problema, o orador referiu-se elogiosamente á actividade e ás qualidades do sr. Mira Mendes.

Este agradeceu, a seguir, as palavras que o sr. ministro do Interior lhe dirigiu, afirmando:

«Procurarei ser merecedor da escolha do meu nome para o alto lugar. Cumprir-lo-ei com o mais decidido esforço, dedicação e lealdade, conscio das responsabilidades que me cabem pelo seu desempenho. Estou certo que, sob as directrizes do sr. ministro do Interior, poderei corresponder ás necessidades do cargo.

Sou um dos primeiros soldados do Estado Novo, ainda que o mais modesto, e tentarei seguir o exemplo de Salazar, o nosso Chefe.

Só serve bem quem procura atingir o bem de Portugal. Quando sair da assistencia, se tiver a consciencia tranquila, então, sim, poderei afirmar que — bem servi.

Os presentes assinaram o auto de posse, felicitando o novo director geral, que hoje mesmo assumiu as suas funções.

TRIBUNAIS

Na Boa Hora

Foi julgada, no 7.º Juizo Criminal, Maria Adelia Campos, acusada de, no dia 10 de feveiro de 1931, ter furtado a Antonio Quirino, com quem vivia, titulos e valores na importancia de 200 contos. A ré foi absolvida.

Funcionalismo publico

Por ter passado a situação de licença familiar o sr. dr. Jose Cabral director geral dos serviços Juridicaes de Menores, do ministerio da Justiça, foi nomeado interinamente para o substituir o sr. dr. Afonso Salaviza.

JOALHARIA CUNHA

197, Rua Aurea, 20 - LISBOA
Telefone 2 6720

J. DIAS PRATAS

Agradece a vista antes de firmar qualquer compra

Teatro Nacional

As 21 e 45

Uma grande peça por uma grande companhia

RECOMPENSA

Talvez não saiba

... QUE O 33

TUDO SABE E TUDO INFORMA

ALGUNS EXEMPLOS:

- PREGUNTA:** — Qual a distancia kilometrica que existe da Covilhã ás Penhas da Saude e da Nave de Santo Antonio á Torre?
- RESPOSTA:** — Da Covilhã ás Penhas da Saude são aproximadamente 15 quilometros e da Nave de Santo Antonio á Torre 7 quilometros.
- PREGUNTA:** — A que país pertence o principado de Lickenstein?
- RESPOSTA:** — Pequeno principado da Europa Central, entre o Tyrol e a Suíça — 159 quilometros quadrados — 9.500 habitantes, capital Vadery, a qual tem 1.200 habitantes.
- PREGUNTA:** — Qual é a corrente electrica em Ponta Delgada e no Funchal?
- RESPOSTA:** — Na cidade de Ponta Delgada 110 corrente alterna, mas ha outros pontos em que é 220 alterna. No Funchal é 220 corrente contínua.
- PREGUNTA:** — Qual é a maior e menor largura do Rio Tejo perto de Lisboa?
- RESPOSTA:** — A menor largura perto de Lisboa é do Mercado da Ribeira Nova ao pontal de Cacilhas, 1.850 metros. Da Fabrica do Gás em Belem ao Lazareto, 1.650 metros. A maior largura perto de Lisboa é do Cais de Santa Apolonia á estação do Barreiro, 6.500 metros.
- PREGUNTA:** — Onde pode ser enterrado um cãozinho que morreu?
- RESPOSTA:** — No Jardim Zoologico.
- PREGUNTA:** — Se se pode ir levantar um casal de perús na estação do Sul e Sueste, que veio do Alentejo?
- RESPOSTA:** — Pode-se ir levantar até ás 17 horas.
- PREGUNTA:** — Qual é o nome da filha mais nova da princesa Juliana?
- RESPOSTA:** — Chama-se Beatriz e é filha única.
- PREGUNTA:** — Em que hotel se hospedou a artista Joan Warner?
- RESPOSTA:** — No Avenida Palace.
- PREGUNTA:** — Se um militar que está na Madeira e quer fazer serviço em Lisboa, o pode fazer, e que documentos precisa para realizar o seu desejo?
- RESPOSTA:** — Fazer um requerimento ao Sr. Ministro da Guerra e entregá-lo no Regimento ao Comandante.
- PREGUNTA:** — Em que ano morreu a Rainha Victoria de Inglaterra?
- RESPOSTA:** — Nasceu em 1819, foi coroada em 1837 e faleceu em 1901.
- PREGUNTA:** — O que é preciso fazer para uma pessoa de 18 anos se emancipar?
- RESPOSTA:** — Dirigir-se á Repartição do Bairro a que pertence, e pagar 200\$00.
- PREGUNTA:** — Quantas horas tem de voo o aviator Lindbergh?
- RESPOSTA:** — Deve ter aproximadamente 3.000 horas.

Se bem que não seja, nalguns casos, esta a verdadeira missão da **Secção Informativa Telefonica (S. I. T.)**, a tudo responde **pelo preço de uma chamada local** a Companhia dos Telefones (33). Mas a sua utilidade em horários, preços, tabelas, informações urgentes regista-se pela média diária de 400 perguntas. Use o **33**.

Não vá . . . telefone . . .

COMPANHIA DOS TELEFONES

Rua Nova da Trindade, 43 — LISBOA

Funerais e Transferências
Agência M. Ferreira dos Santos
 RUA DE ARAÚJO, 111 — Tel. 41987
SERVIÇO PERMANENTE

NOTÍCIAS DO BRASIL

O uso da ortografia oficial

RIO DE JANEIRO, 7.—O interventor de S. Paulo, sr. dr. Cardoso de Melo Neto, tornou obrigatório, nas repartições oficiais deste Estado, o uso da ortografia resultante do acordo entre as Academias Brasileira de Letras e das Ciências de Lisboa, e informou o público de que não será permitida, depois de junho de 1939, a edição de livros didáticos em ortografia não simplificada.—(S. P. N.).

A luta anti-tuberculosa

RIO DE JANEIRO, 7.—O governo, por intermédio do ministério da Educação, autorizou a Liga Brasileira contra a Tuberculose a imunizar, por meio de vacina, 100 mil crianças.—(S. P. N.).

A cultura do algodão

RIO DE JANEIRO, 7.—Em face do grande desenvolvimento que a cultura do algodão tem tomado no Brasil, nestes últimos anos, as autoridades com responsabilidades na super-produção, à frente das quais se encontra o sr. João Maria Lacerda, membro do Conselho do comércio interior, estão estudando a possibilidade de se efectuar um inquérito a respeito daquele momentoso problema.—(S. P. N.).

RAPOSAS

Argentées e de todas as outras qualidades. O maior sortido e os melhores preços. CASA DA SIBERIA, Rua Augusta, 254, esquina de Santa Justa.

Na prisão de ventre

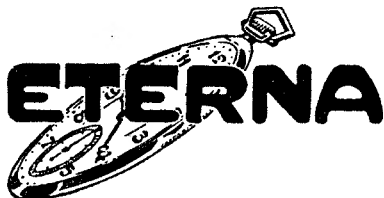
DRALAX

AGUA DAS LOMBADAS

Água quimicamente puríssima, pouco mineralizada e fortemente gazo-carbonica

(conclusão da análise feita pelos serviços Laboratoriais da Junta Geral de Ponta Delgada)

Preferi sempre o relógio



Maravilha da técnica

Nas boas relojarias e ourivesarias

ESTRANGEIRO

Incidentes entre suíços e alemães

por causa do plebiscito austriaco

BERLIM, 7.—O «Berliner Boersen Zeitung» informa da cidade de Arbon que alguns alemães do Reich, que se tinham reunido num restaurante para preparar a sua viagem à Alemanha por ocasião do plebiscito, foram atacados numa forma revoltante por marxistas suíços, e maltratados. O restaurante foi tomado de assalto pelos marxistas depois de o terem cercado. Quatro agentes de polícia apareceram depois do terceiro apelo telefónico e puseram-se a discutir com os chefes dos vermelhos sobre a partida dos alemães em segurança. Os alemães puderam, enfim, sair e atravessaram a praça pública em frente do restaurante no meio dos apupos dos marxistas. Vários alemães foram atacados quando regressavam a suas casas, e maltratados e ameaçados de morte.

O «Berliner Boersen Zeitung» escreve a propósito disto:

«Nós estamos persuadidos de que o governo suíço não deixará de, em relação com os acontecimentos revoltantes de Arbon, reparar a fraqueza da polícia desta cidade, punir os malfetores marxistas e tomar as medidas preventivas necessárias para que os alemães que vivem na Suíça e cuja atitude leal para com o país hospitaleiro está fora de discussão, não tornem a sofrer enxovalhos dos marxistas. Estes alemães têm o direito de pedir que a hospitalidade lhes seja garantida pela Suíça não só formalmente mas também na prática. Era também para desejar que este incidente desse lugar a que o governo suíço se ocupe do novo recomeço da actividade agressiva da imprensa tendenciosa marxista, que também foi cúmplice do incidente de Arbon e que tinha provocado já uns dias antes a população instigando-a a actos de violência contra os alemães».—(D. N. B.)

CARPETES DE CAIRO

O orgulho da Indústria Nacional, longa duração e qualidade garantida, em todas as dimensões, desenhos e cores, encontra V. Ex.ª na Casa das Mobílias Alentejanas e Modernas.
 2/9, rua da Moura, 51 Tel. 26536

O petróleo mexicano

Apareceram numerosos compradores

MEXICO, 7.—O ministro das Finanças convidou o director geral da Companhia Exportadora de petróleo a reter 20 por cento de todas as vendas de petróleo ao estrangeiro. Estes 20 por cento destinam-se a constituir um fundo para a indemnização a pagar às companhias petrolíferas expropriadas.

Rickett e Smith continua as conversações com o ministro das Finanças. Uma alta personalidade do ministério declarou:

«Os candidatos a compradores de petróleo mexicano são numerosos. Todas as ofertas são atentamente estudadas, não se tendo feito nenhum acordo, até agora. No entanto pode considerar-se provável a conclusão dum contrato com Rickett e Smith, que representam capitais importantíssimos e estão dispostos a comprar a maior parte da população mexicana. E' no entanto prematuro fixar-se a quantidade de petróleo que será vendida em 25 milhões de barris».—(Havas)

NOVA YORK, 7.—Em correspondência do Mexico o «New York Times» diz que brevemente serão enviados para a Alemanha 1.080 mil barris de petróleo mexicano em pagamento parcial de material alemão recentemente chegado ao Mexico.—(Havas)

Velocidade
 exigencia do nosso tempo

Gevaert EXPRESS SUPERCHROM

O film que capta a velocidade!

Representantes: Garcer, Lda Chiado - Lisboa



CONTRA OS RESFRIAMENTOS GRIPES, CONSTIPAÇÕES

TOGAL é o remédio de resultados mais seguros. Pode ser tomado com toda a confiança em qualquer idade, pois é inofensivo. Actua rapidamente sem causar prejuizos. TOGAL ataca directamente a origem do mal. A venda em todas as farmacias. Frasco, 10\$00, frasco triplice, 22\$00. É um produto da Togalwerk Zürich

DIABETICOS

E' imperdoavel actualmente ficar-se diabetico



Para curar a diabetes não existe na ciência moderna processo mais certo e eficaz que as curas fito-terapicas (tratamento pelas plantas).

Dr. Aribert de Jax (Paris)

Aconselhamos o «GLYSANE» composto de 15 plantas naturais reconhecidas pelos eminentes especialistas como a medicação mais eficaz para lutar contra as causas da diabetes e cura-la

Cada pacote grande de «GLYSANE» Esc.: 25\$00 (pelo correio sem mais despesas). — Agente em Portugal: A. Travassos - Rua D. Estefania, 3-2.º C. — Telefone 5 0520.

FORD

Todas as peças aos melhores preços
AUTO GERAL
 175, RUA EUGENIO DOS SANTOS, 177
 Telefone 24051



A sua qualidade nunca sofre alteração — eis porque fumo

CRAVEN "A"

CIGARROS 100% VIRGINIA
 Especialmente fabricados para evitar afecções de garganta
 CARRERAS LTD. LONDRES
 150 ANOS DE REPUTAÇÃO, PELA SUA MAGNIFICA QUALIDADE

HOTEL INTERNACIONAL

No coração da cidade, a 2 minutos da Estação do Porto (S. Bento) e a 10 metros da Praça da Liberdade. Ao lado da Garagem Comércio do Porto
 Rua do Almada, 131 PORTO Telefone, 5032

Na prisão de ventre

DRALAX

PASTELARIA COLOMBO

Lanches para casamentos e baptizados
 Banquetes

O melhor sortido em pastelaria e charcuterie
 Primoroso e exclusivo fabrico de amendoas de chocolate e leite

Avenida da Republica, 10

Telef. 49225

PATISSERIE VERSAILLES

O Salão de chá preferido
 pela Sociedade Elegante

Ambiente agradabilissimo

Av. da Republica, 15-A

Telef 4 6340

Xanthia

O cigarro da Elite

N.º 1 — 5\$50

N.º 2 — 4\$50

ULTIMAS NOTICIAS**Super som**

- DA -

EMERSON RADIO CORP.

Ouçam! Examinem! e Confrontem

O melhor receptor da T. S. F.

Rua da Conceição, 35-1.

A GUERRA CIVIL EM ESPANHA**Barcelona já esteve ontem sem luz electrica****em virtude das tropas nacionalistas dominarem os rios que geram a energia****A marcha das operações**

SALAMANCA, 7.—O estado maior informou que as tropas nacionalistas ocuparam ontem, no sector norte, as localidades de Tordai, a leste de Biesca, e de Fiscal e fizeram um reconhecimento, entrando em território inimigo e ocupando as localidades de San Vicente e Larada, onde o inimigo opunha resistencia. As tropas nacionalistas limpam a sueste a estrada que passa sobre as montanhas entre Bortana e Barbastro e ocuparam no sector entre a ribeira de Ribagorçana e Pallaresa nas montanhas de Montlobar, três localidades e cinco posições inimigas e chegaram até aos arrabaldes da cidade de Tremp, importante pelas suas fabricas electricas. A resistencia desesperada neste sector foi quebrada. A cidade catalã de Balaguer, a vinte e sete quilometros ao norte de Lerida, foi também ocupada. Esta cidade é um ponto de contacto directo com Andorra e Barcelona.—(D. N. B.)

A imprensa de Londres põe em relevo a situação delicada dos vermelhos

LONDRES, 7.—A imprensa londrina, com excepção dos jornais da esquerda, registam o avanço continuo das tropas do general Franco.

O «Times» escreve que diariamente se registam aqui novos sucessos dos nacionalistas. A informação segundo a qual os soviéticos exerceriam uma pressão sobre Barcelona para esta não ceder, não encontra confirmação na embaixada sovietica. E' no entanto pouco provavel que qualquer país possa ainda encorajar os catalães e continuar o combate.

O «Daily Telegraph» destaca o apêlo desesperado que o governo de Barcelona lançou a Paris e a Londres. Sem novos envios de canhões e aviões em quantidades suficientes, a situação dos vermelhos é verdadeiramente delicada. A uma distancia tão consideravel como a que separa a Rússia sovietica da Espanha, não é para surpreender que Moscovo comecce a renunciar à Espanha para poder mais eficazmente socorrer a China onde aviões e material de guerra podem ser enviados com menos dificuldades.

O «Daily Herald» passa inteiramente em silencio o desenvolvimento da situação, enquanto o «News Chronicle» fala duma nova ofensiva dos vermelhos feita por cem mil voluntarios recrutados.—(D. N. B.)

Lord Halifax considera perdida a causa dos governamentais espanhóis

LONDRES, 7.—Sabe-se que a entrevista que Lord Halifax teve ontem com uma delegação operaria também abordou o conflito espanhol. Lord Halifax teria exposto aos seus interlocutores o ponto de vista do governo sobre a questão espanhola.

Segundo o «Daily Telegraph», Lord Halifax frisou os perigos que poderiam resultar duma intervenção em Espanha e teria declarado que isso seria querer salvar uma causa perdida.—(D. N. B.)

O problema dos voluntarios

LONDRES, 7.—Os acontecimentos de Espanha a conclusão eventual do acordo anglo-italiano e a relação existente entre duas questões são objecto dos comentários da imprensa.

O «Times» escreve: «Pensa-se que o governo italiano retirará as suas tropas de Espanha quando a guerra terminar. Independentemente do acordo anglo-italiano o governo de Roma enviará ao governo de Londres uma carta especificando este ponto. Podem prever-se três fases: quando for certo que o conselho do S. D. N. autoriza os seus

PARIS, 7.—O «Jour» informa especialmente de Barcelona que as tropas nacionalistas, depois de terem atravessado as ribeiras de Noguera e de Ribagorçana, que geram a corrente electrica de Barcelona, paralisaram a central de distribuição. A capital catalã já esteve ontem, devido a isso, pela primeira vez sem corrente electrica. As autoridades bolchevistas explicam isso no entanto pretendendo que «foram feitos trabalhos de reparação».—(D. N. B.)

Cerca de 6 mil milicianos procuram refugio em França

PARIS, 7.—O commissario especial francês em Toulouse soube ontem que cinco ou seis mil soldados espanhóis soviéticos se juntaram no vale de Aras a fim de atravessarem a fronteira francesa. As autoridades locais tomaram as medidas necessarias para receber os desertores. Foram formados varios comboios neste local para transportar os fugitivos para a França central.—(D. N. B.)

LONDRES, 7.—O «Daily Express» informa que, devido ao rapido avanço das tropas nacionalistas, a 53.ª Divisão do exercito vermelho, operando nos Pirineus se vê cortada e isolada do resto das forças bolchevistas. Aproximadamente cinco a seis mil homens tentam desesperadamente atingir a fronteira francesa.—(D. N. B.)

membros a reconhecerem a soberania italiana na Abissinia o governo italiano enviará a Londres uma carta pela qual se comprometerá a retirar as suas tropas de Espanha e, assim que esta garantia seja confirmada pelos factos, o governo britânico considerará que todo o acordo entra em vigor».—(H.)

O auxilio francês aos vermelhos

PARIS, 7.—O semanario «Gringolre» caracteriza hoje o papel que a Companhia «France Navigation» desempenhou no abastecimento da Espanha vermelha. Há quinze dias o vapor de carga «Bonifacio», adquirido pela referida companhia, recebeu a bordo uma carga de obuses de 7,5 cm., provenientes das fabricas de munições de Châtellerault. Um outro vapor «Paimpol», que anteriormente tinha pertencido à companhia «Transatlantique» com o nome de «Winnipeg», encontra-se actualmente em Amsterdão para receber a bordo munições de todas as especies, representando um valor de setenta e oito milhões. Com o pavilhão francês, estes dois navios abastecem Barcelona com obuses.—(D. N. B.)

A França e a politica de não-intervenção

PARIS, 7.—O governo francês, declarou os meios políticos, rejeitará o pedido dos dirigentes bolchevistas de Barcelona tendente a restabelecer as relações comerciais entre a França e a Catalunha. O ministro dos negocios estrangeiros já avisou o representante da Espanha vermelha em Paris de que a França não considera uma revisão da sua atitude actual. A França segue portanto o exemplo da Grã-Bretanha, que está decidida a observar a mesma atitude negativa.—(D. N. B.)

PARIS, 7.—Thorez, secretario geral do partido comunista, e Duclos, vicepresidente da Camara e membro da fracção comunista dirigiram uma carta ao presidente do conselho pedindo com urgencia para ser aberta a fronteira franco-espanhola, para que Barcelona possa abastecer-se de armas e de outro material de guerra.—(D. N. B.)

Medidas de precaução em Valencia

BARCELONA, 7.—O governador civil de Valencia decidiu que a partir das 21 horas todos os estabelecimentos, incluindo cafés e salas de espectáculo, fechem. A partir das 22 horas todas as casas fecharão, não se podendo circular.

Maxim's

HOJE — Noite de festa. Variedades com o celebre Ballet Bauman. Nos seus numeros de deslumbrantes efeitos luminosos e com a famosa bailarina LILI ZIGREBER na emocionante dança das serpentes.

lar nas ruas sem autorização.—(Havas).

Os derradeiros esforços dos vermelhos

BARCELONA, 7.—A Federação Regional dos Transportes da Catalunha, filiada na U. G. T., decidiu pedir ao governo a mobilização e militarização de todos os transportes. Além disso decidiu preparar a incorporação das mulheres nos transportes urbanos.

A comissão executiva da Catalunha da U. G. T. resolveu dirigir um apêlo aos seus filiados das classes de 1926, 1927 e 1928 para se inscreverem como combatentes voluntarios.—(Havas)

BALAGUER, a cidade pela qual Maciá foi eleito deputado varias vezes, fica a 22 quilometros ao nordeste de Lerida e á cabeça do partido judicial do seu nome. E' banhada pelo rio Segre, e foi agora ocupada pelas forças de Moscardó.

Trata-se duma cidade muito antiga que foi conquistada aos mouros em 1091, por Armengol, conde de Urgel. E' um centro agricola, possuindo muitos vinhedos. Existem lá diversas fabricas, entre as quais uma de pentes para canhão. Tem um santuario famoso, onde se venerava o celebre Santo Cristo de Balaguer, atribuido a Nicodemus, uma das imagens mais antigas da cristandade, ao qual toda a comarca rendia fervoroso culto. As suas antigas muralhas foram testemunhas do cerco posto por D. Fernando de Antequera ao conde de Urgel D. Jaime «el Desdixat». Balaguer foi uma cidade de grande importancia historica durante as guerras de «Els Segadors» (os ceifeiros), da Sucessão e carlistas.

Defesa aerea da Grã-Bretanha

LONDRES, 7.—O «Daily Telegraph» anuncia em grandes letras que toda a costa leste e sueste da Inglaterra será munida sucessivamente dum sistema de bases anti-aereas. O seu armamento principal seriam canhões anti-aereos de calibre diferente.—(D. N. B.)

Leilão de Arte

Realiza-se no proximo sabado, 9, ás 21 horas nos Salões da Casa Liquidadora, na Rua do Alecrim, 70, sob a direcção de Leiria & Nascimento, Lda, uma almoeada de tapetes orientais. Persas, Ispanhan, Shiraz, Moschi, Brussa, Teheran, Mezhed, Mossul, Cazaq, Serabent, Iram, entre os quais alguns tecidos a seda, e que será uma ocasião unica de todos os amadores, antiquarios e pessoas de bom gosto poderem adquirir tapetes que muito raramente aparecem no nosso mercado. Além dos tapetes acima, serão também vendidos neste leilão bons colchões bordados, 2 quadros de JEAN PILEMENT e ainda outros lotes expostos a partir de hoje, das 15 horas em diante.

A SITUAÇÃO EM FRANÇA

—O—

Considera-se inevitavel em Paris a queda do governo

PARIS, 7.—Para a grande maioria da Imprensa a crise ministerial não constitui duvida e cada vez mais os jornais falam do ministerio que possivelmente sucederá ao actual. Ao passo que os jornais da esquerda se mostram confiantes ainda de que o Senado não se pronunciará mais uma vez contra a votação da Camara, certos órgãos admitem que a crise se dará, possivelmente, mesmo antes da reunião do Senado. O «Petit Parisien» diz que os ministros radicais reuniram esta manhã cerca das 11 e que segundo consta depois dessa reunião dariam a sua demissão, evitando assim um debate, que a todos se afigura inutil.

Contrariamente, porém, a esta noticia e outras no mesmo sentido, os ministros radicais não reuniram. Pelas 15 e 15 reunir-se-á a comissão senatorial de finanças a fim de estudar o projecto ontem aprovado pelos deputados. A sessão de Senado continua marcada para amanhã, sexta-feira.—(Havas).

O projecto financeiro no Senado

PARIS, 7.—A comissão financeira do Senado rejeitou, quasi sem discussão, o projecto financeiro do governo, por 25 votos contra 6.—(Havas).

Manifestação proibida

PARIS, 7.—O governo proibiu a manifestação para a qual haviam sido afixados cartazes convidando a população a comparecer esta tarde ás 18 e 30, em frente do Senado. Foi a Federação Socialista do Sena que mandou afixar os cartazes, com o titulo: «E' preciso acabar com isto!». O cartaz ataca, com extrema violencia, os senadores, a quem classifica de «punhado de velhos sem coração e a quem acusa de se oporem sistematicamente desde 18 de maio de 1936 ás vontades do povo e de estarem ás ordens das «200 familias e dum patronato de combate que quer acabar com o movimento sindical e com as leis sociais».

Acusa-os também de, «com a sua sabotagem», terem consideravelmente agravado a desordem financeira, a crise economica e a situação.

O cartaz convida os socialistas, os comunistas, os anarquistas e os republicanos a comparecerem em frente do Senado para «significar a nossa vontade aos satisfeitos, para quebrar a resistencia aos «trusts», ligas, bancos e seus insolentes servidores, para a abertura da fronteira espanhola e para afirmar a solidariedade com os operarios que ocupam as suas empresas».—(Havas).

Realizar-se-á a manifestação?

PARIS, 7.—Não obstante a proibição, a Federação Socialista do Sena mantém a manifestação para esta tarde, em frente do Senado.—(Havas).

Desmente-se o desacôrdo

entre a rainha Guilhermina e o principe Bernardo

PARIS, 7.—Devido a certas informações da Imprensa, os circulos autorizados holandeses de Paris declararam inteiramente destituído de fundamento o boato dum pretenso desacôrdo entre a rainha Guilhermina e o principe Bernardo. Acrescentam que, a conselho dos medicos, o principe partiu para uma viagem a fim de acelerar a longa convalescença exigida pelo desastre de automovel de que foi vitima no ultimo outono. Segundo os mesmos circulos, o principe regressará de aqui a 15 dias e retomará as suas occupações habituais.—(Havas).

TAPETES PORTUGUESES

Ninguém compre sem visitar a interessante exposição da Casa de Artigos Regionais—Arte e Ménage—Alecrim, 71, 1.º—Telef. 2 0711.

Diário de Lisboa

Suplemento literário

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA

Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA - Telefone 20271

22 DE JANEIRO DE 1522

As estrelas infelizes do poeta

Sol em Aquário

Tratamos de averiguar pelos astros a data do nascimento de Camões; o leitor já o sabe pelos artigos anteriores. Vamos juntando os elementos necessários para a nossa definitiva consulta ao Observatório Astronómico. Sabendo em que signos (ou — vá lá — constelações zodiacais) se encontravam os planetas na hora natalícia do Poeta, a pericia astronómica irá dizer-nos a data precisa, e mesmo a hora, em que tal arranjo se efectuou no céu.

Ficou apurado, pelo artigo anterior, ser Camões um saturnino. A expressão envolve a posição de Saturno em qualquer dos dois signos contíguos — Capricórnio ou Aquário, na hora do nascimento. Ora esteve Saturno nesses dois signos no espaço de tempo que vai de 1518 a 1523. Ai, pois nasceu Camões.

Seguindo um processo eliminatório chegaremos à definição do mês e do dia.

Procuremos o mês astrológico; e digo astrológico pois que o Poeta usou, de preferença, este sistema para marcar acontecimentos da sua vida, e outros. Por exemplo: era no mês dos Gêmeos, quando o Sol percorre este signo (de 21 de maio a 20 de junho). A mulher amada do Poeta entrava no Tejo, (ode «Naquele tempo»):

Era no mês que Apolo
Entre os Irmãos Celestes passa o tempo;
O luminoso dia
Os amorosos corpos despertava.

Outro exemplo: uma sexta-feira santa, em Abril, quando o Sol percorre o signo do Touro:

Pois tu no Touro fazes a morada
(Deixando Aquário e Piscis de mão brilho)
Com Venus entre os cornos assentada.

Nesta sexta-feira também Venus se encontrava no Touro, signo que é o seu domicílio nocturno e Goso ou Tro-no.

Também marcou o mês astrológico do seu nascimento: o Aquário.

O carácter da pessoa, pelos astros, é (escreve Cardoso, *Tesouro*), segundo «a benignidade ou malícia das influências do Signo e Planeta que domina em o nascimento de cada um».

Ora o Planeta de Camões sabemos nós qual foi: Saturno. Resta-nos saber o Signo; e este ainda se pode entender de dois modos: aquele em que se encontra o Sol na ocasião do nascimento, ou aquele que se está a levantar no horizonte quando a pessoa nasce.

Saibamos aquele em que viajava o Sol.

Escreveu Camões um soneto muito engenhoso, de grande aproveitamento de espaço e arquitectura mental, e digno de figurar nos mais selectos compendios. Ai declara que nasceu no Aquário; isto é, quando o Sol percorria este Signo tornando-o pluvioso. «Aquário, estando o Sol nele, soe haver muita abundancia de aguas. E' Casa diurna e Goso de Saturno, detrimento do Sol». (Avelar, *Reportorio*, trat. 2, tit. 26).

Este soneto foi dado á estampa, pela primeira vez, por Faria e Sousa, no sec. XVII, o mesmo probo coleccionador (mas mau comentador) que nos revelou os melhores sonetos do Poeta, sem o que, não os conheceríamos, tal-

vez. Faria foi o primeiro que criou a hipótese do nascimento de Camões em 1524 ou 1525. Fe-lo, todavia, com sinceridade, baseado num resumo de alistamento de gente de armas para a Índia em que constava alistar-se o Poeta em 1550 com 25 anos de idade. O documento não era falso nem errado; era, apenas mal interpretado, tanto por Faria, como por todos os que se lhe seguiram até hoje! Aquella expressão, muito usual, era equivalente a maior de 25 anos, exigencia da Lei para se poder embarcar sem autorização paterna. Camões tinha, então, 28 anos. E' também Faria o primeiro que fala de Catarina de Ataíde, como a mulher amada de Camões; e não o inventou. Era, de facto, a Catarina da Gama, meta de Vasco da Gama e de sua mulher D. Catarina de Ataíde.

O soneto em que revela o Aquário, é em castelhano; talvez por isso, talvez por incompreensão da sua arquitectura, tão mental, lhe não tenham dado a devida importância, indo mesmo, até á sua absurda expurgação!...

Não viram, por exemplo, que ali se encerra o conhecido sistema elemental — Fogo, Ar, Terra e Agua, — e por esta mesma ordem, a classica, visto que a 1.ª imperiosidade da vida é a temperatura, a 2.ª o respirar, a 3.ª o comer, a 4.ª o beber. (Esta ordem figura em livros, como *Efeitos*, de Ancourt e Pa-

dilha). A quádrupla elemental foi mais que uma vez versada pelo Poeta. Assim, no soneto «Ar, que de meus suspiros vejo cheios».

No soneto que segue, lamenta o Poeta que as chuvadas, proprias daquele mês, e os esquisitos acontecimentos do dia do seu nascimento, — como fôra um «alto suspirar» ou ventania, um horrivel rumor de origem terrea, e prantos e choros — não tivessem sido suficientes para, desarranjando-lhe os ditos quatro elementos, o subtraírem á acção nefasta de Saturno — a raivosa Fortuna.

Leia-se:

Si el Fuego que me enciende, consumi-
(Fogo) De algun más suelto Aquario ser pu-
diesse;

Si el alto suspirar me convirtiesse
(Ar) En Ayre por el ayre desparzido.

Si un horrible rumor siendo sentido,
(Terra) La alma a dexar el cuerpo reduxesse;
O por estas más ojos al mar fuesse

(Agua) Este mi cuerpo en llanto convertido;

Nunca podria la Fortuna airada,
Con todos sus horrores, sus espantos,
Derrocar la alma mia de su gloria,

Porque en vuestra Beldad ya transfor-
mada,

Ni del Estigio lago eternos llantos
Os podrian quitar de mi memoria.



JACQUES CHARDONNE

Aqui, o comentario de Faria e Sousa, á palavra *Aquario*, é inepto: apenas diz que as aguas são proprias da constelação e signo deste nome

Mas atente-se na aproximação essencial:

Si el Fuego que me ensiende, consumido
De algun más suelto Aquario ser pudiesse;

Nunca podria la Fortuna airada,
Con todos sus horrores, sus espantos, etc.

Quere dizer: — Se quando nasci, o Aquário chuvoso me tivesse apagado o Fogo vital nunca Saturno teria tido ocasião de experimentar em mim os seus horrores.

Nasceu, portanto, o Poeta, no mês do Aquário, isto é, quando o Sol viajava neste signo, o que acontece todos os anos, de 21 de janeiro a 18 de fevereiro; e era nessa epoca, (ante-gregoriana), de 12 de janeiro a 11 de fevereiro; (*Reportorio* de V. Fernandes).

Fica, pois, assente que nasceu de 12 de janeiro a 11 de fevereiro, de qualquer dos anos que vão de 1518 a 1523 inclusivé. Veremos que acontecimentos se deram em tal dia, qual fôsse o grande ruído ligado á idea do elemento, terra, etc., etc.

Apurámos, portanto:

I — Saturno, em Capricórnio ou Aquário (1518-1523).

II — Sol, em Aquário (12 janeiro a 11 fevereiro).

AS Estrelas Infelizes

As palavras astrológicas tinham no tempo de Camões sentido real e concreto; e, portanto, não se podiam usar por literatice; nem Camões era desse teor — ele, o mais alto possuidor do sentido da realidade. «O caracter decisivo de toda a Poesia camoneana, (escrevem os drs. José Maria Rodrigues e Afonso Lopes Vieira em a «*Lirica de Camões*») consiste no *sentido da realidade*... é sempre mais e melhor que só literaria — é vivida. O genio do Poeta ala-se do facto que observou ou sentiu... o proprio Camões tem a consciencia orgulhosa desta particularidade congénita... D. Carolina Michaëlis no prefacio á sua edição de *Os Lusíadas* acha — digno de nota o aprêço que o Poeta dá á verdade pura dos assuntos de que trata».

A canção astrológica «Vinde cá» — que é toda a sua vida desde o berço — principia:

Quando vim da materna sepultura,
De novo, ao mundo, logo me fizeram
Estrelas Infelizes obrigado...

E acaba:

Nem eu delicadas vou cantando
Co'o gosto do louvor, mas explicando
Puras verdades já por mim passadas.
Oxalá foram fábulas sonhadas!

Mostra horror a palavras despidas de concretização. Com que sinceridade escrevia, ao observar o suave influxo exercido por seus versos e comparando-o co'o fero seu Destino; (canção «Junto dum século...»):

Sómente o Ceu severo
As Estrelas e o Fado sempre fero
Com meu perpetuo dano se recreiam,
Mostrando-se potentes e indignados
contra um corpo terreno,
Bicho da Terra, vil, e tão pequeno!

Era, igualmente, astrológica a expressão «Estrelas Infelizes». Em astro-

(Ver continuação na 12.ª página)

Bibliografia francesa

LE BONHEUR DE BARBEZIEUX, de Jacques Chardonne.

O romance duma existência? Se o é, o autor analisou-se friamente, sem paixão, com uma certa amargura, que mais se adivinha do que se afirma, de tal maneira ele tem o pudor das grandes efusões. Jacques Chardonne já foi tratado de romancista balzaciano, etiqueta demasiadamente simplista que não o explica, pelo menos, neste admirável «Bonheur de Barbezieu». Supomos mesmo que ele descobriu o modelo do romance moderno, despido de efeitos, sobrio na adjectivação, sem bocados propositados de bravura. A sua prosa faz-nos lembrar os produtos raros da farmacopeia que são pesados em balanças ultra-sensíveis. Estilo nu, directo, lapidário.

«Le Bonheur de Barbezieu», dedicado a Marcel Arland, com esta legenda: «ce livre de amitiés provinciales» é a história dum juvenute, sem grandes ambições nem torturas, que rigorosamente se observa no clima familiar. A atmosfera duma pequena cidade do Charente, como que dolente, é notulada primorosamente. As figuras, as ruas, os domingos tristes, o circo, uma ou outra incidência sentimental têm um relêvo exacto, que o autor marca, sem todavia acentuar muito, numa repressão voluntária do seu eu. Como que se tritura, se macera, desdenhando as mascaras falsas dos heróis banais do romance. A existência dos vinhateiros de Cognac, os seus alambiques, as suas epopeias industriais, e também as ruínas são descritas objectivamente, com um ar de «patine», que dá bem o seu retrospectivo. Chardonne é um admirável moralista. Este seu livro, feito acima dos homens e dos acontecimentos, está recheado de observações profundas. A certa altura ele cita La Bruyère, como um pensador querido. Eis uma frase, que o pinta inteiramente, tanto sob o aspecto literário como político: «Je vais que je suis resté à la même place. Cette position de juste milieu n'est pas la plus sage. Là, exactement, on est dans le désert».

Deserto, no entanto, abrasado, onde uma alma de alta tensão emotiva, que chega à mais dolorosa dissecação, nos conta a vida dum adolescente até ao limiar da guerra. Jacques Chardonne passa sobre ela discretamente. É o soldado a quem uma terra do sul da França uma mulher sorri, emoldurada por uma janela florida. Dela ha de ficar-lhe uma cicatriz, talvez, dolorosa. O autor, por vezes, surge-nos como que cansado de ser matéria humana. O conselho dum medico, uma viagem à Tunisia, e a narrativa numa pureza tranquila de verdadeira obra prima, prossegue cheia de curiosos reflexos quotidianos. A livreria de P. V. Stock, que o protagonista conhece, é deliciosamente descrita. Chardonne dá-nos o perfil de muitos vultos literários, entre outros, Mauriac, Gaudy, Apollinaire, Currel, Edmond Jaloux, e do próprio editor. Sempre estrito e analítico, termina a obra nesse canto da provincia francesa, onde Jacques Delamare escreveu «Pourquoi les oiseaux chantent», que foi agora traduzido em português por João de Barros. Ha como que um effluvio de poesia rural nestas ultimas paginas, que reconforta. «Le Bonheur de Barbezieu» mais do que o estudo duma adolescência, num quadro de provincia, é a confissão duma alma que não procura ser grande na humilhação ou no orgulho, mas singularmente verdadeira, na sua comovente nobreza. (Editions Stock).

THEATRE CHOISI DE CORNEILLE, com prefacio e notas de Maurice Rat.

Ha que destacar o esforço cultural da Livreria Garnier. A sua colecção de classicos pode considerar-se umdos mais belos monumentos da grande literatura francesa, das melhores epocas. Saiu agora nessa colecção o que podemos chamar a antologia das peças de Corneille, o fundador do teatro francês. Num volume in-16, pelo preço duma só obra, as onze melhores peças de Corneille: *Le Cid*, *Horace*, *Cinna*, *Polyeucte*, *Pompée*, *Rodogune*, *Nicomède*, *Suréna*, *L'Illusion*, *Le Menteur*, *Don Sanche d'Aragon*, seguidas duma selecção de poesias.

O catedrático Maurice Rat guia-se nesta modelar edição pelo texto estabelecido em 1682, acompanhando-o par e passo, com copiosa informação, e fazendo preceder cada peça duma noticia erudita, preciosa para os estudiosos. Dir-se-ia um labor universitário, tão intensa e esculpida foi a sua procura. No prefacio formula cinco pontos, que reproduzimos aqui, porque representam um optimo guia critico: 1.º, Corneille com o *Cid* criou a tragedia, separando-a da comédia; 2.º, restaurou com *Polyeucte* a tragedia sacra; 3.º, inventou com *Le Menteur* a comédia; 4.º, quasi que criou com *Don Sanche* o drama, e 5.º com *Rodogune* e *Hercules*, de complicadas intrigas e lances imprevisíveis, criou como que uma especie de melodrama superior. O *Cid*, porém, é a sua obra prima. No velho romance espanhol talhou a pedra an-

RETRATOS IMPERFEITOS

O DRAMA DE TOLSTOI

Quem melhor definiu a personalidade de Tolstoi foi Tourgueniev, chamando-lhe «o grande escritor da nação russa». O autor celebre de «Roudine» fez, assim, do resignado de Yasnaya-Poliana um simbolo. Ele é, por assim dizer, o representante mental desse povo que, como assinala Gorki, «mais duradouro e mais duramente que os outros povos da Europa sofreu o jugo da escravidão», do caracter submisso e do instinto de nomada, do sentido místico (misticismo quimerico e nebuloso, sem definição) e da alma infinitamente triste dos eslavos que aceitam um ideal à força de azorrague ou pela acção da «rouka» e todas as tiranias por fatalismo—resignados a cantar as suas penas intimas ao seu plangente das balalaikas. Tolstoi, com Dostouevsky, esse genio alucinado, perscrutador dos mistérios das almas, grande nevroptista, como lhe chama o dr. Cabanés, e o humanissimo Maximo Gorki, definem, admiravelmente, a psicologia do povo russo.

Leão Tolstoi foi um grande místico, um sonhador, um visionario e, portanto, sem o controle absoluto da intelligencia sobre si mesmo e sem o auto-dominio das reacções e das energias proprias, havia de criar, forçosamente, um mundo d-parte, num ambiente irreal, para expansão dos seus pensamentos e da sua tristeza santa, pois no campo lucido das idéas positivas jamais poderia ser feliz, por incompreendido.

Esse misticismo, que fez de Tolstoi um evadido da vida e um torturado, assinala-o o professor Navarro Monzó, ao analisar «Os problemas das democracias», quando fala de «el profundo misticismo del pueblo ruso, que resplandece en las paginas de Dostoiévsky y, en menor grado, en las de Tolstoi».

«A marcha da Historia—como disse Boiarski—o estudo analítico do passado, as novas teorias sociais, os sistemas economicos contemporaneos, as idéas dos grandes filosofos, as opiniões recentes sobre a Arte estão em desacordo com Tolstoi e provam-nos que a nossa tarefa não é afastar-nos da civilização criada pelas miriades de seculos, mas, pelo contrario, desenvolver o individuo e criar uma sociedade nova em que a felicidade colectiva tenha por base a soma das prosperidades individuais».

O que mais nos impressiona ao analisarmos a personalidade complexa e tão cheia de contrastes do autor de «Guerra e Paz», a sua vida e a sua obra, é que tendo sido Tolstoi um homem de genio, sensível à dor, espirito amplo e apreensivo, e tendo podido compreender o drama dos pobres e dos oprimidos, nas suas origens, não procurasse a solução para os males que affligem a humanidade, evadindo-se, renunciando a lutar, para se deixar absorver em meditações estereis que empalideceram os fulgores do seu espirito luminoso e aniquilaram a sua humanidade.

Não podemos, apesar disso, deixar de admirar o seu formoso talento, porque Tolstoi, a despeito das opiniões injustas de alguns dos seus inimigos, foi um escritor formidável, um novelista primoroso, em cujos livros floresce toda a poesia tragica e o colorido vibrante da paisagem russa, intensa, e, quasi sempre, de uma desoladora melancolia que deixa em nós recordações profundas.

Nas suas obras, onde perpassam figuras nimbadas pelo sofrimento que são eternas—outras ardendo em desejos de amor cruciante, como em «A tortura da carne», onde se vislumbra clarões de revolta e humanismos queixumes, anseios de liberdade e perfeição, hu clamores de justiça e gritos de dor que tocam a alma.

Nos livros de Tolstoi, iluminados por clarões de genio, ressoam os protestos de altiva nobreza contra a maldade dos homens, uma infinita bondade se derrama, com generosos perdões, mesmo sobre aqueles que a desgraça tornou ruins para os seus irmãos na adversidade.

Quando o genial escritor nos descreve, em paginas magistrais de inenarravel angustia, o drama dos humildes camponeses na desolação da estepa, trauteando canções amargas, muito do teatro francês. A peça que instantaneamente foi divulgada em quasi todas as linguas da Europa. Havia, então, um proverbio, que dá bem a nota justa do entusiasmo que a tragedia suscitou: *Cela est beau como le Cid*. (Librairie Garnier).

THEATRE CHOISI DE MOLIÈRE, prefaciado e anotado por Maurice Rat.

Esta admirável antologia molieresca contém *As Preciosas Ridículas*, *Escola de Maridos*, *Escola de Mulheres*, *O Tartufo*, *O Misanthropo*, *O Avaro*, *O burguês fidalgo*, *As Sabichonas* e *O Doente Imaginario*. Trata-se, portanto, duma admirável colectanea, ou melhor, duma serie de obras primas, que não pertence, apenas, ao teatro francês, mas ao teatro de todos os países. Molière é familiar ao publico português. As modelares traduções de Castilho, ainda hoje se representam no teatro Nacional, que corresponde a «Comedie Française». É um teatro eterno, vivo, que ha seculos, como hoje, exerce sobre as mais frias plateias um irresistivel efeito. A

tristes e dolentes, para mitigarem as suas dores; certos de tipos de desgraçados com as carnes sujas e mal cobertas de andrajões, retalhadas pelos frios siberianos, aqueles «mujiks» escravos que trazem estampada no olhar amortecido por nevoas de tristura a tragedia da raça e uma saudade imortal de paragens acolhedoras — a gente sente as suas magoas e uma grande ternura, que brota do intimo dos corações, por todos os infelizes. E quando ele nos pinta telas soberbas da paisagem eslava, agreste e rude; os caminhos que parecem conduzir os peregrinos ao infinito; essas desgarradoras solidões que põem a desolação nas almas, os longos destierros do inverno impiedoso, as neves eternas e, depois, as montanhas cobertas de branco, faiscando, ao longe, sob o diluvio das claridades do sol glorioso no céu pallido das regiões frias—sentimos uma vontade sincera de admirar o formidável artista que foi genial e muito infeliz.

Na opinião de alguns criticos e estudiosos da obra e da figura de Tolstoi, este, por ter vivido num ambiente aristocratico, rodeado de conforto possuidor de enorme fortuna, não conheceu, na sua angustiosa realidade, o drama dos pobres, nem podia senti-lo, dada a sua formação mental. Daí, afirmam alguns, o seu desconhecimento das realidades no campo das reivindicações sociais, a descrença nas idéas positivas, a renúncia à luta para a conquista da felicidade pela evolução das massas, a falta de sentido objectivo e de finalidade pratica na sua obra.

É preciso acabar com a lenda de que o talento é filho dilecto da miseria e da dor, como justificação da desgraça de alguns homens de genio.

O caso de Tolstoi e, nos nossos dias, o exemplo de Stefan Zweig, o escritor portentoso que passeia a sua fama pelo mundo, em luxuosos transatlânticos, bastam para destruir a lenda e confirmam tal juízo.

Não é sem emoção profunda, misto de tristeza e de revolta, que se recorda, por exemplo, o drama de Balzac, «continuamente coberto de dividas e apouquetado pelos credores», quando o escritor, na mansarda—como diz Zweig—comia pão seco, que era a sua miseravel refeição, e tinha desenhado a gis na mesa contornos de pratos, tendo escrito no meio de cada contorno os nomes dos manjares mais finos, a fim de sentir no seu pão seco, apenas por sugestão da vontade, o gosto das iguarias mais caras.

E a tragedia formidável de Dostoiévsky, o romancista imortal, contemporaneo de Tolstoi, que arrastou a sua miseria cruciante no calvario do desterro doloroso, com a alma dilacerada pela saudade torturante da patria ingrata?

Stefan Zweig fala-nos, também, comovido, do martirio do autor genial da «Casa dos Mortos»: «Trabalha toda a noite, escrevendo, enquanto, no quarto, a mulher geme com as dores de parto. A epilepsia agarra-o pela garganta; a hospedeira, a quem não paga, ameaça-o com a policia; a parteira reclama o que lhe deve e ele escreve o «Crime e Castigo», o «Príncipe Idiotas», «Os Possessos», «O Jogador», essas obras monumentais do seculo XIX que deram forma a todo o mundo espiritual. Tolstoi não conheceu isto!—não sentiu, no seu realismo cruel, o drama do homem de genio que escreve, por dia, tantas paginas de um romance e vai com elas mendigar ao editor usurario algum dinheiro que lhe sirva para enganar a fome!»

Nem porisso, decerto, a figura enorme do escritor fica diminuida, tão pouco por não ter nascido um pobre de pedir ele deixou de alcançar a legitima gloria, pelo seu talento.

Não ha duvida, porém, que a posição social do conde Leão Tolstoi teve influencia decisiva na evolução da sua mentalidade literaria, permitindo-lhe o bem-estar propicio á tarefa de escrever sem preocupações de ordem material, em contraste com outros autores celebres, sem contemporaneos e de todas as epocas, que sofreram as consequências da sua miseria angustiosa.

CESAR DOS SANTOS

sua critica penetrante de costumes, a subtileza das suas observações e desenho das suas figuras, são magistrais. Ultrapassaram a sua contemporaneidade, chegando até nossos dias com a mesma frescura e a mesma agudeza de espirito. Para nós, Molière é o genio mais representativo da doce França. A sua galeria de caracteres humanos, com os seus ridiculos, os seus defeitos, os seus convencionalismos revela-nos um jogo subtil de análise, na sua medida ideal de critica, a que corresponde um conceito integral de liberdade literaria.

Maurice Rat, em paginas lucidas, faz a biografia de Molière, marcando, sobretudo, os efeitos da repercussão do seu teatro, no tempo em que foi escrito, e depois através da posteridade. Cada peça é acompanhada dum erudito estudo, onde se faz a historia da sua genese e se assinalam as suas primeiras representações seguido duma resenha bibliografica.

Isto significa que neste denso volume se contém todo o Molière, substituindo inteiramente a melhor biblioteca que sobre ele se pudesse reunir. (Librairie Garnier).



Está já publicado «O Soldado Prático», de Diogo Couto, na colecção de Classicos Sá da Costa, obra mestra da nossa literatura. Diogo do Couto, contemporaneo e «amigo especial» de Camões foi o

grande cronista das coisas da India. Na sua linguagem rude, de nobre verdade, castigou muitos erros e relatou numerosos factos que tanto pertencem à grande como à pequena historia. Falou dos reis e dos fidalgos com o mesmo desassombro, adoptando, por vezes, a forma classica do dialogo, o que variava os aspectos das suas interessantes narrativas. Os seus escritos batidos no mais puro oiro da lingua, com numerosas locuções populares, não têm sido, segundo diz o professor Rodrigues Lapa, no prefacio da obra, devidamente aproveitados.

Ha que elogiar nesta obra não só o estudo de Rodrigues Lapa, que fez um admiravel retrato do escritor, seguindo par e passo a sua existencia, nem sempre feliz, mas ainda as suas notas interpretativas do texto, que são valiosissimas.



As mulheres devem fumar? Esta pequena questão foi, recentemente, discutida na Câmara dos Comuns, em Londres, com certa gravidade.

Um deputado humorista emitiu a seguinte opinião: «Deixemos as nossas mulheres fumar. É uma distracção que cura, por vezes, o aborrecimento». Nos Estados Unidos as mulheres «à la page» fumam desalmadamente cachimbo. É possível que as europeias adoptem essa moda bem inestetica que, de resto, ha dois seculos teve uma grande voga em França. A duquesa de Berry costumava fumar cachimbo, entre os soldados que guardavam o seu palacio.



Estão á venda, numa livreria de Paris, duas obras de Gabriel D'Annunzio, dedicadas por ele. Uma é o «Martirio de S. Sebastião» oferecida a Georgette Leblanc, esposa de Maeterlinck. «A

la celeste et souterraine Armide, soeur de la «fille malade des fièvres», l'Archange malade des ailes et des chaînes. Le onze du mois de mars en carême 1925».

A «fille malade des fièvres» é, como se sabe, uma das personagens da peça.

O outro volume, «Aveu de l'ingrat» pertenceu a Luiz Barthelemy, e recorda a morte de seu filho na Grande Guerra: «En souvenir de son jeune héros, ce livre du convalescent est offert par le combattant».



Livros e publicações recebidos:

«Para a vida» (1926-1937) versos de J. Marques dos Santos; «Lacio», panfleto de arte, 2.º volume; «Pombeiros de Angola», de Antonio Augusto Dias, nos Cadernos Coloniais; «Graça Plena», sonetos, de Souto da Casa; «Almas Simples», contos didácticos, de F. Palyart Pinto Ferreira; «Alguns Poemas», de Filipe de Oliveira, edição do Rio de Janeiro, da Sociedade Filipe de Oliveira; «Um caso de Hipocrisia Literaria», de A. Cruz de Rocha Peixoto.



O distinto poeta João Patricio tem no prelo um livro intitulado «Incoerências» que, como as suas obras anteriores, deve brillantemente confirmar as suas qualidades de emoção e sensibilidade líricas.

Dez minutos ANTOLOGIA POÉTICA

com



Felix Horta

Raras vezes tem surgido adentro duma individualidade poética tanto lirismo, tanta espiritualidade e tão sincera e nobre emoção, como no recente aparecimento do *Livro d'Horas*, do dr. Felix Horta. Espírito profundamente humano, a sua poesia é uma excelsa, uma elevada confissão d'alma e em todos os seus motivos, em todos os seus sonetos—duma factura e dum recorte perfeitíssimos—surge a mesma marcada individualidade e um idêntico temperamento lírico. Maguadas e fundas emoções de Coimbra, saudades islenhas, lembranças subjectivas, visões interiores, scismas embevecidas, definem um dos mais belos, dos mais perfeitos e dos mais lusiadas livros de versos recém-publicados. Com este seu inconfundível *Livro de Horas*, o dr. Felix Horta coloca-se a par dos maiores poetas da sua geração e revela a superior excelência dum raro temperamento literário, profundamente individual e pleno de maravilhosos ritmos.

—Que pensa da poesia?

—Que é eterna. Nasceu com a primeira alma e viverá enquanto o mundo exista. Não ha positividade nem materialismo capaz de embotar a sensibilidade ao ponto de evitar que, por vezes, nos surpreendamos desprendidos da matéria e da utilidade, vivendo uma emoção, sonho ou reflexo de beleza, de amor, de sofrimento... Esse estado de alma é um poema por escrever.

—Como o escreve?

—Como e quando o sinto. Nenhuma preocupação literaria, nenhum esforço, nenhum verso de encomenda. Boas ou más, quasi todas as minhas poesias mantêm integralmente a sua forma primitiva. Ha-as, eu sei, que poderiam ser trabalhadas; mas entre a emoção que as ditou e a impecabilidade da forma opto por aquela.

—Qual a evolução do lirismo português?

—Lirismo é sempre lirismo: emoção feita musica; balada, noturno ou sonata em que as palavras substituem as notas, mas conservam o ritmo, busque-se, embora, para tal, formas novas, irreverentes ou não classicas, se v. quizer. O frenesi de originalidade é naturalissimo e até louvavel na epoca de incertezas que se atravessa, mas necessita de garra para investir contra a concepção do lirismo tradicional e conceber outra poesia que se imponha. Wagner repudiou a maneira italiana e deu-nos uma opera que chocou na primeira audição, mas se admirou quando, nas seguintes, foi compreendida. Com a poesia sucede o mesmo. O talento de Mario de Sá Carneiro é tão indiscutível como é indiscutível barbaridade considerar verso, certo palavrado sem nexos e sem musica que nos apresentam e ninguém é capaz de sentir ou de perceber, mesmo com a melhor boa vontade.

—Que livros tem a publicar?

—No prelo um «Roteiro de Africa», viagens por terra, no mar e de avião. Depois um estudo sobre a Rússia dos Tzares. Depois... depois veremos...

Edições da "Renascença Grafica"

RUA DA ROSA, 57, 2.º

Telefones 2 0271, 2 0272 e 2 0273

BIBLIOGRAFIA DE MAFRA, por JOÃO

PAULO FREIRE (Mario) 20\$00

MAIS VALE ANDAR NO MAR ALTO...

por NORBERTO LOPES 10\$00

O LIVRO DO NOSSO AMOR por SIL-

VA TAVARES 8\$00

ALBUM DE CARICATURAS por

FRANCISCO VALENÇA 10\$00

PORTUGUESES EM ROMA, por NOR-

BERTO DE ARAUJO 10\$00

Pedidos á Administração do «Diário

de Lisboa».

"SINFANIADAS"

por João Saraiva



Ha neste livro muito belo todo o encanto, toda a doçura da terra portuguesa. Os versos são lípidos e cantantes como a agua que escorre numa levada, e vai divagando, murmurando, através de vergeis floridos. João Saraiva é, na mais pura acepção da palavra, um poeta, um grande poeta, de alma candida, sadia e natural, que ora brinca, jogando com ironias facetadas, ora, como que em oração, canta em ritmos largos a funda emoção da nossa terra.

Sinfaniadas tem a transparencia duma aguarela. Tons suaves de alegria, frescura lirica, sol e flores, como que nos embriagam neste canção-neiro bem lusiada, da mais alta e viva inspiração.

Ha fragmentos que deviam entrar numa antologia. Dir-se-ia que nunca ninguém descreveu tão eloquentemente a paz vergiliana dos campos, a faina cristã dos cavadores, o jorro rutilante do vinho, escorrendo das dornas, num rio quente de sangue, em bailetes de jubilo. Sinfaniadas é uma pequena obra prima, apresentada por Agostinho de Campos, num lucido prefacio, e ilustrada por Alberto Sousa, com preciosas aguarelas.

I

Na quadriga de fogo Apolo avança
Das verdes, alterosas serranias,
Com seus raios tornando do Bestança
As cristalinas águas menos frias.
Num rumoroso vôo, a rôla alcança
A sombra das mais altas ramarias.
Mudo o campo, e desertos os caminhos,
Calam-se, ao meio dia, os passarinhos.

II

Debaixo dum copado castanheiro,
Cansado de lidar desde a alvorada,
Adormeceu, prostrado, o jornaleiro.
Dando repouso á diligente enxada.
Corre da sesta o tempo mais ligeiro
Que no amanho da terra calcinada.
E, embora o sol estivo mais aqueça,
A labuta dos campos recomeça.

Ergue-se o pó das eiras a cadencia
Dos malhos, que as espigas vão batendo;
Poreja o suor nas frentes, á inclemencia
Da calma, pelos rostos escorrendo;
Mas já do vivo azul na transparencia
O sol declina, para o mar descendo,
E a tarde que, morosa, se avizinha
Vai dar enfim um refrigerio á vinha.

IV

E, quando as sombras descem mansamente,
Vem até nós, nas brisas encalmadas,
O côro das cigarras estridente
No restólho das searas já ceifadas.
Os fartos bois recolhem lentamente
Dos montes, e nas altas cumeadas
A lua cheia, erguendo-se, anuncia,
Como um ponto final, que acaba o dia.

V

Toca, ao longe, a trindade... A campana
Da capelinha humilde chama á aldeia:
As fôfas ovelhinhas, á arribana,
E o lavrador, extenuado, á ceia.
No meio duma paz vergiliana
As migas do seu caldo saboreia,
Enquanto no pichel do fresco vinho
A espuma se desfaz devagarinho.

VI

Alegre a noite com festivas danças
Um rancho de ligeiras raparigas,
Moças airozas de enroladas tranças,
Que assim descansam de esfolhar espigas.
Nos caiados pombais, as pombas mansas
Misturam seus arrulhos ás cantigas,
Que os ecos, acordando a um côro lindo,
Vão pelos montes fora repetindo...

VII

Dos choupos as raizes descarnadas
No leito da ribeira, quasi enxuta,
Bebem com ansia as águas espelhadas
Que o canavial das margens lhes disputa.
Neste, de longas folhas como espadas,
Um rouxinol, maravilhado, escuta
Aquele ária de flauta cristalina,
Que o luar aos sapos no lameiro ensina.

VIII

Quando o tumulto humano da cidade,
O' musa, me atordoa e me fatiga,
Para fugir ao tédio, que me invade,
Preciso ouvir a tua voz amiga,
Procuro, enfão, do campo a soledade,
Onde te afago com ternura antiga,
E nos teus lábios humidos acendo
O carinhoso ardor, que iam perdendo.

IX

Nessas altas colinas, que o arvoredor,
Em que se abraça a vide, enche de encanto,
E onde manchas cinzentas de olivedo
Cobrem duros penhascos com seu manto,
Divaga, ao fim da tarde, ou manhã cedo,
O Poeta, que suspende o rude canto,
Vendo passar, atônito, a seu lado
Vergilio e Juvenal de braço dado.

X

Ali, meus ossos repousar quizerá,
Quando Atropos cortar o extenso fio,
Que, depois de brilhar na primavera,
Cintila ainda na estação do frio;
Ali, sim, onde a paz elisea impera,
Do roxo outono ao ardoroso estio
E é possível ouvir, mesmo em Janeiro,
O rouxinol de Bernardim Ribeiro!

Três grandes vultos conimbricenses

Das terras de Portugal, Coimbra—por obsecado espirito anti-patriótico e desnecessidade pretensiosa apelidada de Lusa Atenas—tem o indiscutível predomínio na tradição cultural.

E' fulcro científico donde irradiam verdadeiras notabilidades nos varios ramos do mentalismo. Vasta é a lista dos que a têm nobilitado e, se muitos, imensos mesmo, logram a devida homenagem, outros aguardam a hora de inegável consagração.

Do esperado conjunto uma trilogia valiosa deve frui-la breve, se se quiser ser justo.

Três conimbricenses, t. dos extintos: Antonio Cardoso Borges de Figueiredo, que oriundo da Castanheira, honrou o professorado do Liceu Nacional da cidade mondegua, onde leccionou oratoria, poetica e literatura classica.

Latinista exímio, cavaleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição, deixou, como padrão da sua envergadura intelectual os celebres *Bosquejos historicos da literatura classica grega, latina e portuguesa e Logares selectos dos Classicos portugueses* com quasi vinte reproduções, algumas post mortem e nas quais, facto já consignado na parte dedicada a Coimbra do nos-

so *Terras Fradescas*, foram intercalados escritos pelo autor não incluídos... Seu filho, o poeta Antonio Cardoso Borges de Figueiredo Junior, nascido em Coimbra a 15 de Outubro de 1852 e falecido na capital em idêntico dia e mês de 1890, honrou o cargo de secretario-bibliotecario da Sociedade de Geografia organizando e publicando dela os respectivos indices e Catalogos.

Director e fundador da Revista de Arqueologia e Historia, colaborada desde 1874 por Gabriel Pereira, Adolfo Coelho, Gomes de Brito, dr. Sousa Victorino e visconde de Sanches de Frias, edicionou *Primeiras Folhas, Lamentos de Camões, Horas de Poesia, Paulo, A Geografia dos Lusíadas de Luís de Camões, Homenagem a Camões e Onde foi a batalha de Ourique*, derradeira obra, 1889, exemplares raros.

De realce nos trabalhos do camoneano insigne, a celebrada e conhecida *Coimbra Antiga e moderna*, repositório vasto de elementos sobre a cidade-magna.

Tambem pintor exímio, telas suas figuram entre as ornamentais da nossa casa modesta.

Outro filho do latinista, o rimador e prosador proficiente, Augusto de

Oliveira Cardoso Fonseca que em Coimbra descerrou olhos á vida a 30 de julho de 1842, cerrando-os em Lisboa a 11 de janeiro de 1917. Legou aos proceres livros assinaladores da alta celebração: *Flores Singelas, Perfil biográfico do Marquês de Pombal, Centenario da descoberta da India, O desastre de Lisboa de 1755, Vasco da Gama (A descoberta—Resurgite), Formulario do Processo Civil*.

Humorista, produziu igualmente sob pseudónimos de *Valerio Oscar*, curioso *O doutor Purgante ou glorificação de um Esculapio*; de *Orco*, o interessante *Sacardo e Frei Germano*; e de *Cavaleiro Troça*, o opusculo *Juiz sem juizo*. Deu a lume o doutrinário *Jesuitas—suas qualidades e doutrinas*, o defensivo *Historia de um soneto ou um abuso de redacção do Globo* e a locubração final *Baldios*, versos.

Mais citado o *Outros tempos ou Velharias de Coimbra*, relance nada banal de figuras típicas e incidentes fulgurantes, á maravilha focados.

A terra-berço não lhes apontará os nomes á posteridade, para que ela os retenha?...

ARMANDO RIBEIRO
(Do Instituto de Coimbra)

OS LIVROS DA SEMANA

Qual será o valor real de uma biografia? Nesta hora em que se quer saber a utilidade de todas as coisas parece que não ficará de todo mal perguntar qual a utilidade de uma obra biográfica.

Ha afinidades entre a biografia e a historia. Mas talvez haja mais afinidades entre a biografia e o romance. Para efeitos praticos determinados pela nossa pergunta interessam-nos muito mais as afinidades entre a biografia e a historia que entre a biografia e o romance. Porquê? Já veremos porquê. Em geral ninguém contesta os beneficios da historia. O passado é um dos pontos de relação, entre o que o homem foi e o que ha de vir a ser. A historia é como que a imagem imovel da vida humana em evolução. Ora uma biografia tem qualquer coisa deste mesmo prestigio relacionador. Pela biografia o homem pode fundamentar o indeterminismo aparente dos seus gestos: uma biografia é um compendio de atitudes possíveis.

Observe-se, porém, como diverge a fisionomia dos que se debruçam sobre a historia da dos que se debruçam sobre a biografia. Os povos afeiçoados ao estudo da historia não são os mais afeiçoados ao conhecimento biográfico. O facto de a historia reter a imagem dos acontecimentos tomados no seu conjunto faz com que dela se aproxime de preferencia os espiritos captivados pelas idéas gerais ou então os espiritos propensos ao conhecimento memorativo: os que amam as formulas. Assim a historia tem a simpatia do genio francês; o português é historicista; já o inglês é pela biografia. O inglês gosta de factos concretos, de particularismos humanos. A biografia fixa o gesto individual e concreto; a historia o gesto colectivo e abstracto.

O valor real de uma biografia não se pode ir pois procurar onde não está. Não está na historia. O valor real de uma biografia está na sua actualidade presente. Ha mais verdade em dizer-se: a biografia repete-se, do que em proclamar: a historia repete-se. O certo é que a historia se não repete: repete-se talvez as circunstancias que determinam certos factos. Repete-se, sim, a vida humana. O homem é o mesmo através dos tempos: igual no amor, igual na gloria, igual na ambição, igual no sacrificio, igual na desesperança. Uma biografia é antes de mais nada o reanimar perante os olhos mortais do homem do que no homem ha de eterno: as suas paixões.

Eis por que a biografia e a historia se assemelham menos do que a biografia e o romance. Tanto na biografia como no romance se reflecte a imagem do que no homem ha de particular. Reflecte-se o particular das paixões humanas, isto é, o seu variavel no invariavel. Por isso biografia e romance repelem a linguagem abstracta. Todas as batalhas da historia se parecem. Na historia uma batalha é apenas uma palavra. Para se distinguirem na historia duas batalhas é preciso estudar-lhes as causas e consequencias. Eis o que não interessa ao biógrafo: ao biógrafo interessa a batalha em si mesma.

Eis por que suponho não se deverem confundir os metodos da biografia com os da historia. Os portugueses costumam fazer essa confusão. As biografias que em Portugal se escrevem são mais historia que biografia. Porquê? Porque entre nós se dá mais atenção ás generalizações que ás particularizações. Não. Porque o biógrafo português se ocupa mais do inventario dos factos do que da selecção dos factos. Ora o que dá vida á vida não é o patrimonio comum de todas as vidas: os mil accidentes superfluos que enchem todas as existencias. O que dá vida á vida é o que em cada existencia ha de mais significativo: a altura e timbre das paixões de cada homem.

Quere dizer: um estudo biográfico deve primar, por trazer á superficie da vida humana o que constituiu, na equação de uma existencia, a sua verdadeira incognita. Não que o biógrafo deva ter a pretensão de vir algum dia a dar-nos o porquê das paixões do seu biografado. A vida humana é inexplicavel. O que ele nunca deverá é desesperar de nos pôr em contacto com aquilo que no seu biografado constitui para assim dizer, o nucleo fundamental do seu caracter. O que em ultima analise importa ao biógrafo é descobrir as linhas do caracter do seu heroi. Nelas encontrará o segredo do seu drama humano.

E' certo haver figuras que são, para assim dizer, victimas espiatorias do seu tempo. Isto é: não se lhe impuzeram, o acaso fê-las victimas dele. O caracter de tais personalidades é, por consequente, elaborado de fora para dentro. Em tais casos, o biógrafo tem de estudar mais o tempo do que a vida do biografado. Mas sempre em função do concreto. Tais casos não podem servir ao biógrafo para se eximir á biografia.

Será porque não ha grandes caracteres na historia humana do povo português que não ha grandes biografias em Portugal? O escritor português tende a sobrepor os metodos historicos aos metodos biográficos. Por isso nos dá melhores quadros historicos do que retratos morais

ANASTACIO DA CUNHA o lente penitenciado, por AQUILINO RIBEIRO A VIDA DE MOISÉS por AGOSTINHO DA SILVA

e psicologicos. O proprio Oliveira Martins não soube dar a Nun'Alvares a tempera psicologica que uma tal figura requeria.

* * *

Foi José Anastácio da Cunha um grande caracter? Parece que não. Perante os inquisidores Anastácio da Cunha procurou mostrar-se arrependido. Questão de táctica? Talvez. Mas o certo é que a figura de Anastácio da Cunha comprova o que acabámos de dizer: Anastácio da Cunha foi um caracter flácido. Eis por que quem quer que pretenda fazer uma biografia de Anastácio da Cunha terá de contar com um factor importantissimo: a época em que ele viveu. Eis como uma biografia de Anastácio da Cunha se assemelhará mais a um capitulo de historia do que a um trabalho biográfico. Nos processos da Inquisição ha casos muito mais interessantes do que o do lente penitenciado. Mas este tem uma particularidade, o seu e a personalidade mental de relevo. Não obstante, o caso de Anastácio da Cunha tem mais relevo historico que biográfico. Quere dizer: importa mais como sintoma colectivo que como desenho psicologico individual.

Aqui está talvez por que Aquilino Ribeiro não quiz fazer da sua obra sobre Anastácio da Cunha uma biografia. *Anastácio da Cunha, o lente penitenciado* (Livreria Bertrand, 1938) não passa de um capitulo de historia. Perguntar-se-á (todas as interrogações são legitimas, creio eu): porque ter escolhido Anastácio da Cunha para objecto de uma monografia?

Se a obra poetica de Anastácio da Cunha não é de primeira ordem—Aquilino Ribeiro o diz—e a sua obra scientifica está fora das curiosidades intellectuais do autor de *O Malhadinho*—pregunta-se de novo: para que tê-lo escolhido para objecto de um estudo historico? Será o seu caso humano mais curioso que qualquer outro? Creio bem que não. O de Uriel da Costa, por exemplo, é o muito mais. Mas seja. Aquilino Ribeiro está no seu direito de escolher os temas de estudo que lhe aprouver. Mas nova interrogação nos ocorre: se era um estudo mais historico que biográfico que Aquilino Ribeiro pretendia fazer porque não ter dado maior objectividade á exposição dos factos? Eu explico-me melhor. Com os dons mais que demonstrados de Aquilino Ribeiro para animar um quadro historico e fazer viver nele as figuras que lhe pertencem, porque não ter feito do tempo de Anastácio da Cunha e da figura dele um desenho largo e animado? Sim: *Anastácio da Cunha, o lente penitenciado* é caracterizadamente um estudo. Não lhe faltam as transições de fontes, a critica dos elementos de informação e o cuidadoso role de obras consultadas. E' muito natural mesmo que Aquilino haja encontrado novos rumos no estudo da vida de Anastácio da Cunha. Assim Aquilino Ribeiro julga estar habilitado a emendar Camilo quando este afirma

As estrelas infelizes do poeta

(Continuação da 9.ª pagina)

logia o planeta pode chamar-se forte, ou débil segundo está em signo de «dignidade» propria, ou de «debilidade». Os livros encerram respectivas tabelas. E pode chamar-se *fortunado* ou *infortunado* (feral) quando em conjunção com boa ou má «fortuna». (Thesouro, fl. 200 v.). As más fortunas ou «infortunadas» são Saturno e Marte, e, portanto só os planetas conjugados com estes eram as estrelas *infortunadas* ou *infelizes*. Pode um planeta ser débil e não ser infortunado, e vice-versa.

Lamentou Camões as suas *Estrelas Infelizes*, e, num soneto a seu amigo Estacio, lamentou que *Sol* e *Marte* tivessem as suas luzes «logradas» quando nasceu, pondo assim em contraste esta sua infelicidade com a felicidade do Estacio. Portanto, disse o nome das suas *Estrelas Infelizes*—*Sol* e *Marte*:

Agora toma a espada, agora a pena
Estacio nosso, em ambas celebrado;
Sendo, ou no salso mar de Marte amado,
Ou na agua doce amante da Camena.

Se eu que a pena tomei, tomei a espada,
Para poder jogar licença tenho
Desta alta influença de dois Planetas,

nas suas *Noites de Insónia* que o auto-da-fé em que Anastácio da Cunha foi penitenciado se realizou na capela da Inquisição. Segundo os documentos da Torre do Tombo diz Aquilino que tal auto-da-fé teve lugar na sala da Inquisição armada em capela. Isto prova o cuidado informativo que presidiu á elaboração da sua obra. Mas como não lamentarmos nós, leitores de Aquilino Ribeiro, que ele tenha cortado abruptamente a descrição do auto-da-fé, para nos dizer que Camilo errara. A cada passo nos aparece protestar contra o escrupulo de historiador do artista Aquilino Ribeiro, pois é quando mais nos sentimos empolgados pela narração da vida de Anastácio da Cunha, que ele rompe com um comentario erudito ou uma nota bibliográfica superflua. Efectivamente, capitulos como aquele em que Aquilino nos deixa assistir ao interrogatorio de Anastácio da Cunha sobre as orações por ele traduzidas de Voutaire e Pope fazem-nos apertar os dentes. Desejariamos que o livro fosse todo composto assim, mais *biograficamente*. Outro tanto acontece quando se nos descobre o carcere onde Anastácio da Cunha foi encerrado. Então é o grande escritor Aquilino Ribeiro que interveem «Uma tamba com a manta sem pelo e a cair aos pedaços, um caneco para as necessidades, a infusa com a sua almofia de bar e toalha de estopa, perfiziam o trasteio dos calabouços» diz Aquilino «De quatro em quatro dias, um esbicho, ou em sua vez uma mulherzinha velha e nojente, vinha fazer os despejos e dar duas vassouradas ao chão, debaixo das vistas do alcaide do carcere. Os ferrolhos que a certas horas se iam abtindo pelo corredor fora, permitindo o estrondo avaliar do numero de celos que estavam occupadas naquella ala, um funilero lá para a calçada dos apóstolos a bater a lata, eram os unicos sinais de que o mundo continuava mundo como sempre». Pena é que a esta descrição se não sigam outras, com Anastácio da Cunha no primeiro plano, de modo a seguir-nos com o relevo com que se nos deparou o negregado carcere.

E' certo estamos a desejar que Aquilino Ribeiro fizesse o que não quiz fazer. Uma obra só deve ser apreciada pelo que nela está: eis as grilhetas do critico. De acordo. Mas quando se conhecem os talentos comprovados de um escritor assiste-nos o direito de lhe exigir que os exerça. Ora Aquilino Ribeiro recitou nesta obra os seus talentos de narrador. Quiz ser antes historiográfico. Por isso a morte de Anastácio da Cunha nos é entremostrada de relance, no fim do ultimo capitulo, após uma transcrição algo enfadonha da derradeira polémica entre José Anastácio e Monteiro da Rocha, o alma da nada de toda a trama urdida contra o pobre lente de geometria. Ver morrer Anastácio da Cunha talvez não fosse tão erudito, mas era, certamente muito mais belo. E nós estamos habituados a que Aquilino Ribeiro nos dê mais beleza que erudição. Por isso, a dedicatória des-

Com uma e outra luz deles logradas;
Tu, com pujante braço e ardente engenho
Serás faro a soldados e a poetas.

Camena está aqui por Apolo ou o Sol.

Faria e Sousa opina, que este soneto fosse feito a seu avo Estacio de Faria, poeta e soldado, e amigo de Camões. No comentario á expressão *dois Planetas*, diz: «Entiende Marte e Apolo... E á expressão *alta influença*, diz: «modo muy suyo. C. 9, est. 86: *Por alta influença do imobil Fado*. Y acá Otavias 1. e 26: *Por alta influença de minha estrela*. Y en otros lances; mas no es menester más».

Empregou «Logrado» no sentido de infortunado ou infeliz, e não de débil. Era a astrologia do Tempo (Cardoso de Sequeira, *Thesouro*, U. 200 v.).

Estavam, pois, Sol e Marte, encostados a Saturno, com ele conjugados; e, logo, no signo do Aquario, porque aí estava o Sol.

Eis ao que ficámos reduzidos. A nossa consulta está já nos seguintes termos:

I—*Saturno* em Capricornio ou Aquario.

II—*Sol* em Aquario.

III—*Marte* e *Sol* conjuntos com Saturno.

MARIO SAA

Nota—Segue-se *A exactidão* de Camões.

ta obra é a melhor pagina de todo o livro.

Seja como for, *Anastácio da Cunha, o lente penitenciado*, é uma obra edificante. E eis aqui talvez a explicação da obra de Aquilino. Os homens que como Anastácio da Cunha põe toda a sua confiança na inteligencia e no livre exame começam a rarear. Já eram raios naquelle tempo. Os que apareciam eram alvo de rancores e perfidias, em que se misturava o despeito pessoal com uma coisa a que se chama espirito de facção. Os tempos não mudaram: os timoratos, os rotineiros, os debeis do espirito, lá vão destilando a sua peçonha. Reciosos de que o mundo acabe, espeçham arditos aqueles que sabem que o mundo não tem principio nem fim, pois o principio e o fim do mundo está na cabeça de cada um. Sempre houve Anastacios da Cunha, havê-los-á sempre. Dos Anastacios da Cunha rezará a historia: os perfidos, servís e obtusos Monteiros da Rocha, esses segui-los-ão, de rojo, pela lama. Lama forram, lama ficarão.

Em nota: a capa do livro de Aquilino Ribeiro é impropria de um livro do nosso tempo. Envelhece-o prematuramente.

* * *

Foi certamente pelo seu lado edificante que a figura de Moisés se impôs a Agostinho da Silva. *A vida de Moisés* (Cadernos da Seara Nova, 1938) é de facto uma obra edificante. Moisés aparece-nos como um daqueles homens capazes de tudo sacrificarem pelo seu povo... Isto é, não sei se Moisés se sacrificou pelo seu povo. Quere crer antes que se sacrificou pelo seu Deus. Quere dizer sacrificou-se pelo seu povo, em nome do seu Deus. Creio não serem possíveis outros sacrificios. Os homens que neste mundo se sacrificam não se sacrificam senão por ideais. Todo o ideal é divino. Melhor: ha no ideal e na divindade um lado comum: se rem transcendentes. O homem só se sacrifica pelo que o ultrapassa. Impressiona, porém, como na vida de Moisés Deus tem de recorrer á revelação sempre que se quer fazer seguir. Ver para crer. Assim Moisés descobre a sua missão quando a sarça arde, o Faraó teme Moisés quando a sarça se transforma em serpente, o povo obedece quando o mar se aparta e o deserto floresce. Moisés é traído. Mas, á hora da morte, o povo chora sobre o seu cadaver. Nada comove tanto os homens como uma força estática. Todos lamentam o cadaver; cada um se empenha a corroer a presença do ser vivo.

A vida de Moisés é, pois, a reanimação de um mito. Agostinho da Silva, numa prosa clara e sem artificios, onde as reminiscencias de Flaubert e Eça de Queiroz dão o tom, procurou pôr-nos um quadro diante dos olhos com a mesma fizeza com que um pintor academico pinta uma tela. No quadro está tudo—isto é, está todo o essencial. Falta apenas uma coisa: o superfluo. A esse superfluo daremos nós o nome de personalidade. Se esse superfluo ali estivesse, talvez o quadro não fosse tão perfeito: seria apenas mais artistico, isto é, mais pessoal.

JOÃO GASPAR SIMÕES

ULTIMAS NOVIDADES

Livraria Portugalia

Dr. Augusto d'Esaguy

Para onde vai a medicina?

Obra onde são tratados os mais importantes assuntos medicos e indispensavel em todos os lares cuidadosos da saude dos seus.

1 vol. broch. 10\$00, pelo correio 11\$00.

Guia de Portugal Artistico

VOL. IV

A capela de S. João Baptista na Igreja de S. Roque

Museu da Arte Sacra — Misericórdia de Lisboa

Lindissimo album com inumeras gravuras e tricromias, impresso em papel couchet, colaboração do dr. Queiroz Veloso, dr. Serafim Leite, dr. José da Silva Ramos e Nogueira de Brito.

1 vol. 10\$00, pelo correio 11\$00.

A' venda em todas as livrarias

Pedidos á

PORTUGALIA

R. Carmo, 75

TEMAS EDUCATIVOS

A POLITICA DA FAMILIA

Para engrandecer a Nação, transformar a num exemplo de ordem e prosperidade, é indispensável tratar cuidadosamente da família: construir em bases sólidas a estabilidade e a harmonia do lar, esclarecer-lhe as razões materiais e divinas da sua existência, integrá-la no dinamismo da vida, sem a divorciar dos sentimentos afectivos.

O Homem egoísta e cheio de ambições, perdeu-se do lar e da família, do ambiente espiritual, sagrado e necessário, onde as almas se aquilutam, desde que despertam para a vida consciente—daí a instabilidade e o desequilíbrio social da hora presente.

Para baixar a febre das ambições e o egoísmo que domina e desvaia a humanidade, tornando-a cruel e amor al anuñcio-se a utilidade de uma política do espirito. Ela é, realmente, essencial para formar o ambiente em que vive a família. De contrario, esta continuará a asfixiar-se numa atmosfera impura de materialismo.

Contudo, a politica do espirito não chega, é preciso ir mais além, fazer a politica da propria familia.

Mas, para que esta obra resulte, não basta seleccionar a Raça, fomentar o eugenismo, construir maternidades, multiplicar as creches ou aumentar o numero dos dispensarios infantis, etc. E' urgente ensinar ás mães alguma coisa mais do que as simples regras da higiene e da puericultura. Cuidar da formação física das gerações futuras, é util. Tratar da sua educação moral e intelectual, é indispensável.

O eugenismo é uma regra deshumana. A selecção dos homens deve ser, tanto quanto possível, natural e nunca exclusivamente científica ou artificial. E' preciso defender o aproveitamento cristão do material humano.

As maternidade, as creches e toda a assistência que provoque o afastamento do lar, embora obedeça a fins higienicos de incontestavel interesse, pode trazer perniciosas consequências.

Além do incomensuravel dispendio que a obra das mães, assim organizada nos impõe, ha que notar, sobretudo, o desperdicio dos valores espirituais que ela ocasiona.

A assistência fora do lar deve preferir-se, sempre que possível, um carinho e benéfico amparo dado á familia no seu verdadeiro ambiente. E, este amparo não deve ser apenas material: é preciso ensinar ás mães as regras da pedagogia cristã, orientá-las como educadoras.

O lar é o meio mais natural e logico para realizar a formação do homem.

Ha quem pretenda que os pais saem por instinto completamente esclarecidos no sentido de criar e educar os filhos. E' certo que o instinto é um guia poderoso que consegue tornar alguns pais bons educadores, mas não é menos verdade que esses educadores se poderiam tornar mais perfeitos no dia em que fossem devidamente encaminhados por uma politica bem dirigida.

Os valores do espirito baixaram do lado do nivel moral, é preciso aquilutá-los, fazê-los subir.

E' necessario que os pais, já competetrados dos seus deveres, olhem os filhos como valores de que eles próprios e a Nação carecem.

O lar, entre nós, é barulhento. Fala-se alto demais, questiona-se com frequência, ralha-se por tudo. Lá diz o vulgo: lar que não é ralhado não é bem governado. E, neste erro de concepções, deixa-se á solta a nossa turbulencia natural, e o ambiente torna-se improprio para o trabalho.

O ruido desvia a atenção dos que precisam estudar e, sem atenção não ha observação nem reflexão perfeita—não ha possibilidade de produção espiritual.

Em casa, os filhos precisam, igualmente, do pai e da mãe. O divorcio destrói a familia: tem de acabar.

Quando é só a mãe a conduzir os filhos, eles correm o risco das suas condescendências. A mãe é muitas vezes fraca ante os seus caprichos e exigências. E' ao pai que compete corrigir as fraquezas e transigências da mãe, guiando os filhos, afastando-os do medo, instruindo-os sobre os valores da energia e da vontade, preparando-os para resistirem aos golpes da adversidade ensinando-os a enfrentar

de uma maneira viril os embates da vida.

A educação é uma obra cheia de amor e ideal. Porém, não necessita somente de uma mística: exige também uma tecnica.

O problema da educação é muito grave. Não se pode resolver por instinto. Não basta querer realizar os seus preceitos, e necessario sabre dispôr dos conhecimentos precisos á sua realização: conhecimentos de ordem higienica etc.

A escola e a familia não se substituem, completam-se.

Pretender destruir a escola para proteger a familia é um erro. Prolongar a presença da criança na escola, aumentando o numero de horas e dias lectivos, outro erro.

E, não será um erro ainda maior, entregar á familia os deves mentais, os anormais, os que mais difficilmente se podem educar?

Fala-se em deixar a solução deste complicado problema á iniciativa particular, como se o Estado tivesse, alguma vez, tomado, verdadeiramente, conta dele. E, nós preguntamos: a quem têm estado entregues senão á ignorancia e impossibilidades da familia?

Mesmo abstraindo-nos destes casos dificeis é forçoso reconhecer que a hygiene e a pedagogia, obedecem actualmente, a principios que nem todos conhecem que não podem deixar-se entregues ao instinto da familia.

Já noutro lugar o dissemos: a escola deve irradiar a sua acção de maneira a influir na conduta dos pais.

O corpo e o espirito formam uma unidade perfeita, olhar pela robustez física da criança, é evitar o desequilíbrio do seu sistema nervoso, da sua sensibilidade—do caracter do Homem do futuro; mas se não cuidarmos igualmente e ainda mais desveladamente de lhe formar a consciencia, o Homem ficará deshumano e imperfeito, pronto apenas a utilizar a sua força, e indiferente á acção do bem ou do mal—deixa de ser um valor para ser apenas inutil ou nefasto.

JUDITH TEIXEIRA

V. Ex.^a sabe?

que os costureiros

FREIRE, FARIA & GOMES, L.^{da}Rua do Ouro 101, 1.^o

é a casa que vai marcar com a linda colecção de "toilettes" para a estação do verão

Telefone 2 7622

Mala Real Inglesa

(Royal Mail Lines, Ltd.)

Carreiras regulares para os portos de Espanha, França, Inglaterra, Brasil e Rio da Prata, em magnificos paquetes dotados de todo o conforto e segurança.

Agentes para passagens e carga em Lisboa:

James Rawes & C.^o
R. Bernardino Costa, 47-1.^o
Telefones: 23232 23-33 23234E. Pinto Basto & C.^a, L.^{da}
Avenida 24 de Julho, 1
Telefones: 2604 (4 linhas)

A MORTE DO POETA-SOLDADO

Reminiscencias da vida de Gabriel D'Annunzio

Encontrava-me em Trieste, em dezembro de 1930. Um patricio amigo, de passagem por esta grande cidade italiana, falou-me de Gabriel D'Annunzio, tendo-me bem—estas curiosas e desconcertantes frases, que ouvi, confesso, com espanto e trizeza: —«Em Portugal, o chamado «herói de Fiume», se é considerado pelos intelectuais um altissimo poeta, romancista e dramaturgo, é considerado também, como politico, um antetico visionario!»

Ora, eu nutri sempre uma convicta admiração por D'Annunzio, que tive a subida honra de conhecer pessoalmente, em Roma, uma noite, no majestoso salão do Hotel Excelsior—e essa admiração leva-me agora, após a sua morte, a protestar, indignadamente, contra semelhantes e tão desrespeitosas frases. Não pretendo, é claro, aqui defendê-lo, que o não precisa, mas apenas... desabafar!

Se Gabriel D'Annunzio, como politico, foi mal apreciado e julgado em Portugal, eu creio, e sinceramente, que houve muita gente, no meu país, que não soube compreender o admiravel estoicismo do grande escritor—o maior intelectual italiano que, depois do Rissorgimento, apareceu.

D'Annunzio, com todos os defeitos, que lhe atribuíram, foi, porém, o unico politico italiano, que, na hora soberba da Vitoria—uma hora tragica para a Italia—melhor soube sintetizar e encarnar as legitimas aspirações da sua Patria bem amada.

Ele não partiu, ardendo em febre, de Ronchi para Fiume, seguido por alguns milhares dos seus valentissimos arditi, para desluzbrar as multidões impressionaveis e lhes exigir que, em paga dos seus enormes sacrificios, lhe erguessem uma estatua a garantir-lhe ao lado de Mazzini, Garibaldi, Cavour e outros, um lugar inconfundivel na Historia. Não!

Gabriel D'Annunzio nunca foi um heroi lendario; foi um heroi autentico, em carne e osso, que soube sempre repudiar, com soberano desprezo, as numerosas solicitações e as habilitos combinazioni, que certos governos do seu país, atirpallados com a sua audaciosa attitude, lhe ofereceram, mas em troca dele abandonou a causa que espontaneamente abraçou, jurando perecer na luta se tanto as circunstancias lhe exigissem.

Gabriel D'Annunzio nunca se curvou perante as disfarçadas ameaças dos ministros Giolitti ou Nitti.

Sonhando com os seus notaveis predecessores do Rissorgimento, com a ambicionada unidade, territorial e ethnica, da sua Italia bem amada, D'Annunzio resolveu intervir energicamente em Fiume no proprio dia em que se convenceu de que tal unidade estava em perigo, comprometida pelas infelizes negociações, talvez bem

intencionadas, dos hesitantes ou pusilamines diplomatas da Consulta!

Partiu, então, armado e equipado, para Fiume, levando como bagagem as suas sugestivas e vermelhas proclamações, a juntar-se aos seus irmãos irridentes, os quais, quasi esquecidos pela Patria, má de todos, durante anos não fizeram senão invocá-la das margens alcatiladas do Adriatico... para, na hora formidavel do triunfo definitivo, se encontrarem, entregues aos proprios recursos e á energia indomita de Gabriel D'Annunzio!

Ele, porém, não lhes faltou! Partiu para Fiume a combater com a sua fé inabalavel, dia a dia mais profundamente sentida, a defender os seus irmãos ameaçados pela cubica da Yugo-Eslavia—e foi combater pela grande causa que espontaneamente abraçou, não duvidando nunca de que, por fim venceria. A sua causa não era só justa, mas também santa!

D'Annunzio, mesmo olhado pelos seus mais ardentis inimigos, foi tão grande que, a-pesar-de atrozmente vilipendiado pelos politicos de profissão, pôs sempre em cheque a vonta acomodaticia dos governos italianos dessa memoravel epoca.

De facto, quer Giolitti, quer Nitti, recusaram sempre, receosos de acenderem na Cidade-Martir o fogo sagrado da resistencia até á morte, que Gabriel D'Annunzio se mostrava resolvendo a aticar implacavelmente com a sua generosissima alma em fogo, o seu verbo inflamado e a sua coragem de antigo cruzado sob os muros do Jerusalem...

O parlamento italiano—recorde-me ainda—após a dolorosa aprovação do Tratado de Rapallo, compreendeu que, se á Italia cumpria observar as clausulas do Tratado, não poderia também amortalhar o grande poeta-soldado, tomando então a iniciativa de corrigir a acção aggressiva, que o ministro da Guerra, apertado pelas circunstancias, friamente preparara no seu gabinete com o chefe do estado maior do Exercito.

O parlamento, consternado, sem uma nota discordante (até mesmo nas bancadas dos socialistas-revolucionarios) intercedeu para que o governo autorizasse uma comissão de deputados a ir a Fiume e a procurar abrir, na resistencia inabalavel do poeta, uma porta de saída para o conflito imminente, evitando a grande tragedia já delineada, que sangue fraterno fôsse derramado.

Giolitti, o chefe do governo, concordou com o pedido do parlamento, convencido, porém, intimamente, de que a simpatica tentativa era destinada a falir, porque, diante da comissão de deputados, erguia-se a vontade de ferro de D'Annunzio, interprete maximo das aspirações italianas no Adriatico.

No entanto, Giolitti, avaliando a situação, tão assustadora como perigosa recuou de novo e mandou levantar o bloqueio de Fiume anteriormente ordenado, imaginando que talvez a população, perante o anuncio da fome, abandonasse a sua resistencia e o seu intemerato Condottiere. Previsão de velho politico...

Mas a população de Fiume, da Regenza italiana del Carnaro, dirigiu-se logo ao palacio de Gabriel D'Annunzio á espera de que ele pronunciasse uma palavra redentora, que não fôsse um dies irae pelos que haviam de cair imolados. E o heroi, com a tranquillidade dos imortais, bradou:

«A's armas! A's armas! Eia! Eia! Alalá!!!»

Tanto bastou!

Encheram-se de esperanças os corações de todos os fumanos, já não saiu do porto o couraçado Dante Alighieri—e homens, mulheres e crianças, jurando defender a sua italianità até ao supremo sacrificio, juraram não abandonar o poeta—que este nunca os abandonaria. D'Annunzio ainda que lhe pusessem diante dos olhos a mortalha e que lhe apontassem para a cova aberta pelos diplomatas e bençida pelos indifferentes e pelos cobardes, não recuaria!

Que grande ofensa, pois, a do patricio amigo, ao chamar a Gabriel D'Annunzio «grande visionario politico»!

E' pena, na verdade, que entre os portugueses não abundem visionarios da sua categoria, da sua envergadura!

EMIGDIO GARCIA

Só este
aparelho lhe dirá a verdade

Sem controle 'Zenith'

muitas paragens, grandes interrupções, aproveitamento deficiente das suas máquinas, despesas e salários improdutos

Rendimento apenas:

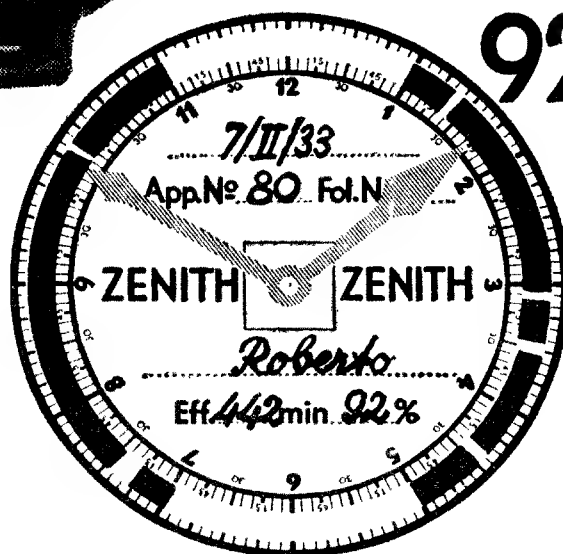
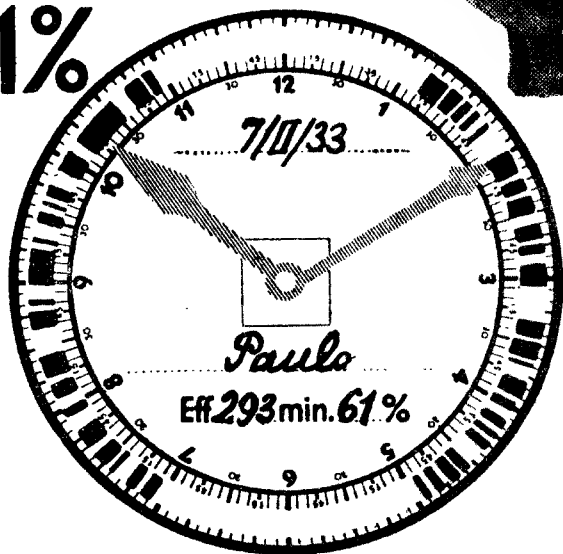
61%

Com controle 'Zenith'

Poucas paragens, quasi nenhuma interrupções, rendimento racional do seu pessoal e das suas máquinas. Salários productivos

Rendimento:

92%

Peça uma demonstração ao representante

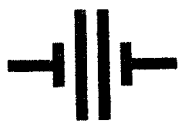
J. F. M. CORTE REAL

R. S. Domingos á Lapa, 105 — Telefone 6 1827

ou aos vendedores autorizados

FACTO, L.^{DA}

R. do Comercio, 8—Telefone 2 2948
LISBOA



«FÉNIX»

J. M. Messejana
R. Nova 12 — **EVORA**

Execução de todos os trabalhos da arte de cabeleireiro pelos seus proprietários

R. do Ouro, 170, 1.º
Tel. 2 6972

Salão Veneza

CABELEIREIRO DE SENHORAS

ALBERTO ALVES
AVELINO BORGES
J. GONÇALVES NOVO

AOS Srs. CONSTRUTORES

VIDRO BELGA de todas as espessuras.
VIDRO PULIDO (chapa francesa).
VIDROS PREENSADOS.

Não comprem sem consultar os preços de

A BISELADORA, L.D.^a

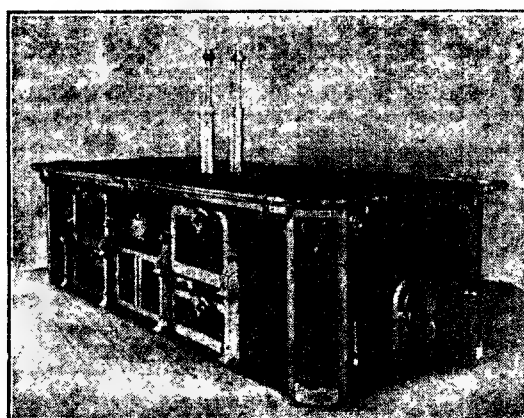
FABRICA DE ESPELHOS

Regueirão dos Anjos, 68 — Tel. 4 5910 — LISBOA
Para grandes fornecimentos preços especiais

BRINDES os mais baratos
os mais valiosos
para a PASCOA
são os que se compram na

Ourivesaria do **BARATEIRO PIMENTA**, Rua da Palma, 2

SERRALHARIA JOSUÉ AUGUSTO MOREIRA
SUCESSOR
ANTONIO JOSÉ GARCIA



Construtor
de Fogões de cozinha
Casa fundada em 1877
e Premiada na Exposição
de Paris em 1900

Encarrega-se de concertos
e transformações
em fogões com perfeição

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 120 e 122
LISBOA
Telef. 4 4841

OFICINAS
de Encadernação Pautação e Dourador

RAUL AUGUSTO DA FONSECA

Executam-se Trabalhos Simples e de Luxo — Livros em Branco para o Comercio

Casa fundada em 1918
Rua Luz Soriano, 68
LISBOA
ORÇAMENTOS GRATIS

O ARCO IRIS

DROGARIA E PERFUMARIA

Vicente, Silva & Real, L.^{da}

127, Rua da Misericórdia, 129
(Antiga Rua do Mundo)

LISBOA

VALORIZAÇÃO CIDADINA

O Parque Florestal de Monsanto

Lisboa, que tanto urge valorizar, tem agora, á frente do seu Município, o alto espírito, moderno, pratico, vidente e previdente, do engenheiro Duarte Pacheco, individualidade de que muito ha a esperar, porquanto, com a clareza que lhe é peculiar, já expôs as suas idéas e os seus planos, em que transparece a vontade firme de realizar trabalho digno desta cidade e da sua propria personalidade, aliás bem accentuada quando sobraçou a pasta de ministro das Obras Publicas e Comunicações.

Entre os empreendimentos de grande envergadura que se propõe effectuar, avulta a criação do Parque Florestal de Monsanto, que, como o da Portella, desde ha dez anos vinhamos advogando no «Diário de Lisboa», com o fim de se suprimir uma desprestigiada lacuna, pois esta inclita Rainha do Tejo continuava a ser a unica capital da Europa que, em pleno seculo vinte, ainda não possuía um parque publico onde se recreassem e fortalecessem os seus habitantes.

Este novo massiço arborico, de uns setecentos e trinta hectares, que tanto deve contribuir para abrigar e depurar os aglomerados urbanos existentes ao seu nascente, e que se dilatara das largas faixas de terra que vão do Calhariz e de S. Domingos, em Benfica, até aos Montes Claros e ao Alto da Ajuda, tudo tem a seu favor: situação privilegiada, solo fecundo, topografia caprichosa, clima salutar, horizontes variados, e um panorama sobre o Atlantico, como não existe outro no mundo.

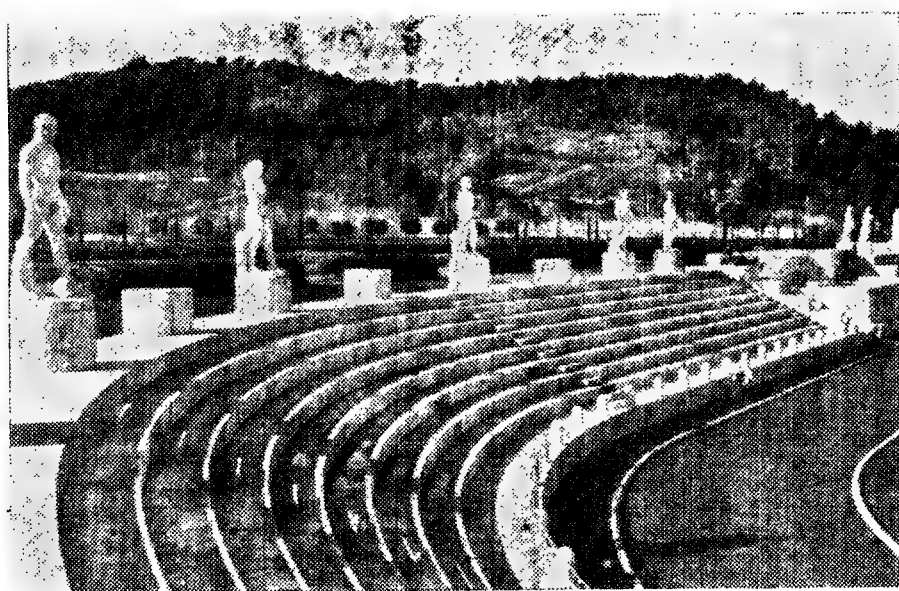
Porém, para que um tão excepcional logradouro não venha a padecer dos mesmos males que affectam o Parque Eduardo VII, cujos descabidos e pretenciosos adornos são como aqueles candelabros que raramente alumiavam a memoria de Pombal, prova bem convincente do mau-gosto nacional, impõe-se subordiná-lo a um plano em que tudo esteja previsto e calculado: largura e extensão de ruas e da auto-estrada que, longitudinalmente, o atravessa; dimensão das praças que lhe distribuam o transto de veiculos e de peões; indicação das especies de arvores que devem ser plantadas nas suas diversas altitudes; pontos em que seja acertado localizar mirantes, alamedas, jardins, estufas, pavilhões, restaurantes, divertimentos, jogos, solarios, piscinas, lagos, e muitas outras cousas imprescindíveis nestes recintos em que tanto se torna conveniente imitar a Natureza.

No mesmo plano deve-se, tambem, indicar, com a maxima precisão, a sua porta principal, que já não poderá ficar junto do volume architectónico do majestoso Paço da Ajuda, pela simples razão de, no alto da Serafina, á vista da Barra do Tejo, se ter reproduzido, fielmente, um trecho de povoação pobre do antigo reino de Leão de Jodá.

Quando mostrámos a conveniencia de construir, nesses sitios salustares e admiráveis, o prometido Estado Nacional, que teimam agora em localizar fora de Lisboa, dissémos que o mencionado parque tinha a apreciavel vantagem de, para mais o aproximar do centro da cidade, poder ser encorporado na frondosa Tapada da Ajuda, cuja porta sul, já no populoso Bairro de Alcantara, servido por carros electricos e por uma boa estação de caminho de ferro suburbana ou de cintura, depois de devidamente decorada, ficaria constituindo a sua principal entrada.

Por esse tempo, tambem lembrámos a conveniencia de, pela sua impropriedade e vergonha que representa, fazer arrazar aquele tumulo de vivos e presidiarios existente no ponto mais culminante da serra, para depois, com desalago, se erguer, sobre os seus alicerces, um grande pavilhão de concertos e radio, circundado por vastissima esplanada, de cujas torres se disfrutaria, aos quatro ventos, um panorama bem difficil de descrever.

O projectado repovoamento florestal exige, igualmente, muitos cuidados e o saber que raros homens possuem na nossa terra. Só uma sensibilidade artistica, de paisagista emerito, pode escolher na arvore, a «nuance» do



O belo e classico Estadio do Mármore, em Roma, que Mussolini edificou num acidente de terreno muito semelhante ao que existe no Alto da Ajuda, dilatado até á Tapada

verde, o colorido da floração e o recorte da ramagem, que mais convenientemente a cada declive dessa maravilhosa cordilheira. A este proposito, disse-nos, ha pouco, o dr. Augusto Frazão Etur, distinto autor da tese «Arborização», aprovada no 1.º Congresso de Turismo, e que muito se tem dedicado a tal especialidade, que um dos tecnicos que está á altura de poder arcar com uma tal tarefa, é o actual administrador do Parque da Pena, de Sintra, sr. Carlos Oliveira de Carvalho.

Os sabios escutam os conselhos, e cremos que não seria descabido ouvir os pareceres de tão illustre funcionario do Estado. E, como ao assunto temos, tambem, prestado um pouco da nossa modestissima atenção, seja-nos permitido expor algumas opiniões:

Num parque, o que mais marca e enriquece as perspectivas é, indubitavelmente, a arvore, o benfazejo vegetal que o saudoso engenheiro Ressano Garcia muito propagou ao abrir as Avenidas Novas, e que, ha já cem anos, lamentavam «que a Municipalidade de Lisboa não desse maior extensão ao seu plantio, que tanto viria concorrer para a purificação do ar, atracção dos miasmas e outras vantagens publicas».

São elas o adorno que mais deve interessar ao realizador deste parque. Segundo o nosso criterio, as suas varias especies podiam ficar assim distribuidas: nas encostas voltadas ao Tejo, que bonito seria manterem-se em permanente verdor, o pinheiro, o cedro, a magnolia, o medronheiro, a murta e o loureiro; nas ruas e alamedas, para nos darem a sensação de beleza da floração e folhagem, na primavera, a olíbia, a tilia, a pimenteira, o jacarandá e o castanheiro da India; nos massiços florestais, em que as tonalidades e o talhe das frondes precisam conjugar-se com arte, o choupo, o sobreiro, o salgueiro, o cipreste, a nogueira, o freixo, o olmeiro, a faia, o zambujeiro, o chorão, o lodão e o platanó; nas baixas da serra, que são abundantes e abrigadas, as amendoeiras, que tanto encantam, ao florir em pleno janeiro, e as acacias-mimosas que, quando em flor, oferecem aquele espectáculo surpreendente que, em todos os meses de março e abril, se repete na Mata da Trafaria.

Da nova Teoria dos Parques, que obriga estes a conservarem a topografia biologicamente natural, e a deixar intactos os pontos culminantes, para que não se anulem os disfrutes dos seus panoramas, fazem parte as chamadas «Zonas Agricolas», que bastantes contribuem para tornar pitorescos e bucolicos estes lugares de recreio, e que acertado seria aplicar no referido bosques de Monsanto, que assim, ficaria mais alegre e característico, com as suas searas, os seus olivados, as suas vinhas, e os seus molinhos, brancos e airosos, de tanta reminiscencia fenicia, e que devemos acariñar e conservar, por serem, com o pinheiro e a piteira, a nota mais interessante da paisagem portuguesa.

Não devemos olvidar, tambem, o pomar, que, com os seus amadurecidos frutos, qual jardim das Hesperides, onde Hércules roubou os pomos de ouro, virá emprestar-lhe graça e cor infinitas. Lugar de preferencia merece então, o laranjal, pois, como já dissémos, o primeiro que se plantou na Europa foi na cerca do Convento de Nossa Senhora de Belem—padrão glorioso da nossa epopeia oceanica; e as suas arvores, de eterna folhagem, sempre preenchidas de frutos vivazes e flores perfumadas, representam um valor historico para os lusitanos, pela razão de haverem sido trazidas, no ano de 1548, dos mares da China, nas naus de D. João III, rei que logo as propagou no seu pequeno reino peninsular e no seu grande Imperio Ultramarino.

A exemplo do que se fez em Paris, na Butte Chaumont, da qual se extraiu a pedra para os trabalhos urbanos levados a cabo por Haussemann, e onde constituiram um dos parques mais originaes da França, dever-se-ia deixar incolumos as varias pedreiras e cavas que se encontram na serra. Seria aí o sitio a caracter para, como em ambiente tropical, crescer e multiplicar-se toda a casta de cactus, e localizar estufas frias, de vastas dimensões e agigantadas cupulas canicadas, para onde transferissem, com o maximo cuidado, os preciosos especimes botanicos que existem na do Parque Eduardo VII, que está prejudicando o futuro e inadiavel prosseguimento da Avenida da Liberdade.

Para que, neste primeiro parque publico alfacinha, as fontes não repuxem, os tanques não enlodequem, e as arvores não estollem, como succede com as fontes do Rossio, os tanques do Campo 28 de Maio, e as arvores da Avenida, torna-se imprescindivel que a agua não continue a ser fornecida por conta-gotas ao primeiro Municipio do Pais. Os grandes lagos navegaveis que, como se prova com: os do Bosque de Bolonha, de Paris, os do Hyde Park, de Londres e os do Retiro, de Madrid, são um dos mais apreciaveis divertimentos dos moradores das cidades, não podem existir enquanto não esteja assegurada agua corrente bastante que os inibam de se constituirem focos de infecção perigosos. Entre nós, o mal vem de longe. Já, em eras seiscentistas, o famoso Francisco de Holanda pedia á Casa dos Vinte e Quatro, desta mui nobre e leal cidade, «para se restituir a Fonte da Agua Livre a Lisboa, que morre de sede e não lhe dão aguas».

E. RAPOSO BOTELHO

PONCHE REI DE SIAM
o unico em pureza e paladar

Perfumes
FORVIL
EM TÔDA A PARTE

A' margem da semana

Ondas

Lucie Delarue-Mardrus, a escritora francesa que muitos portugueses conhecem não só pelos seus livros, mas pelas belas conferencias que lhe ouvimos quando visitou Portugal, ha anos,—está publicando as suas «Memorias Literarias», na «Revue des Deux Mondes».

Muitas coisas interessantes diz Mme. Mardrus nessas «Memorias» em que vemos passar diversas figuras contemporaneas ainda hoje conhecidas e discutidas no mundo das letras, da politica e até das questões sociais.

Comentando idéas, figuras e factos, a escritora tem alguns pontos de vista curiosos. Este, por exemplo: «Muitas vezes tenho pensado, desde a descoberta de Branly, que os cerebros das criaturas são antenas e que a vida não é outra coisa senão uma serie de ondas passando por este aparelho mais ou menos sensível. Os nossos pensamentos não sairiam, pois, de nós, mas ao contrario, entrariam em nós como a corrente que faz cantar ou falar o posto».

Não podemos tomar tal asserção ao pé da letra; isso levar-nos-ia muito longe, mas creio que podemos pensar que existem, realmente, cerebros emissores e cerebros receptores, e que a propaganda e a aceitação de certas idéas, boas ou más, representa um fenomeno dessa ordem.

Muitas vezes, até, sem que uma idéa seja formulada, recebemo-la ou transmitimo-la, e essa misteriosa comunicação nos deve convencer que o pensamento, mesmo silencioso e oculto, não é indifferente e tem a sua repercussão.

A T. S. F. abre-nos, sem duvida, horizontes estranhos sobre os dominios abstractos, apesar da sua classificação de descoberta material da ciencia.

MARIA DE CARVALHO

NOTÍCIAS DE AVEIRO

AVEIRO, 5. — As festas da Semana Santa, nesta cidade, que têm fama pelo seu brilho e farta concorrência dos povos dos concelhos vizinhos, prometem, este ano, atingir o maximo de brilhantismo e pompa.

Depois das entidades officiais terem dado o seu apoio á feliz iniciativa de converterem as festas em verdadeiras festas religiosas, capazes de chamar a atenção de estranhos, todas as agremiações locais estão empenhadas e animadas do mesmo desejo.

O grupo cénico do grupo dos Galitos anda a organizar a constituição dum cortejo folclorico que será o remate das festas a exhibir no domingo de Pascoa, aguardando-se que as camaras de Ilhavo, Murtoza, Ovar, S. João da Madeira e Oliveira de Azemeis apresentem interessantes ranchos das suas tricanas, ostentando caracteristicos trajes da região que representam.

Ao que nos consta, a Emissora Nacional vai radiodifundir grande parte dos festejos, para o que se encontra nesta cidade, desde hoje, o sr. Carlos Ribeiro, dos Serviços Externos daquela Emissora.

—Tem sido extraordinariamente visitada a «Feira de Março», que todos os dias regista grande affluencia de visitantes.

No domingo, grande numero de empregados da casa «Siemens» vieram a esta cidade em excursão propositada á exposição regional, tendo feito um belo passeio pela ria, onde almoçaram.

No proximo domingo, effectua-se um comboio especial de Viseu, que conduzirá muitas pessoas daquela cidade e de toda a região do Vale do Vouga.

Encontra-se instalado no recinto da «Feira de Março» o grandioso Circo Luftman, que se apresenta com variadissimos numeros de effeito.

Todas as noites o publico aveirense tem tido occasião de palmar as estreias, constituindo um agradável passatempo.

—Está annunciada para amanhã, quarta-feira, a recita de apresentação no Teatro Aveirense da companhia Adelina-Aura Abranches, com a comédia «Domador de sogras».

—Tem experimentado poucas melhoras o illustre reitor do Liceu desta cidade, dr. José Joaquim Pires, que ha dias se encontra internado no hospital da Universidade de Coimbra e por cujo restabelecimento fazemos votos.

MOSAICOS

Azulejos
GOARMON & C.ª
T. Corpo Santo, 17 e 21
Lisboa—Telef. 2 1059

COMBOIO DE EXCURSÃO A BRAGA COM CARRUAGENS PARA AVEIRO, ESTARREJA, OVAR E PORTO, NO DOMINGO, 10 DE ABRIL

A C. P. efectua no proximo domingo 10 um Comboio de Excursão a Braga com carruagens para Aveiro, Estarreja, Ovar e Porto, o qual partirá de Lisboa-R. às 7 e 27 chegando no regresso a Lisboa pelas 2 e 19.—Ver horario e condições no cartaz.

Preços:—da ida e volta Até Aveiro, 3.ª classe, 40\$00, 2.ª classe, 57\$00. Até Ovar, 3.ª classe, 44\$00, 2.ª classe, 62\$00. Até Porto, 3.ª classe, 55\$00, 2.ª classe, 80\$00. Até Braga, 3.ª classe, 60\$50, 2.ª classe, 88\$50.

Marcação, 2\$50. Bicletas, 3\$00.

Ocasão excepcional para visitar Braga, a linda capital do Minho, os seus magníficos monumentos e essa estância privilegiada, maravilha da natureza, que é o Bom Jesus do Monte.

Os bilhetes são também validos de e para Olivais, Sacavem, Alhandra, Vila Franca, Alfaiões, Coimbra-B., Gaia, Ermezinde, Trofa e Nine e podem ser ampliados para regressar até aos dias 12 ou 14 pagando-se uma taxa.

Inscrição e ampliação nas Informações da Estação do Rossio.

As pessoas da provincia que queiram utilizar este Comboio podem obter bilhetes complementares de ida e volta com 45 % de redução entre qualquer estação da C. P. e o ponto em que tomem o Comboio. Dirigir-se ao Serviço de Turismo da C. P., Estação do Rossio, 1.º andar—Tel. 2 4146.

ARQUI CHIQUE RETROSARIA

TELEFONE 2 1773

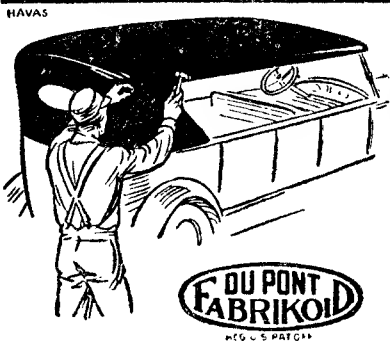
83, R. dos Retroseiros LISBOA

As mais recentes novidades em fechos e fivelas para cintos



uma lâmina diferente das outras
A lâmina DIAMON é diferente das outras por ser de alta qualidade e ter dois gumes especiais para barbear e escanhoar.
Cada lâmina custa só 1\$00

DIAMON
A venda em toda a parte
Distribuidores Gerais:
BASTOS & FERREIRA, Lda
Rua Aurea, 66-3.ª — LISBOA



O MELHOR MATERIAL,
MANUFACTURADO
PELOS FABRICANTES DO



para esofos, capotas e
decorações.

Venda por grosso e a retalho:

BETHENCOURT BROS, LTD.

Rua Aurea, 132-138 — LISBOA

SORIA, LDA.

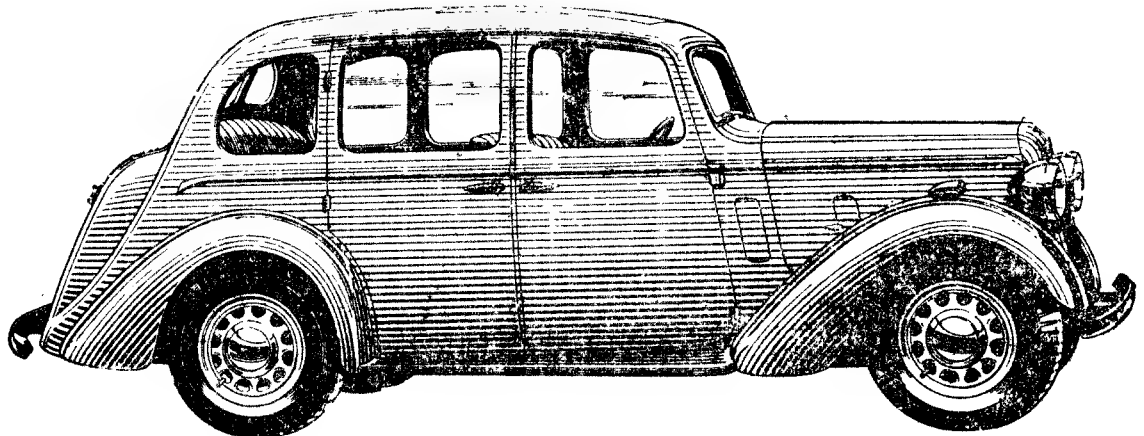
Rua Sá da Bandeira, 214-216 — PÓRTO

Comprar AUSTIN não é uma aventura — E' a certeza de obter satisfação

- A grande experiencia adquirida pela fabrica Austin em longos anos de especialização no fabrico exclusivo de automoveis
- Os enormes recursos de que dispõe que lhe permitem comprar grandes quantidades de materias primas em condições mais vantajosas
- As formidaveis provas prestadas pelo Austin sob as mais diversas e dificeis condições em todas as partes do Mundo
- A proverbial economia de consumo de gasolina dos Austin
- E ainda a grande satisfação resultante de se possuir um automovel que, por ser resistente, está sempre pronto a andar

São tudo factores que plenamente justificam que comprar

AUSTIN não é uma aventura



Todos os modelos em exposição — PEÇA CATALOGOS

Distribuidores Gerais em Portugal:

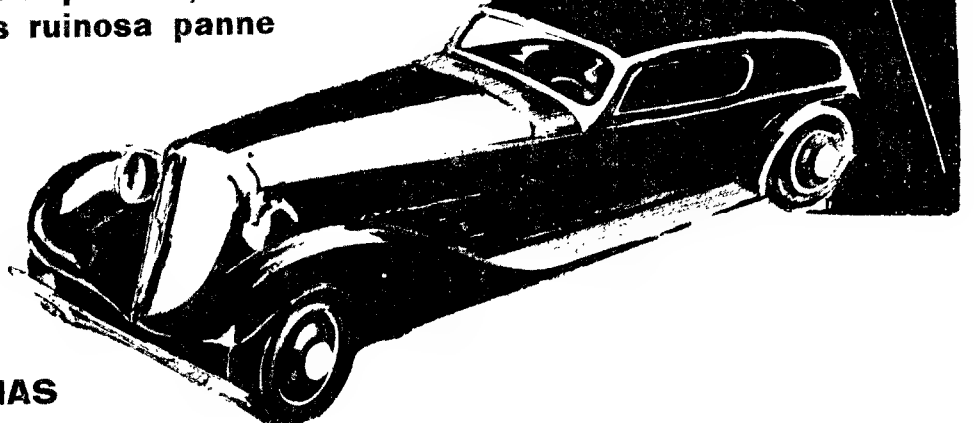
J. J. Gonçalves, Sucrs.

90, Rua Rodrigues Sampaio
LISBOA

130, Rua Alexandre Braga
PORTO

LANÇADO NA ESTRADA

Sem uma lubrificação perfeita, vai
ao encontro da mais ruinosa panne



USE APENAS

EAGLOIL

SPECIAL AUTO

H. VAULTIER & C.
Secção de Oleos

Aos barbeiros

Aconselhamos uma visita á bem conhecida casa, drogaria e perfumaria Viuva Dias, onde se encontra um colossal sortido de todos os artigos proprios para barbearias, nos melhores preços e qualidades.

Rua dos Fanqueiros, 342-344
(Em frente ao Mercado)

PRESCREVER STOPSTARA nos cadernos de encargos, é ter a certeza de se dotarem as respectivas obras, com UM PRODUCTO DE GRANDE CLASSE!

Defender as claraboias com STOPSTARA, é a melhor protecção, contra os efeitos perniciosos da chuva, nas respectivas armações de ferro.

Pode dar muitas referencias, o importador Antonio Augusto Pedrosa,
R. Arco do Cego, 38, 1.ª, D.ª — T. 4 0323

PRODUTORES DE LEITE

Se quereis LEITE LIMPO, utilizai o **FILTRO MARCO** que vos proporcionará uma filtração RAPIDA e reterá todas as impurezas visíveis e invisíveis que o leite contenha.

O **FILTRO MARCO** fará com que o vosso leite seja um ALIMENTO DE QUALIDADE para todos, velhos e novos, e UM ARTIGO DE PRIMEIRA ORDEM para o fabrico de manteiga e queijo.

Aparelho simples, sólido, eficaz e de duração ilimitada. Custo de manutenção insignificante.

Unicos Agentes em Portugal e Ilhas Adjacentes
A. SILVA & FIGUEIREDO, LTD.
RUA DAS JANELAS VERDES, 2.ª — LISBOA
Os pedidos podem ser feitos directamente ou a firma

Gonçalves & Sousa, Ltd.

RUA DA GLORIA, 2-A LISBOA

Aceitam-se ofertas para agentes.

Telefone 2 9603



O «Diário de Lisboa» vende-se no
Estoril—Caminho de ferro.

Na prisão de ventre

DRALAX

A China aguarda o seu dia, sabendo que ele há-de chegar

Viera ordem de Lisboa para seguirmos para Nanquim. Antes do «Pimpão» sarpar, o *tão-tai* de Changai, convidara-nos para uma merenda no seu crenelado palácio de Cha-pu, onde ha pouco os japoneses despejaram rios de metralha sobre os soldados de Chang-Kai-Chek. Repasto exoticamente chinsês. Mandarins, letrados, altos funcionarios celestes. Botões de coral vermelho, de coral palido, de oiro lavrado, de cristal, nos carapuços negros de seda. Leões, tigres, leopardos, bordados a oiro no peito e nas costas, sobre as cabaias azues e violetas, marcando as categorias...

Duas enormes mesas aos extremos, da sala laqueada a verde pallido. Numa as *galantines*, as *mayonnaises*, os *flans*, os á Colbert, á Vatel, á Richelieu... Na outra os preparados de ninho de salangana, as barbatanas gelatinosas de tubarão, os ovos de pomba de meio seculo, os guizados de cobra, e outras cousas singulares e certamente saborosas, para paladares amarelos. O *táo-tai*, velhito enrugado, estatueta movente de porcelana, arrancada á vitrine de qualquer *bric-à-brac* exotico, as remises de bigode branco e escassa caidas molemente sobre o queixo, passava os olhitos, obliquos, verumantes e esportos sobre nós, observando, inquirindo, a sorrir... Quando veio o «champagne» ele nasalou e silvou, qualquer cousa oratoria e solene, que o meu preclaro amigo e perito diplomatico, Ma-Tcheng-Tchuang, traduzdrou na nossa lingua. Por fim terminou, levantando acima da cabeça a taça espumante em honra do Tai-Sai-Kuo-Jong, cem vezes grande, e amigo nunca esquecido do Imperio do Ceu.

Este Tai-Sai-Kuo-Long, quer dizer Grande Imperio Maritimo do Ocidente: Portugal.

Não foi sem uma certa emoção, talvez de bom orgulho, que ouvi pronunciar e honrar o nome oriental do pequeno país, que me ficava agora lá longe, a duas mil leguas, e que tão alto fôra no seu genio e no seu esforço, que passados seculos era ainda na linguagem protocolar desta formidavel e antiquissima China, o Grande Imperio Marítimo do Occidente: Tai-Sai-Kuo-long: Portugal!

Quando após a largada, ao dealbar da manhã de em frente á concessão francesa, começámos a ladear, razando o *Bund* e o lang-Tsé-Pu, ha pouco empapado de sangue dos fortes combates sino-japoneses, fui dar de cara com o meu alto amigo Ma-Tcheng-Chuang, encostado á amurada, binoculo assestado para a terra que nos fugia rapidamente para a pópa. Agradavel encontro! Explicou-me que a embaixada portuguesa o havia mandado connosco, para nos guiar na complicada pragmatica chinesa, a quando chegassemos á cidade dos Mings. Ma-Tcheng-Chuang, era alto, forte, claro, tipo das raças do norte, onde predomina o sangue tartaro. Filho do veneravel vice-rei dos dois Kuangs, que diziam ser grande amigo e admirador de Portugal.

Estudara em Cantão e lá alcançara o grau de *chu-jeu*, licenciado em letras, e o botão de coral. Como possuía vasta cultura oriental e era rico, dedicara-se á diplomacia, prestando serviços de cerimonial e tradução nas legações estrangeiras. Quando saíra de Cantão dirigira-se para Si-Nan-Fu, cidade onde existe um celebre convento de lamas sabios, lá para os lados do Tur Kestan chinês. Aí vivera alguns anos com os monges místicos e macerados, e estudara nos livros milenarios gravados em pedaços de casca de arvore, em velhissimas tabuinhas de osso, e em laminas de pedra carcomida, livro de Dzians, os reconditos segredos da Vida, e os occultos destinos dos homens. Depois partira para a Sagrada Lhassa, onde devia ouvir os altos lamas piedosos e abstractos, mestres profundos das ciencias do espirito, cuja doutrina tem por lema basilar, que a Alma é a chave do Universo. Nos subterraneos do grande templo, jejuara três luas, ajoelhado junto aos tumulos dos Hout-Koutons venerados, conseguindo depois de um titanico esforço, descer aos abismos de si proprio, ás profundidades crepusculares e tenebrosas do seu eu, donde se avista—e só de lá—o Sol, inominado, ofuscante e invisível—a Vontade Criadora—que radia desde os confins do Infinito, o Movimento, a Vida, o Amor por todo o Universo enorme.

Após a iniciação e ter recebido boca a boca a intonação e pronuncia da palavra sagrada—o nome inefável e secreto—Aum—do Ser Infinito vestira a humilde túnica amarela da confraria budhica e trepara aos cumes inacessíveis do Himalaia solitários e eternamente gelados. Aí vivera nas cavernas e conhecera de perto os poderosos Gourous—santos anacoretas, ressequidos e transcluidos de jejuns e sacrificios, que falam cara a cara com o Invisível e dominam de alto o pensamento humano. Com eles aprendera as leis e o valor oculto e evocador da Palavra, a sua prodigiosa força maciça e dura, que cria, destrói ou transforma, condicionando e conduzindo o rebanho das gerações para as finalidades necessárias. Revelara-se-lhe com exactidão e nitidez a significação íntegra e perfeita do Verbo, e dos seus poderes de maravilha... Aí ficara uns tempos entregue á soledade e meditação,

pronunciando por penitencia ininterrupta e esotericamente dez mil vezes por dia, o Nome augusto e sacrossanto do Ser de cem atributos...

Terminado o tempo de ensimesmação e aluminação interno, descerá a planície e montado no dorso dum dromedario, atravessara os desertos arentes e calcinantes da Mongolia, em cata da cidade dos mistérios—Ourga—onde reside o Boudha vivo, encarnação terrena e transitória do divino Gautama. Ajoelhado, enrodilhado, transido, aos pés do deus, homem ou estatua de carne, depois de solene dialogo, sentiu que as palmas das mãos do idolo vivo, lhe pou-savam suavemente sobre a cabeça e que se lhe transfundia e entrava a jorros no coração a virtude fluidica e subtil, que torna a vontade rigida e cortante, como o gume dos açoes... Por fim beijara reverente e devotadamente o grande rubi do anel de Gongis-Khan—o conquistador tartaro que chegou ás margens do Danubio—e que o deus traz sempre no dedo. Nêsse rubi está gravada uma cruz svastika—a que hoje chamam tambem cruz hitleriana—e que é o simbolo e arcano secreto do dominio universal...

Agora estava ali a meu lado, navegando para o Rio Azul, contando estas cousas, naturalmente, singelamente. Por detrás das suas palpebras papudas, edemadas, reveladoras de quem muito pedira ao coração, eu senti que estava ante mim uma alma mística, eivada daquele idealismo politico-religioso—o Neo-Asiatismo—que participa dos pensamentos budhico e islamico e que tem por base doutrinaría que á Asia pertencerá um dia o pastoreamento dos povos do mundo, sob uma nova moral. Fogo que lava invisivel, silencioso e discreto por entre esse incontestavel formigueiro humano da gigantesca Asia, onde vive, pensa e sofre, mais de metade de toda a humanidade...

Logo dobramos a cidade do Vô-Sung e entramos em pleno rio Azul. Este lang-tsé-Kiang, longo de leguas, cujas águas férteis são o sangue da terra que sustenta muitos milhões de amarelos, é tido pelo pai da China, como o Nilo o era também do Egipto. Quando começamos a cortar as suas águas escuras, lodosas, carregadas de *humus* e de detritos, as suas margens mal se avistavam, mas algumas milhas mais além já apertam e se pode gozar com os olhos os seus campos dum verde vivo, fresco e lavado.

Esmeraldas colossais de arrozal a perder de vista e de quando em vez, no meio, inesperada, a vela branca duma locha, cortando a tela verde, a navegar vagarosa pelos canaletes que riscam o país por toda a parte. Quando o rio aperiava, em certas gargantas de altos e calvos rochedos, empoleirava-se um templo budhista, a luzir nas suas telhas, recurvadas nos extremos em meia-lua, e onde os senhores bonzos palidos e rapados, alcondorados nos varandins, meditavam preguiçando á sombra de salgueiros chorosos. Paisagens vivas de velha bandeja de charão que nós cortavamos lentamente a seis milhas á hora...

Ma-Tcheng-Chuang, junto á amurada, ia-me contando, descrevendo, cousas raras e curiosas que ficavam para além do horizonte longínquo, orlado á tarde a petalas de rosa. Lá para o Norte ficava o tumulto de Si-Si, a mais formosa mulher que a China teve, adorada por todos os homens. Junto ao seu mausoleu erguido como

preito á Beleza, todos os anos, romeiros em chusma, convergindo de toda a parte, vêm depor aí a piedade e a frescura colorida das suas flôres.

Mais além o Monte dos Pessegueiros em flôr—
ha pouco arrazado pelos aeroplanos japoneses—
dizem os jornais—montanha venerada, vestida
ritualmente de uma túnica côr de fogo, para ali
a meditar e a remirar-se á beira dum lago ca-
lado, pulido e quiêto.

Falou-me das suas festas do Dragão, regatas onde jangadas emproadas com a cabeça do monstro, puxadas a cinquenta remadores, corriam pelas lagoas entre martelados metálicos de *tantans* o estralejar de *pauchões*, o tremular de níl g.l.hardetes, e o céu crivado de papagaios em forma de morcego, de milhafie, de dragão...

A festa da Lua, em que na quinta noite, toda a China se senta à mesa à meia noite, ao luar, à espera da vaporosa deusa seicenta, que vem escutar o pedido mental de cada coração chinês. E logo a das Lanternas, a das Borboletas, a das Estrelas, todas, ruído, luz, sonho, extravagância. A todas elas presidiam vigilantes, solenes e barrigudos os senhores mandarins, presa no chapéu conico a pena de pavão, caída para as costas negligentemente, a ondular à aragem... Muito mais cousas interessantes me contou o meu chinezíssimo amigo e que me não esquecem, como me não havia de esquecer o seu convite para uma *indigna e insignificante* festa, que daria no dia seguinte em Nanquim e em que contava com a minha presença amiga...

De manhã surgimos ante a cidade. Terra baixa sem perspectivas. Fôra em tempos recuados celebre como Thebas ou Babilonia, no seu esplendor e riqueza e não só capital como cerebro de todo o imperio. Os seus palacios faustos, as suas academias celebres, os seus monumentos preciosos, tudo se esfarelara em ruinas e poeiras e até o seu maravilhoso pagode, torre de cem metros de altura, todo em porcelana verde, com os seus cem sinos e milhares de lampadas—feerico e alacre monumento de som e luz—fôra arrasado até aos alicerces pelos Taipings fanaticos e cruéis. Ficaram pedras, mutilações, miserias, como miseraveis eram aqueles sujeitos *coolies*, que tinham vindo á compita á roda do navio, nas suas pobres sampanas, oferecer frutas, peixes, bugigangas varias, apontando suggestivamente o estomago, com muitas medidas e *chinchins*, á espera da piedade facil de meia duzia de sapecas...

A' tardinha, uma sampana pôs-me no cais negro e lamacento. Uma chusma de pobres chinas, farrapões e semi-nus, rodeou-me numa algaraviada de ensurdecer, oferecendo-me os seus vagos préstimos de ciceirones e condutores.

Logo appareceu o meu caro letrado, com outros dois chineses e seus amigos que apresento. Um, rapaz novo, ar enxuto, completara o seu curso de letrado, havia pouco, e o outro gordo, pesado e risonho, negociante de sedas em Nanquin. Ambos envergavam belas cabaiais de seda azul celeste, acolchoadas—Má-Kuá—e seus sapatos quadrados, orlados de pele-mau-orninhos de gato. Passada a porta abobadada da velha muralha, pestilenta de emanações de esgoto, enveredámos pelas estreitas ruas, entre lojecas lanquedadas a vermelho, com grandes car-

tazes de esquisitas letras chinesas. Uma multidão acotovela-se, escoando-se a custo, pelas estreitas alfurnjas. Fartuns humanos pairavam no ambiente e de dentro de certas casotas escuras, vinham relentos mornos de miseria e promiscuidade.

A's vezes, uma cadeirinha ao ombro de quatro *coolies*, ziguezagueava entre gritos e pragas.

Alguns aitos senhores chinses, repimpassos e distraídos ou dadas de espanto, recamadas de placas de jade, os olhinhos enviezados e mortificados, longínquos. Em certas cafurnas trabalhava-se pacientemente o marfim, pintavam-se porcelanas, vendiam-se leques, coloriam-se telas de papel. Por vezes, cozinhas ao ar livre. Sob uma trempe de ferro ardia uma fogueira e os clientes, acorados em torno do panelão que fumegava aromas nauseabundos de gorduras, comiam e falazavam em grande gralhada. Atravessamos uma clareira onde dormitavam manadas de camelos, de olhos tristes. Caravanças que vão para o Turkestan selvagem, levar o chá reconfortante, prensado em teijolo, e o estrume, a imundície ressequida em grossas esferas para adubar a terra maninha e aspera. Também encontrávamos por vezes, algum desgraçado, encadeado ao chão, a larga canga entalada no pescoço, ali esperando indiferente a morte rectificada pelo pincel côr de rosa de Peking. Numa lojista baixa e sombria paramos. Ma-Chuang queria certamente mostrar-me qualquer cousa interessante. O velhinho chinês que estava ao balcão entre cal-

xas de sandalo, jarras de chumbo, frascos policromos, curvou-se sorridente. Logo me passou para a mão um objecto ressequido, transparente e amarelento. E' o celebre *gin-seng*—esclareceu a misteriosa e procurada raiz, que é um dos mais rendosos negocios na China, e que é adquirida pelo seu peso exacto em ouro. Os ecclestes attribuem-lhe propriedades estranhas. E' uma especie de filtro de Jouveine, renovador de mocidades, e se o doutor Fausto tivesse conhecido o *gin-seng* certamente não teria vendido a alma a Satanaz... Depois mostrou-me uns lentiscos—ji-ou—que são feitos de uma mistura de galanga, de ambar, de sandalo, canela e almiscar, polvilhão com seu pó finissimo de rubi, triturado, Perfuma o coração, alegra o entendimento, canta na alma—disseram-me. Logo surgiu um frasco com um liquido viscoso e verdeento, extraído de quasquer bagas, ressendendo penetrantemente a canfora e rosas. Umas gotas bastam para refrescar o espirito encadeado de afflições e magoas, pois espanta os pensamentos negros e angustiantes e convida a um bom sono sorridente, consolador e leve, tão leve que nos sentimos a boiar como um floco de algodão no ar... De dentro de uma caixinha de sandalo, tirou uma esferasita de ouro com hieroglyphos gravados e que se traz á vista no pescoço ou no peito, que atraindo por cubiça os olhares invejosos, desvia e quebra os maus fluidos... Numa anfora de chumbo mostrou-me o precioso chá de Fo-Kien, de grandes folhas enroladas em espiral. Três delas em agua fervente bastam para perfumar uma sala. Prolonga a vida, a saude e a alegria até aos cem anos—asseverou-me perentoriamente. Muitas coisas mais, esquisitas e ineditas me mostrou o velhito chinês e entre ellas uma collecção de jarrinhas e bocetas translucidas, trabalhadas e escavadas em onix, porfiro, jade, coralina, nefrite, que eram verdadeiros mimos em graça e raridade, mas era quasi noute, já se ouviam os *tantans* nos *claus* e se acendiam as lanternas ffantasticas nas janelas e, além de tudo, eram horas de jantar... da tal festa. Deambulamos ainda por algumas vielas tortuosas, e por fim chegamos novamente á beira do rio. Atravessada uma pequena ponte de madeira estavam a bordo dum barco de flores, aonde aos europeus é vedada ciosamente a entrada. Naquella noite os meus altos amigos tinham aberto para mim—o fan-kuai—o diabo branco—uma graciosa excepção...

Um corredor sombrio e baixo ao fundo uma porta que alguém nos abriu devagar. Entramos numa sala de paredes forradas a seda pregueada, com grandes heliotos bordados a oiro. Uma enorme lanterna opalina em forma de dragão pendia do tecto, espalhando em volta uma luz tenue, crepuscular, suave. A um dos cantos, numa especie de trono de alguns degraus, estavam sentados alguns vultos de mulher que se ergueram á nossa entrada. Quando avançaram para nós, as largas calças de lustrina a bambolear, tive um deslumbramento e uma vontade irreprimível de levar os dedos aos olhos... Cobria-lhes a cabeça rebrihante, a faiscar, um camal de perolas e pedrarias que lhes escorriam em cachos pela nuca e sobre as orelhas, de onde pendiam enormes placas de jade verde, raiado a sangue. Duas mechas largas de cabelo, picadas de relampagos, caíam-lhe pelas faces até ao peito, sobre os *sia-pés*—dalmaticas de seda retezada, bordadas ricamente a grandes flores exóticas. Mas o que mais me impressionava era os seus rostositos imensamente palidos, polvilhados sobre a carne-menina, a pó de perola moida, impalpavel e que lhes dava um aspecto lunar,

(Ver continuação na pag. 19.^a)

**Seja prudente
DEMINUA**
as despesas de
lubrificação
AUMENTE
a duração
do seu carro
Use o famoso
OLEO PENNZOIL
100 % puro da Pensilvânia



Agentes Gerais
A. Contreras, Lda
R. Engenheiro Sampaio, 112
- LISBOA -



Feliz
e sem dores
graças á

Cafiaspirina



ZIG-ZAG

É o melhor papel
para cigarros, por-
quê?

O PAPEL «ZIG-GAZ» É CONHECIDO EM
TODO O MUNDO

As outras marcas só são conhecidas em
Portugal

Os fabricantes do papel ZIG-ZAG são os
E'tablisements Braunstein Frères, de
Paris, mundialmente afamados

Os fabricantes das outras marcas são
ilustres desconhecidos que nin-
guém sabe quem são

udo isto é sintomatico, mas os cegos
não vêem... Consequentemente aqueles
que vêem só devem fumar ZIG-ZAG

Livro Double ... 60 ctvs.

Livro Simples .. 30 ctvs.

Agentes em Portugal

Casa Havaneza

LISBOA

M O V E I S
OLAIO
R. DA ATAIA
LISBOA

Restaurante Portugal

Ribeiro & Catita, L^{da}
Rua do Carmo, 101-1.º
(Junto do Bessio)

Esmerado Serviço-Cosmética Portuguesa

Telefone 2 9501

LISBOA

Produtos de Beleza

Marca «SALOME»

Os mais puros e mais perfeitos

Água de Colónia (Embalagens de luxo e normais). Loção para o
cabelo. Elixir para dentes. Essencia para lenço. Cre-
me-alimento da pele. Creme paradia

FARMACIA LIBERAL

AVENIDA DA LIBERDADE, 213 A 221 — TELEF. 4 3641



RAPOSAS

Telef. 2 8157

Apesar dos grandes reclamos feitos nos jornais, não ha casa que
possa vender **Raposas e outras peles** mais barato que a PELARIA
CONFIANÇA. Faça V. Ex.^a uma experiencia! Entre nesta casa, que e na
Rua da Palma, 3, e verá que não se arrepende. **Malinhas para se-
nhora**, grande remessa acabada de chegar.

Moedas e notas estrangeiras, Ordens de Bolsa
Títulos e coupons nacionais e estrangeiros

J. BURNAY, L.^{DA}

Rua do Ouro, 72

LISBOA

Telef. 21273

AOS SOCIOS DO AUTOMOVEI CLUB DE PORTUGAL

Informação n.º 2



Uma lubrificação completa e perfeita só pode conse-
guir-se com a aplicação de produtos judiciosamente
seleccionados e escolhidos para os diferentes órgãos
mecanicos. Essa escolha para ser perfeita exige autonomia perante a
enorme diversidade de fabricantes.

A Estação de Serviço do A. C. P. «MOTOR PALACIO», (Rua Actor
Tasso, 16 a 38) á Rotunda, montada e instalada com os seus proprios
recursos financeiros, não está ligada ou presa a compromissos que
a obriguem a aplicar determinados produtos, escolhendo por isso os de
mais valor e mais recomendaveis.



PESQUE!

e adquira o seu material na

Casa A. M. Silva

R. da Betesga,
67 e 43, 2.º

LISBOA — Telef. 2 5424

Um grande sortido
aos melhores pre-
ços, das melhores
procedencias

Alemã e Americana

SOB AS ASAS DO DRAGÃO DE FOGO

A China aguarda o seu dia, sabendo que ele há-de chegar

(Continuação da pag. 17.)

imaterial, extra-humano, quasi divino. As sobrelhas, um traço finissimo, inverosmil e no labio inferior, um coraçõsito de carmim vivo, com seu fio de ouro, peverso... Deusas descidas num delirio sagrado, dalgum Olimpo estranho e desconhecido? Idolos vivos apeados dalgum altar barbaro e inominado, que viessem até nós numa visão louco-lúcida e sobrenatural, mas rara e deslumbrante?

Os seus semi-cerrados olhos obliquos, enigmáticos, focaram-me interditos. Que viria ali fazer o demonio, o solvagem da raça exccrada dos homens com olhos de boi? Houve explicações, certamente, porque tudo mudou para um bom sorriso benevolente e acolhedor. Sosseguei, pois, e visto que me encontrava fora da vida, entre deusas, nas regiões invioladas do Hallali, já me não expulsariam certamente...

Passamos á sala de jantar, luxuosa, confortavel, onde se destacavam sobre o fundo de seda das paredes, grandes gatafunhos negros. Poemas, maximas, pensamentos, dos grandes chineses: Confucius, Mencius, Láo-Tzé. Ao fundo duas otomanas para recostar nas luminosas e boas ilusões do opio. Começou o jantar como todos os jantares chineses: lexicivas, paves, frutas em calda de mel, pasteis de arroz com cardamomos, frituras agulhantes e salgadas. Couzas azues, encarnadas, amarelas. Depois veio a goma arabica—que os deuses da China me perdoem a comparação!—da sopa de ninho de andorinha, as gelatinas de tubarão, o agrião de rebentos de banaba, enfim, todas as boas couzas da cozinha celeste em que o salgado, o doce, o azedo, o amargo e o picante se entrelaçam em ineditissimos gustativos que me custaram verdadeiros louros. Uma criada, com um grande bule de hoiça, enchia constantemente as taças de porcelana com *lipun* morno, a aguardente de arroz fermentado.

De vez em quando, umas das nossas deusas entrava tropeça e bambolecante, sobre os pézinhos minusculos e inverosmiles. Pelo seu andar hesitante e semi-torturado os chineses chamam-lhes poeticamente: *lirios de ouro debeis na haste...*

Lirios de ouro, sentavam-se, pois, a nosso lado e tirando de um estojo uma pequena rabeca de cordas em pele de cobra, nasalavam, miavam, sopravam, qualquer couza que devia ser muito linda, pois que era acentuada pelos amigos chineses com continuos *hum-huns* e *miu-tsaís* de aplauso.

Depois um longo e fino cachimbo dourado, uma pitada de tabaco amarelo e os idolos falavam, sorriam, humanisavam-se, sem nada perderem da sua presença irreel e magnifica.

Quando terminado o serviço final de arroz branco com camarão salgado, tendo-o rapidamente os dois pausinhos—*fa-shis*—empurrado para as guelras, os dois chinas que Ma-Chuang trouxeram foram fumar a droga que traz a morte, mas dá a felicidade por minutos...

Logo as agulhas de prata rodopiaram sobre a chama duma lampada e a bolita amarelenta do opio lhes referveu na ponta, e dois rolos de fumo, saindo das narinas antecederam a modorra das suaves visões.

Ficamos sós. Eu ansiava por realidade e por sacudir o espirito do torpôr daquela noite inedita e exaustiva. Como o meu alto amigo tivesse notado a impressão funda que a visão das *tehs tchás*, em mim causara, explicou:

—E' que para nós, chineses, nestas festas intimas, não é a vulgaridade duma mulher mais ou menos bombardeada as nossas cidades, arrasas os nossos monumentos milenares, martirizam as nossas populações inocentes, e ainda, além de tudo, querem-nos impôr uma mentalidade que não compreendemos, nem queremos. Caminhámos por estradas opostas. Enquanto a nossa civilização, que tem quasi cinquenta seculos, é construída e alicerçada sobre a alma humana e nas virtudes que dela emanam;—o culto dos mortos, o respeito pelos vivos, a ternura pela menos bonita que buscamos, para nos entreter o espirito por uns momentos, mas sim a visão da Mulher símbolo vivo e ideal, mas tangivel, da eterna Beleza, que paira acima das misérias da vida quotidiana. Adornamo-la com todas as galas e louçainhas, enfeitamo-la com todos os atavios e donaires, engrinaldamo-la com todas as pedrarias, todas as côres, todos os brilhos, todos os perfumes, todos os artificios que a, intelligencia humana dispõe no mundo e tornamo-la assim quasi divina e sensível, espiritual e palpavel, carne-alma, pairando entre o céu e a terra... Não nos interessa a materialidade imediata, mas sim a visualização plastica e proxima dum sonho alto e esplendido, que se materializa diante de nós, para o vemos, ouvimos, tocamos e sentirmos, num intimo gozo, numa pura adoração... No ocidente rir-se-ão de nós, mas esta é a nossa maneira de sentir.

Como eu lhe observasse que pena era que o Ocidente não conhecesse melhor a originalissima alma do Oriente, para a julgar com mais justiça, ele semi-cerrando os seus olhos papudos, retorquiu pausadamente:

—Sim! O maior erro do mundo foi não conhe-

cer este Oriente não através do puro mercantilismo. Este país é um grande campo de batalha de interesses antagonicos do mundo inteiro, e para melhor servir esses interesses, ás famílias, a piedade e dedicacão pelos pais e o afã pela terra, pelo trabalho; uma preocupação enata pela beleza—a musica, a pintura, a poesia—enquanto nós ensinamos que o homem deve ser menos individuo e mais humanidade, o Ocidente espalha o odio e a nossa terra ás flores vermelhas do odio e da destruição. E' intoleravel o materialismo brutal e nunca poderemos perceber como se possa passar a vida com os olhos na ementa do jantar, aperradas sempre duas pistolas á cinta... Diz-se que *petre-ficamos*, que não evoluimos, mas durante dezenas de seculos, trabalhamos, estudamos, e tendo chegado a uma formula de equilibrio, que é a nossa civilização, paramos prudentemente. Com ela estamos muito satisfeitos e não queremos outra...

«O mundo, eu sei, ri-se de nós. A China é sempre vista de lá, como qualquer couza de ridiculo, de caricatural, de dedos no ar a fazer mesuras... Pois ha mais de dois mil anos já conheciamos as matematicas, a astronomia, vestiamos de sedas, conheciamos o sistema decimal e tinhamos imprensa... O mundo ri-se porque adoramos os mortos. Mas não são eles—os quietos e silenciosos—que governam o mundo? As leis que eles nos legaram, o seu pensamento, o seu sangue, o seu esforço, o sacrificio, não são a nossa vida de hora a hora? Não é a nossa alma sequencia da sua, como amanhã sê-lo-á também a nossa, nos nossos filhos e netos, quando formos mortos também?»

«Porque o povo crê que os males ás desgraças os crimes que nos torturam na vida, são as represalias suggestionadas por aqueles a quem fizemos mal e que assim se vingam formidaveis na morte, impellido-nos para a dôr?»

«Admitamos que é uma vã superstição, mas seja como for, não conduz ela os homens e um melhor entendimento, a uma imediata piedade, a uma forte solidariedade, no temor da vingança do invisivel? Veneramos os nossos pais, respeitamos com carinho os velhos, curvamo-nos perante a mulher—Vaso mistico das gerações—e amamos acima de tudo a Paz serena nas almas, para poder trabalhar tranquilos a terra—o outro nosso grande amor—suando e cantando ao desenharmos no espeço o augusto gesto da enxada fecunda, para que não falte a alegria, a fartura, a satisfação a todas as bocas por esse mundo além... As nossas leis premeiam altamente em cada terra, o melhor filho, o melhor cidadão, o melhor agricultor. E é por isto que nos agredem e acioimam de ridiculos? Porque cremos mais no espirito do que na lama. Creemos mais no espirito, sim. Todo o Oriente é essencialmente religioso e ha no seu coração bastas virtudes insuspeitas. A Asia colossal é toda ela de lés a lés, uma quente e espantosa oração a ascender perenemente para o céu... Hoje está abatida, humilhada, caída, mas a sua alma grandiosa, alevantar-se-á, re-florescerá um dia, mais moça do que nunca... As suas qualidades indestrutíveis, reverdecerão nos tempos futuros mais viridentes e mais tenazes... Creia!»

Calou-se recolhido uns momentos, numa intima visão, depois, repuxando levemente a larga manga de fina seda da sua cabaia azul, num gesto de pura elegancia chinesa, concluiu crua-mente:

—Será um dia ainda, este Oriente, quem levará pela mão mais uma vez a alma humana ao limiar do templo da Verdade. Sob as asas maternas desta Asia primor e desconhecida, que aos povos deu o primeiro leite do Saber e lhes descobriu o Céu, acolher-se-á o coração inquieto e angustiado dos homens. E a sombra macia dessas asas será como um balsamo suave e dulcissimo que acalmará, numa grande quietude, todas as duvidas, todas as ansiedades, todas as agonias... Começará então um novo ciclo de oiro sobre a terra... Cumprir-se-á assim! Está escrito!—rematou duramente.

Fora ouviam-se marulhar surdamente as aguas violentas do Yang-tsé. Os nossos companheiros fumadores de opio, dormiam ainda, felizes, boiando nas imensidades azues, aconchegados, aninhados, no regaço morno das divinas e diafanas *apsaras*, todas vestidas de auroras e diademadas de arcos-irris...

Saímos. Fora fazia frio, e um luar aligido cobria a cidade, onde havia na flutuação dos edificios, perspectivas geometricas, reentrancias e saliencias a perola e tinta da China. Metemos a caminho para o embarcadouro. Quando me despedia de Ma-Chuang, antes de entrar na sampana, um grande e torturado lamento, um coro de choros dilacerantes vinha de longe da treva espessa e suspeita. Ele aclarou: São os chacais, lá em cima nas ruínas do grande templo dos Mings. Como vê o que nos resta da nossa grandesa passada: os chacais... Um aperto de mão e diluiu-se na sombra.

Quando me afastava na sampana, senti-me fatigado e triste, sob um grande peso intimo, como se toda a desolação das couzas e das almas me repassasse o coração. Uma grande sau-

dade, uma angustiada nostalgia perpassou-me pelo espirito, em imagens longinquoas num pequeno e risonho, lá muito longe, onde havia rostos amigos, gestos familiares, sorrisos inextinguíveis, que me ignoravam perdido a essa hora da noite nesta China singular e bizarra, inquietante e hostil... sobretudo hostil.

País das grandes catástrofes. Inundações gigantescas que em horas cobrem centenas de leguas, subvertendo cidades e aldeias, amortalhando sob as suas aguas turvas e endoidecidas milhares e milhares de criaturas. Terra das fomes cruciantes em que provincias inteiras—milhões de entes—agonizam de inanición, esquecidos, chupados, devorando todos os enxurros, todas as repugnancias, todas as mortes...

País dos túrdos uivantes e furiosos, em que o ar imponderavel e morno, se torce de repente, rigido e duro, cutilante como aço, despedaçando, arrasando, revolvendo tudo que encontra no caminho, sobre um mar esverdeado em desvaio e debruço dum céu de negrume retinto que aterra. Mas ao mesmo tempo terra de resignação, porque creio não haver povo mais sofrido em todo o globo. Curvado sobre a terra, amimando-a, adubando-a, afagando-a, ninguém compreendendo melhor o ciclo eterno que vai do pão ao estrume, e desse estrume novamente por transformações obscuras, ao pão de cada dia... Povo que vive com os pés atolados na vasa, mas os olhos postos na luz. A inundação é familiar, guardada e oamante, porque é a máscara da vida de amnhã. Ao mesmo tempo contempla o além-sarabanda de sombras intimas de que depende a felicidade ou a desgraça. A' noiteinha, toda a China de norte a sul é um vastissimo templo onde em cem milhares de altares—outros tantos lares—ardem os pavios rituais de bosta e incenso, e espirais lentas e odoríferas sobem para o céu em lembrança daqueles que vivem na saudade. Muitas vezes vi, comovidamente, por qualquer nesga de porta entreaberta, um pai—o chefe da familia—cercado dos filhitos, junto ao altar dos antepassados, sob a stela onde estão escritos os nomes e honras dos avós mortos adorar e invocar a protecção dele, para a pobre familia perdida nos infernos da vida, misero elo duma grande cadeia cujos fuzis se perdem dum lado nas trevas do Passado, nas gerações mortas, vividas e presentes no cerne do proprio coração, e do outro em fuzis que se imaginam nas ignorancias do Futuro, daqueles que não de um dia abrir os olhos á gloria da luz, e lembram por seu turno os que já dormem para sempre na indiferença da terra.

O chinês é agarrado ás suas tradições seculares, ás doutrinas alambicadas dos seus antigos sabios e esbraveja e repele todas as novidades de que desconfia. Ha poucos anos ainda, idéas dissolventes, appareceram obscuramente, procurando perturbar a sua vida intima e moral inabalavel.

Foi sobretudo no meio feminino que o golpe procurou ser fundo e mortal... Em Han Kaur, oito mil mulheres, nuas da cintura para cima, saíram em cortejo para a rua, os peitos bambolecando á luz, proclamando a sua autonomia sexual... A reacção foi tremenda, mas silenciosa, e nunca mais se repetiu tal facto em terras de Drágon...

O chinês é de-não hostil, sim. Antipatia inteiramente connosco. Atavismos longinquoas, queixas de injustiças, violencias perpetradas, reacções de dominado, consciencia da sua civilização moralmente superior. Muitas couzas... Quantas vezes entrei num armazem chinês a adquirir qualquer objecto e o caixeiro me respondia com distracção propositada, socamente, em mau inglês: *No get*. E o objecto estava ali á vista. Nos restaurantes e casas de chá o porteiro me abria os braços em cruz, de mão: *Europeans, no like...* E em muitas occasiões, desfarçadamente vi cuspir para o chão, quando o branco passava. Nesta guerra (?) sino-japonesa, guerra contra a hegemonia da Europa e não contra a China, como aparentemente parece, o Japão ganhará com todas as probabilidades o prelo militar, mas a victoria final politico-economica caberá á China um dia. Pela lei eterna das massas o pequeno e dinamico Japão dominará pelas armas o enorme imperio chinês, mas e a massa monstruosa em população e riqueza do Imperio do Meio, preverá na sua orbita de futuro o Dai-Nipon. Resultará uma estupenda simbiose amarela, mas a poderosa e inesgotavel China reservará para si o papel de corebo, de centro pensante de toda a Asia. A China aguarda o seu dia, sabendo que ele ha de chegar, e calmamente observa o que se passa nesse Ocidente detestado e dividido por odios e malquerenças, talvez dentro do pensamento daquelle proverbio oriental de doutrina:

—Nunca te vingues do teu inimigo. Vai para o punhal da tua casa e pacientemente aguarda. Ver-lhe-ás passar o enteiro...

E a Asia inteira sentou-se á soleira da sua porta e pacientemente espera...

PERES TRANCOSO

ALVITRES E RECLAMAÇÕES

Conveniencia dum acôrdo turistico

Sr. Director.—Com muito interesse, li no seu conceituado jornal no numero de 30 de março o artigo de fundo sobre o «Anschluss» e as suas consequências para o commercio externo do nosso país. Por coincidência, foi tratado um assunto mais ou menos semelhante na conferencia do professor Armando Marques Guedes, realizado na Associação Commercial na noite de ontem, e no «Diário de Noticias» de hoje apparece também um artigo de fundo que trata do mesmo assunto.

Nos dois mencionados artigos verifica-se que o balanço commercial do commercio entre o nosso país e a Alemanha que já estava deslavoravel para Portugal—vai ainda ser prejudicado agora pelo «Anschluss». Acho, portanto, de interesse falar duma espécie de «exportação» que pôde auxiliar muito o melhoramento do balanço commercial com aquele país, a favor de Portugal. Trata-se do «turismo», um artigo de exportação de primeira ordem que muitos países sabem explorar em grande escala em favor da economia commercial, mas que no nosso país, infelizmente, ainda encontra muito pouco interesse por parte das nossas autoridades.

O turismo é uma fonte de receitas de grande valor, e o turismo de estrangeiros é um artigo de exportação que forma uma parte importantissima do total do commercio exterior de países como a Suíça, a Italia e outros, bem entendido, em favor destes. Os alemães são conhecidos como turistas por excellencia que viajam muito e que gastam muito nessas viagens. A Suíça, a Italia e outros países souberam assegurar esta esplendida fonte de receitas da exportação, mesmo nos tempos actuaes e em relação á Alemanha, concluindo com este país os chamados «acôrds turisticos». Como os alemães não podem levar para o estrangeiro nenhum dinheiro, os turistas alemães para aqueles países que concluíram acôrds turisticos recebem importancias em moeda estrangeira que lhes permitem viver bem, gastando aquella que lhes em moeda estrangeira no país respectivo, em unico beneficio deste. Ora, não se compreende que um país como Portugal—que é nitidamente turistico, não tenha um acôrdo turistico com a Alemanha. Não pôdem vir para Portugal turistas alemães, porque não recebem do Reich nenhuma moeda estrangeira para gastar no nosso país. Se fôsse fecho um acôrdo turistico entre Portugal e Alemanha, uma grande parte dos nossos pagamentos por fornecimentos alemães ficava no nosso país, tornando desta forma o nosso balanço commercial mais favoravel para nós. Já por occasião do ultimo acôrdo commercial com a Alemanha, foi previsto também a conclusão dum acôrdo turistico, mas este até agora realmente não foi concluido. Entretanto, comprimos á Alemanha muitos milhares de contos mais do que foi previsto naquele acôrdo commercial, sem que naquelas compras supplementares fôsse previsto o pagamento duma parte não em dinheiro mas por encontro de contos dentro dum acôrdo turistico. Se pelo «Anschluss» o «deficito» do commercio externo com a Alemanha ainda aumenta, deve ser o momento propicio para insistir perante a Alemanha para a immediata conclusão dum acôrdo turistico. Com o acôrdo turistico, não só o commercio externo fica beneficiado, mas também a situação critica de muitos hotéis, das empresas de communicções e do commercio em geral, sem para isso se ter necessidade de recorrer a qualquer despendio de fundos por parte do governo. Numa palavra: fica beneficiada a economia nacional.

Espero que esta sugestão possa ser util e subcrevo-me com a expressão da mais elevada estima e consideração de V. etc.—J. Barbosa da Costa.



Rebuçados Peitorais de S. Paulo

Os melhores contra a tosse

Oito medallhas de ouro

A' venda em toda a parte e na Fabrica

"A PRIMOROSA,"

Rua S. Paulo 126 - T. 26511



CABEÇA DE PESCADOR

Desenho de MARIA ADELAIDE LIMA CRUZ

(quadro para ser vendido a favor das crianças da Costa de Caparica)

Não pretendemos nesta página que visa apenas chamar a atenção geral—aliás por outros antes, de nós, despertada—para a situação dos pescadores, fazer um quadro das suas vidas, um desenho da profissão, ou deixar um apontamento monográfico do ambiente onde decorrem as fainas piscatorias.

Por mais largo que fôsse tal se não comporta num artigo de jornal.

Algumas notas soltas servem simplesmente a ilustrar um propósito, hoje no pensamento de toda a gente, desde os governantes aos tratadistas de assuntos sociais,—a indispensável e urgente criação das Casas dos Pescadores.

Elas são as Casas do Povo dos homens do litoral, esse saudável e glorioso litoral que tem 845 quilómetros de comprimento (periferia marítima), e onde trabalham a pesca cerca de 60.000 pescadores, não incluindo no número, evidentemente, os que se dedicam à actividade subsidiada da pesca, desde o transporte e distribuição à indústria e expansão comercial do produto.

60.000 pescadores correspondem a aglomerados de família que não é demais estimar em 300.000 almas—cinco por cento da população do país entregando-se exclusivamente ao destino que o mar impõe, vivendo das faunas e fainas marítimas, e curtiendo fadigas abnegadas na contemplação constante do verde a azul do mar e céu.

Ha um aspecto da «qualidade» do pescador, sob o ponto de vista histórico-nacional, que não nos parece ter sido suficientemente vincado até chegar ao conhecimento geral de todos os publicos: a participação do homem da pesca português no movimento universalista das descobertas.

Queremos reproduzir textualmente um período-síntese traçado pelo almirante Vicente Almeida d'Eça, e que melhor do que numa parafrase diz da contribuição do pescador para as glórias portuguesas no século XV.

Depois da Empresa de Ceuta, em 1415, o infante D. Henrique, um dos inclitos filhos do rei D. João I que haviam tomado parte no valoroso cometimento, começou a aplicar as suas vistas providentes às cousas do Mar e do Ultramar; a breve trecho se iniciava na História de Portugal, ou para

melhor dizer na do Mundo, esse período conhecido por Epoca dos Descobrimentos, que veio a transformar por completo a vida da Humanidade.

E' bem sabido que o Infante D. Henrique encontrou na sua realza elementos favoráveis para a realização do grandioso plano. A um só desses elementos nos queremos referir aqui: os pescadores.

Com efeito as condições geograficas, as disposições do meio e as qualidades de raça, ainda mesmo antes da criação do Estado independente que viria a chamar-se Portugal, haviam feito que uma parte, relativamente importante, da população se applicasse desde séculos aos trabalhos do mar, á navegação mercante e á das pescas. E foi principalmente com os mareantes e pescadores das nossas costas que o Infante D. Henrique se encontrou para pôr em pratica as suas idéas.

Não deminuíram de intensidade, com o decorrer dos tempos, as condições que levaram os Portugueses á exploração das riquezas do mar; pelo contrario, evoluíram, melhoraram em muitos pontos, têm tido crises, de que logo se levantam, de tal sorte que a História das Pescas Portuguesas occupa importante parte da historia da nossa Economia.

Esta sumula anotada, sem enfase, por um dos mais autorizados tratadistas da pesca em Portugal, dá-nos um leve mas expressivo quadrinho do serviço que os pescadores prestaram aos navegadores. Assim como o homem das terras, os da charrua e da enxada, engrossaram tanta vez as mesnadas do começo da nacionalidade, confundindo-se depois sempre com o soldado arregimentado, assim no século que abriu o cortinado das descobertas e conquistas o pescador se aliou ao nautico, e o seu conhecimento do mar, a sua indiferença pelas coleras marinhas se converteram num auxiliar poderoso para o triunfo da causa do Infante.

E por ali fora, sempre.

Nas tábuas de S. Vicente, um ex-poeite symbolico das nossas grandesas, já cimentadas na constituição de uma dinastia predestinada a grandes feitos—o painel dos pescadores é um apontamento formidável de realismo, uma demonstração iconografica anonima

AUXILIEMOS OS TRAI

A solução do problema consiste na

As fainas da pesca — Os pescad que — As condições sociais dos

de uma vendade, que tem passado um tanto despercebida.

50.000 pescadores de Portugal

De Caminha a Vila Real de Santo Antonio não ha enseada, baía, reen-tranca, para não falarmos dos grandes ou pequenos portos, onde a pesca não esteja estabelecida. No proprio decurso dos rios se pesca; a pesca fluvial não tem, contudo, o poder de acuidade e a significação social-economica da pesca do litoral, do mar lora e do largo.

Caminha, Viana, Espozende, Povoa de Varzim, Vila do Conde, Leixões e Douro, Aveiro, Ovar, Ilhavo, Figueira da Foz, Nazaré, Peniche, Ericeira, Lisboa, Costa da Caparica, Setúbal, Sines, Vila Nova de Mil Fontes—todo o Algarve, com Lagos, Portimão, Olhão, Vila Real á cabeça, são centros piscatorios de maior ou menor grandeza e significação industrial, e anotados entre os mais importantes de Portugal.

E estamos-nos referindo apenas ao continente.

Quantas Casas de Pescadores existem já neste largo litoral?

Não se pode dizer, em rigor, que as crises que por vezes assobrem os pescadores, individualmente, como reflexo de uma crise que em certas épocas do ano atinge os industriais da pesca (armadores, patrões e mestres) seja reflexo de um atrazo tecnico na «arte» de pescar.

A verdade é que, tradicionalistas em tudo, agarrados a processos primitivos aqui e ali, os pescadores portugueses e os seus orientadores e mandadores applicam e aproveitam todos os sistemas que de afastados ciclos em ciclos vem revolucionar (e nem sempre praticamente) a actividade piscatoria.

Fenomenos naturais, presentidos, definidos, conjecturados ou desconhecidos dos sabios, contribuem para a frequência das crises da pesca.

Ha 12 anos Portugal possuia 14.247 embarcações de pesca á vela e a remos e 387 a motor. Doze annos decorridos mais que duplicou o numero de embarcações mecanicas e deminuiu naturalmente o aproveitamento de barcos á vela.

Mas as fainas piscatorias continuam a ocupar cinco dezenas de milhar de homens, e os rendimentos naturais da profissão não crescem, antes são asfixiados por centenas de causas e de circunstancias.

São os mesmos o braço e o olhar do homem, a sua audacia e simples atrevimento, a sua fé no mar e a sua pertinacia nas fainas; continuam a morrer da mesma maneira, e a espalhar o luto pelos areais e povoados á beira do litoral.

A chamada «imprevidencia do pescador»—que é afinal a de todos os homens habituados a trabalhar nas serras e nas cidades, nos campos e nas oficinas—é uma acusação quanto a nós infundada quando se atribui exclusivamente, fundamentalmente ao pescador.

Se o mar não dá—como amealhar?

E quando o mar dá, e a safara foi feliz—quantos rebanhos de filhos, de mulheres, de mais velhas á espera que o inverno acabasse, e, necessitados de tudo, caindo sobre a praia, como esfo-meados lobinhos?

A providencia dirigida é uma natural acção do homem fadado para guiar outros homens.

A condição social dos pescadores, sob certo ponto de vista moral, já não é de escravidão; o estatismo e a evolução dos costumes libertou, quasi totalmente, os pescadores das exigencias dos «senhores» (Almeida d'Eça); hoje o pescador, operario do mar, começa a criar uma relativa independencia.

E' ela, porém, na maior parte dos casos, um inimigo da previdencia.

Desapareceram quasi totalmene as «Velhas Confrarias» e «Compromissos».

Tentou-se as Caixas de Previdencia.

Ser pescador é uma profissão. raros officios, o de pescador arrancoi

Os operarios do mar não são os pescadores são entre todos os c aqueles que possuem um mister ma destinado.

E são tambem os de mais inco Ante a grandeza do mar, as suas c obrigados a entrar nele, a meter os var as aguas», os pescadores no c massas liquidas, que tragam navios ricos e meteorologicos, que arrasa

A humildade do pescador, qu racter — é um sinal de consciencia

Muito se habituaram a apelar quenos se fizeram. E todavia são dos mais generosos.

«LOBO E

A proposito da subscrição para o do «Diario de Lisboa», escreveu o sr. d da e distinto poeta, este soneto, que

Costa da Caparica. Sol jazem os barcos como Herois do Mar rendido da tormenta infernal

— Mãi, tenho fome! E a filhinha a morrer co E o Pai, louco de dôr, e faz-se ao Mar, soberl

O' Mar! O' Grande Ma tanta luta de morte so dum barco que não sei

Eu não renego a Raça, Queres vingar-te agora — Antes que a mates,

1938 — Inverno — Caparica

AGRADE

Nas colunas do «Diario de Lis tar a profunda gratidão que vai n ções de imerecida consideração rec de quantos acudiram por intermedi meu brado angustioso a favor dos m

Ao «Diario de Lisboa», aos s sr. Norberto de Araujo, ao digno C te-coronel Lôbo da Costa, ao sr. Co colunas da «Voz» e por uma forma «Diario de Lisboa», aos bondosos si ram a sua simpatia por esta cruzar agradeço vivamente reconhecido a

Para todos eles, as criancinhas em todos os Domingos e dias santi povo pedirão a Deus as suas bençã quadra triste do inverno eles enxu sua muita pobreza.

E é esta a unica forma de pa pelos seus benfeitores.

Bendito seja o Senhor que al cair nas acolhedoras colunas do «D seu illustre Director fez crescer ba mados.

Bem hajam os que sentiram, procuraram aliviá-lo com a sua cari

PADRE BA

ALHADORES DO MAR

criação das Casas dos Pescadores

ores, nautas do Infante D. Henri-
homens dos barcos e das rêdes

é uma arte e é um destino. Como
se a dinastias de sangue e de lugar.
apenas os pescadores; é certo. Mas
breiros dos rios, enseadas e oceanos
is definido, por ventura o unico pre-

fundível tipo — e os mais humildes.
oleras e as suas mansidões ilusorias;
braços e as pernas lá dentro, a «ca-
ntacto da soberania das imponentes
e da furia dos elementos atmosfê-
n mundos — tornam-se pequenos.
não quer dizer passividade de ca-

para Deus, para a Virgem; mais pe-
dos maiores operarios portugueses, e

DO MAR»

pescadores da Caparica, da iniciativa
r. Amado de Aguiar, notario em Alma-
mostosamente publicamos:

re a areia
coisa morta.
á tarefa
ue tudo corta.

a Mãe já não conforta
no candeia...
ranspõe a porta
o de epopeia.

com quem eu tive
ore a quilha
como ainda vive!

ó Traíçoero:
em minha filha?
mata-me primeiro!

AMADO DE AGUIAR

CIMENTO

boa» venho comovidamente manifes-
meu coração por tantas manifesta-
bidas pelo humilde prior da Caparica
o generoso do «Diário de Lisboa» ao
eus pequeninos paroquianos da Costa.
eus ilustres Directores e colaborador
overnador Civil de Lisboa, sr. tenen-
nselheiro Fernando de Sousa, que nas
tão cativante secundou o esforço do
bscritores, e a todos que me mostra-
de amor aos desprotegidos, a todos
sua caridade.

e os filhos da Costa com o seu prior
ficados na humilde capelinha do seu
os, não esquecendo jamais que nesta
aram as suas lagrimas e aliviaram a

arem a sua divida de eterna gratidão

ençou a bolazinha de neve que fiz
diário de Lisboa» e de o esforço do
endo á porta dos corações bem for-

o infortunio dos pobres pescadores e
dade.

O prior da Caparica,

TAZAR DINIZ DE CARVALHO

O seu exito não foi visível; só resulta-
dos parciais compensaram o desorde-
nado esforço.

As Casas dos Pescadores são hoje,
na previdencia dirigida, e na moral
corporativa do Estado Novo—uma so-
lução.

E' complexo o problema.

Os pescadores têm varios «habitat»,
diversos ambientes, diferenciados mis-
teres, distintas modalidades profissio-
nais; tudo isto, aparentemente selado
e naturalissimo como em todas as pro-
fissões, torna-se no pescador um mo-
tivo de apreensões reguladoras para
quem legisla.

Mas este é o aspecto tecnico por me-
nor embaraçador, mas já sufficiente-
mente estudado para constituir um
embaraço á criação imediata das Ca-
sas dos Pescadores.

Não nos demos á vergonha de cons-
tituir por todo esse país, como recur-
sos de caridade e filantropia «Sopas
para filhos de pescadores»—como na
Caparica—por todo esse Portugal fora!

Como se pesca

A titulo de curiosidade, e para bem
se entender a complexidade do proble-
ma nas suas linhas intimas reportamo-
nos a uns periodos da obra «A Pesca—
Portugal», do já citado autor, e que dá
uma nota da diversidade tecnica na
profissão piscatoria.

Na pesca empregam-se embarcações
e aparelhos.

Até ha pouco mais de quarenta anos
as embarcações eram exclusivamente
de remos, de remos e vela ou só de
vela; modernamente passaram a ser
adoptadas as embarcações a vapor
para a pesca ao arrasto. Entre as em-
barcações a remos e vela algumas ha
que perpetuaram tipos tradicionais de
grande antiguidade; assim a prôa e
a pôpa recurvadas dos saveiros, ilhavos
e meias luas recordam as embarcações
dos Fenícios, que tanto frequentaram
as nossas costas; por outro lado os cai-
ques do Algarve, cujo nome é aliás
arabe, recordam as Caravelas dos Se-
culos dos Descobrimentos. Vieram de-
pois, as embarcações chamadas de
motor mecanico, na linguagem corren-
te vapores, não falando nas embar-
cações movidas a oleos pesados, cujo
uso começa a introduzir-se.

Vejamos agora o que ha de essencial
a respeito de aparelhos, entendendo-
se por esta palavra toda o instrumento
mais ou menos complicado, que se em-
prega para a captura do peixe.

Dum modo geral os aparelhos podem
classificar-se em moveis ou fixos, ser-
vindo os primeiros para ir buscar o
peixe onde ele se encontra, e os outros
como que de armadilhas para esperar
que o peixe vá ao seu encontro e neles
se deixe capturar.

Na primeira categoria ha que men-
cionar as linhas de anzol (com diver-
sas variedades) e com que o pescador,
ou escolhendo na costa o lugar apro-
priado, ou saindo ao mar na sua em-
barcação, vai procurar a especie que
pretende obter. Temos depois as redes
de emmalhar, assim chamadas por-
que o peixe, nos seus movimentos, vai
de encontro ás malhas do aparelho e
nelas se embaraça e fica preso; são
assim as sardineiras (peças, qui-
nhões) dos pescadores de sardinha da
Povoia do Varzim e de outras localida-
des do Norte. Deixando outros diversos
aparelhos moveis, temos a grande ca-
tegoria das redes de arrastar. Repar-
tem-se estas por dois grupos: de ar-
rastar para terra ou de arrastar para
bordo. No primeiro grupo entram as
xávegas, cuja manobra dá lugar ao
emprego de embarcações que vão ao
mar lançar o sacco da rede, o qual é
depois alado para terra por homens e,
em algumas localidades, por juntas de
bois, oferecendo o conjunto destes tra-
balhos espectáculo altamente interes-
sante, sobretudo quando o sacco chega
á praia e, ao ser despejado, se observa,
com alegria intensa dos pescadores,
que ele vem cheio de sardinha prateada



TECENDO AS RÊDES

Azulejo de Mestre JORGE COLAÇO

(painel para ser vendido a favor das crianças da
Costa de Caparica)

da e ainda viva, mas já debatendo-se
nos ultimos momentos da sua existen-
cia.

Vem agora o grupo dos aparelhos de
cercar para bordo; é neste grupo que
se compreendem os cercos americanos
e outros aparelhos, que são lançados
ao mar por embarcações e depois por
elas recolhidos: dessas embarcações ha
que mencionar as traineiras, que em-
pregam um aparelho em tudo igual ao
dos cercos americanos, mas de dimen-
sões menores, as parelhas e os vapores
propriamente ditos, de cuja adopção
recente já fizemos menção.

Vem por ultimo a classe dos apare-
lhos fixos, abrangendo principalmente
as chamadas arramações, que consistem
num complicado conjunto de redes e
cabos, mantidos num determinado es-
paco do mar, proximo da costa, por
um não menos complicado sistema de
ancoras e fideiras. As arramações ser-
vem para apanhar principalmente o
atum e a sardinha, embora nelas en-
trem outras especies. As arramações do
atum existem sómente na costa do Al-
garve, e classificam-se em de direito,
de revés e de recuado, conforme são
destinadas a apanhar o atum nas duas
diversas orientações da sua marcha
ao longo da costa. As arramações de sar-
dinha, que existem mais ou menos em
toda a costa, subdividem-se em sim-
ples e duplas.

Um quadro literario

Obra literaria conhecida em todo o
país, muito pessoal, subjectiva ou pic-
tural, «Os Pescadores», do falecido es-
critor Raul Brandão «cto de pescador
que morreu no mar», é um livro que
dá aqui e ali, a par do deslumbramen-
to cenico, quadros de vida de pescado-
res, que os tratadistas, os especialistas
da tecnica, não desdenham citar.

Um periodo, que diz respeito aos pa-
lheros de Mira, pode ser considerado
padrão de quadro da vida dos pescado-
res, com as alterações e derivantes
impostas noutras lugares pela natu-
reza e clima, e até por diverso caracter
dos homens.

Tudo aqui é pobre e humilde mas
não grosseiro. Os homens trigueiros,
secos e fortes e as mulheres bem lan-
çadas. Mesmo as feias têm um ar de
distinção. A familia é sagrada. O con-
tacto com a terra obriga o homem a

olhar para o chão, o convívio com o
mar obriga-o a levantar a cabeça.
Quando saem do barco e o encalham os
pescadores não fazem mais nada—lei-
tam-se na areia. O resto compete á
mulher: é ela que lava as redes e o
peixe, que o salga e carrega e que faz
a lavoura da Barrinha. A sorte destas
familias numerosas melhorou muito
desde que a camara lhes aforou terre-
nos no areal para cultivo. São as mu-
lheres também que, depois da sardinha
disputada a lança, a levam á cabeça
para a casa da salga, grandes barra-
ções de madeira com manjedouras en-
costadas ás paredes para as bestas e um
deposito de sal branco de Aveiro. E' ali
que o almocreve a salpa em fresco
antes de se meter a caminho, ou as
mulheres a lavar em agua ensossa.
Só em Mira ha vinte desses barracaes,
onde, quando é muita, ou não tem
comprador, a metem em lagares de
madeira e em dornas, ficando de sal-
moura até chegar o inverno—quando
o homem esfaumado a estende num pe-
daço de pão sabendo-lhe a mais...

Como vive esta gente? Vive com sim-
plicidade nos palheiros, casa ideal para
pescadores ou para um velho filósofo
como eu. E' construída sobre espeques
na areia, com tábuas de pinho e um
fôrro por dentro aplainado. Duram
tanto ou mais que a vida; cheiram
que consolam, quando novas, a resina,
a árvore descascada e o monte; res-
soam como um velho buzio e são le-
ves, agasalhadas, transparentes. Por
fora escurecem logo, e envelhecendo
caem para o lado ou para a frente;
por dentro conservam uma frescura
extraordinaria, e quando se abre uma
janela, abre-se para o infinito. No chão
dois teijolos para o lume, em esteiras
alguns peixes a secar. Do Natal até
maio não ha pesca: vão cavar para o
Alentejo ou para mais longe, e as mu-
lheres ficam em casa com os filhos.
Além da jorna, que regula de quatro
mil réis a dois mil e quinhentos por
dia todos têm o seu quinhão nos dias
de fartura—alguns punhados de sardi-
nha ou de chicharros. Felizes ou infe-
liz? Não sei bem. A-pesar de aban-
donados pelo Estado, que os rouba, co-
brando-lhes de fisco uma exorbitancia
quatrocentos contos o ano passado e
quasi o dôbro este ano, não lhes dan-
do em troca uma maternidade, uma

(Ver continuação na pagina 27.º)

NAS AVENIDAS NOVAS O PROBLEMA CAPITAL

A nova Casa da Moeda é mais uma das belas realizações do Estado Novo

Aproveitando nós uma destas raras manhãs primaveris, manhãs estas que, com o seu encanto e transparência espiritual nos predispõe admiravelmente, enchendo-nos de um optimismo invulgar, fomos de longada numa curiosidade bem da gente de jornais, até a um dos bairros mais europeus da capital: Avenidas Novas.

Já de longe, avoluma-se a ingente e ao mesmo tempo elegante mole do Instituto Superior Técnico e de outros edifícios que o rodeiam. Um pouco além, a nova Casa da Moeda, num verde esmaecido e agradável, a que, um rodapé, de bem trabalhada cantaria, dá um belo conjunto, impõe-se pelas suas elegantes linhas, «up to date» e assim bem integrada na arquitectura da hora actual: singelesa de estilo, grandiosidade e higiene a jorros.

Foi o lapis de Jorge Segurado, um dos nossos mais ilustres architectos, que delineou tão notavel obra que muito veio valorizar o urbanismo citadino.

Depois de uma tão agradável impressão obtida com o exterior, também quizemos visitá-la; outrossim para inquirirmos do adiantamento dos trabalhos.

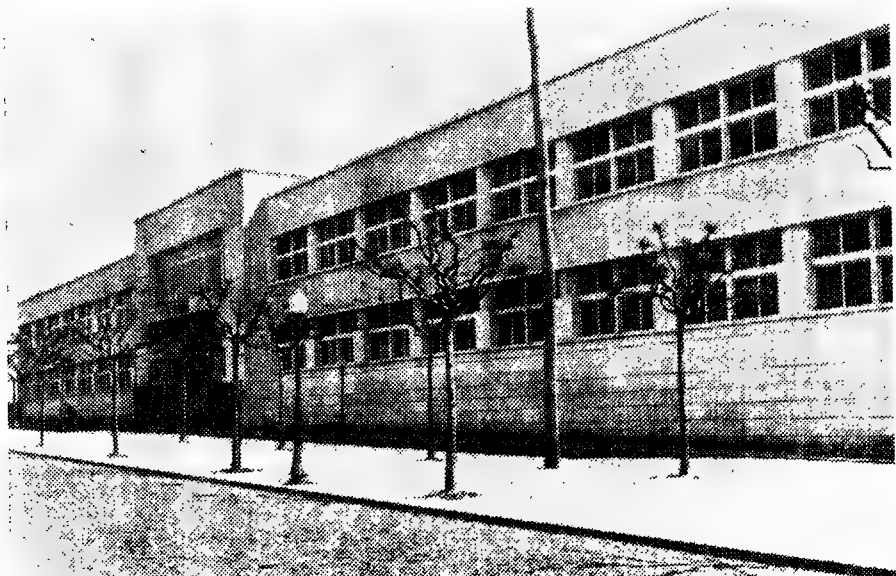
consoante o ambiente, digno de figurar em qualquer grande exposição pela sua perfeição e acabamento, decora este salão. A seguir vimos o gabinete da Direcção. Como tudo quanto se encontra neste edificio elegante, sobrio, discreto e comodissimo, o mobiliario deste gabinete é do melhor que temos visto no genero. Não resistimos á tentação—aliás justificada como motivo da nossa visita—de arriscarmos uma pergunta:

—Qual foi a firma que forneceu o mobiliario para a Casa da Moeda?

—Os «maples» e todo o mobiliario deste gabinete, bem como todo o cadeirame da sala do Conselho, que acaba de ver, foi-nos fornecido pelos decoradores do largo da Abegoaria, Barbosa & Costa.

A nova Casa da Moeda, cuja empreitada geral está a cargo da Sociedade de Construções Amadeu de Gaudêncio, Lda, tendo como delegado da Direcção Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais, o distinto engenheiro sr. Espregueira Mendes, encontra-se já quasi concluida.

Ao falarmos da nova Casa da Moeda, que tão boa impressão nos causou,



Fachada da nova Casa da Moeda

Começamos por apreciar a verdadeira fortaleza que representa a sua «Casa forte». Fortaleza—dissemos—e com toda a razão. Fortaleza inexpugnável—poderemos bem acrescentar—á prova de toda a complexa engenharia moderna, de todos os explosivos. Honra, pois, á nossa industria siderurgica, ao nosso operariado e aos nossos tecnicos. Isto tinha que se dizer pela justiça que isso representa.

A entrada principal da Casa da Moeda, bem como outras dependencias, é franqueada por uma ampla escadaria de cantaria omada de lambris de riquissimos marmores coloridos e preciosos corrimões de metal cromado. Salas magnificas com amplissimas janelas, rasgadas de alto a baixo, inundadas de luz, tornando-as assim de uma beleza alegre e saudavel.

Entre estas belas salas, chamou a nossa atenção a magnificente sala do Conselho, de lambris de nogueira escura, cujas janelas dão para uma grande varanda, que fica por cima da entrada principal.

Artístico mobiliario, também de nogueira escura, dum recorte moderno, cumpre-nos fazer uma referencia que

representa um acto de toda a justiça: a activa e conscienciosa acção do Estado Novo que tudo quanto projecta executa, tornando assim o nosso país uma terra que vai caminhando, celereamente, ao lado das nações progressivas.

A nova Casa da Moeda, como tantos outros edificios publicos, em via de conclusão, nas Avenidas Novas, será ainda um novo factor de grande importancia e de indiscutivel valia, para descentralização da Baixa, do aglomerado povoleu e do trafico, que dá aso a que as suas ruas se encontrem presentemente descongestionadas. Espalhando, assim, toda essa gente pelos novos bairros que tão belos são e precisam—e devem—ser animados: são como novas arterias que necessitam ser irrigadas de sangue novo e impetuoso.

A nova Casa da Moeda com outros tantos edificios em construção nas Avenidas Novas, será um factor de grande importancia para descentralizar a vida da Baixa que hoje, sem nada que o justifique, se encontra completamente congestionada.

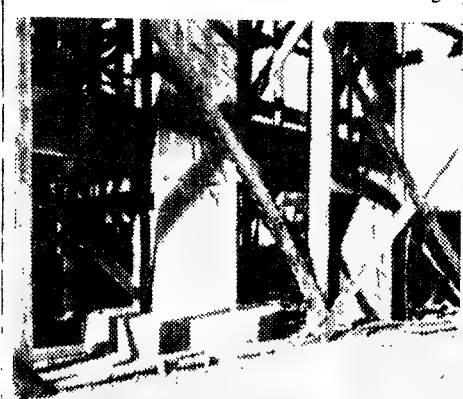
ALFREDO DE CARVALHO

das edificações

As fundações: O que nos disse o engenheiro Teixeira Duarte

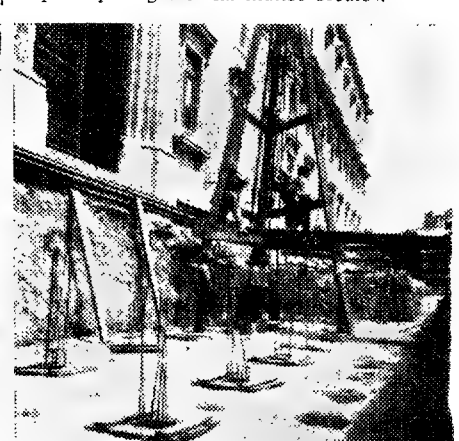
Tem a maior oportunidade o falarmos hoje em fundações, já que estamos tratando da nova Casa da Moeda e, como todos sabem, a fundação dum construção é a principal base da sua segurança e solidez.

Foi a conhecida e acreditada casa do engenheiro sr. Ricardo E. Teixeira Duarte, de Lisboa, rua Augusta, 280, 3.º, cuja longa experiência é a sua melhor afirmação de competência, a encarregada das fundações da nova Casa da Moeda e que acaba de firmar novo contrato para as fundações dos edificios das oficinas que brevemente vão começar.



Estacas betonadas no solo no Palacio da Assembléa Nacional

bem como os melhores tecnicos estrangeiros. Tudo está em pôr de parte a «pagada e vil tristeza» que provoca uma administração sonolenta, pelo que fazem lá fora. Basta pensar nas obras de engenharia realizadas por todo o mundo pelos portugueses ha muitos seculos.



Apoio dum dos arcos da nova Igreja da Avenida de Bernes

O sr. engenheiro Ricardo E. Teixeira Duarte tem-se dedicado ha mais de vinte anos aos trabalhos que se relacionam com o problema de fundações, como sejam as sondagens geologicas, as captações em rebuxamentos das aguas subterraneas, as consolidações artificiais do solo, as estacarias em beton cavadas ou executadas pelos processos de betomagem directamente no solo, com aperfeiçoamentos para cada caso especial, mediante a utilização de metodos originaes, etc., etc.

Desde 1928 que a sua Empresa entrou em pleno desenvolvimento especializado, competindo em tecnica e em preço com as poucas mas importantissimas empresas estrangeiras que trabalham nesse ramo da engenharia moderna. O engenheiro sr. Teixeira Duarte tem triunfado sempre nos concursos de fundações como no caso das obras da Casa da Moeda, e são seus os projectos e execução de todas as fundações de responsabilidade feitas ultimamente em Lisboa, como por exemplo: o corpo central do palacio da Assembléa Nacional, a nova igreja da avenida de Bernes, as novas instalações do «Diário de Noticias», na avenida da Liberdade, a colonia penitenciaria de Alcoentre, etc., etc.

Além disso tem sido vasta a sua acção no trabalho de consolidação de alicerces defeituosos de muitas moradias e até de importantes edificios.

Por tudo quanto acima fica exposto, havia da nossa parte uma grande curiosidade em poder-mos falar com o sr. engenheiro Teixeira Duarte, não só para conhecemos os novos processos de fundações, como ainda para o proprio interesse dos nossos leitores, informando-os dum assunto que, a tantos, certamente, pode e deve interessar.

Ouçamos, pois, quem nos vai falar de caté-dra, sobre fundações. Cheio de trabalhos, debregado sobre planos de estudo, recebe-nos no seu gabinete, cuja secretaria se encontra completamente repleta de livros, graficos, mapas, etc.

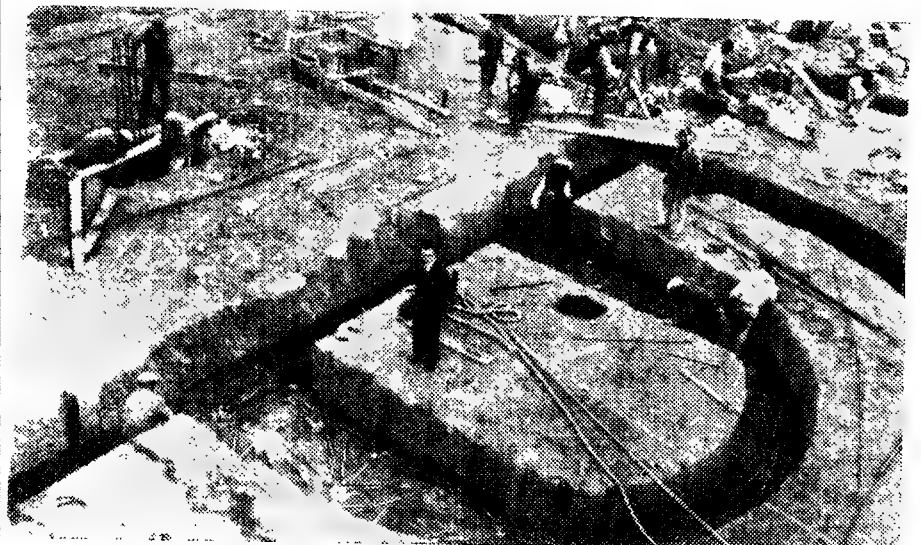
—O problema de fundações tem sido completamente descurado entre nós—começa por nos dizer o sr. engenheiro Teixeira Duarte—adapta-se geralmente o sistema de confiar aos mestres de obras e fiscaes da Camara a resolução deste delicado problema, reduzindo-o á fixação improvisada da profundidade e largura dos caboucos.

Daqui as grandes surpresas, isto é, os desgostos e prejuizos dos predios rachados e tortos que tantas vezes se evitariam com uma fundação perfeita, sem acrescimo de despesa.

«Uma fundação adequada a um terreno mau, feita por processos especiais, após os estudos científicos indispensaveis, dá a absoluta garantia de estabilidade e é geralmente mais economica que a fundação em cabouco corrente, desde que este seja calculado para a profundidade e largura de verdadeira segurança para o caso.

A dificuldade está em que só uma casa especializada por longa experiencia pode pôr em pratica com as devidas garantias, por preço acessivel, esses processos vantajosos.

Pelas precisas e claras expressões do engenheiro sr. Teixeira Duarte, que gentilmente se prestou a falar ao «Diário de Lisboa», ficam os nossos leitores sabendo quanto de importante tem para uma propriedade, as boas fundações.



Fundações da Administração da nova Casa da Moeda em estacas betonadas no solo e estacas cravadas

Com o engenheiro Teixeira Duarte só trabalham engenheiros portugueses e português é todo o seu pessoal operario, porque os portugueses têm aptidões especiais de raciocinio e de engenho que permitem projectar e realizar tão

Na nova Casa da Moeda

as instalações electricas
foram feitas pela

Casa Honorato Henriques, L.^{da}

Na nova Casa da Moeda tudo foi tratado com todo o carinho e competência. Nada ficou que não fosse digno de tão grandioso edificio. Assim, deste modo, um admiravel conjunto e um bellissimo e modelar trabalho analisado em detalhe.

Por exemplo, as instalações electricas foram executadas pela conhecida firma Honorato Henriques, L.^{da}, da avenida Duque d'Avila, 40-C a 40-D, o que aliás justifica a grande reputação desta casa. Basta que visitemos a nova Casa da Moeda e examinemos a montagem da sua iluminação geral com a grande novidade de sinalização, que é a primeira no genero que se faz no nosso país, tanto em estabelecimentos do Estado como em particulares, para podermos bem apreciar como a industria electrica se encontra desenvolvida entre nós, sem favor a par do melhor que ha no estrangeiro.

Ao falarmos da Casa de Honorato Henriques, L.^{da}, que decerto deverá sentir-se bem orgulhosa deste seu excelente trabalho, não poderemos deixar de fazer uma referencia ao seu pessoal, que, sob a proficiente direcção do sr. J. Gonçalves dos Santos executa todos estes trabalhos.

Honorato Henriques, L.^{da}, industriais conscienciosos e bem integrados do espirito moderno, com as instalações electricas da Casa da Moeda, conseguiram acrescentar mais um triumpho á sua magnifica senda de trabalho, impondo-se assim á consideração de todos e dignificando a mão de obra nacional, pelo que não lhe regatearemos os nossos aplausos.

A casa Honorato Henriques, L.^{da}, realiza também canalizações de agua e gás.

Henriques & Castro, L.^{da}

Foi esta casa que forneceu todo o cimento
SECIL
para a nova Casa da Moeda

A nova Casa da Moeda, como tantas outras realizações do Estado Novo, além do grande incremento que veio dar ás nossas industrias, serve ainda para codificar o valor dos nossos artifices, a qualidade das nossas materias primas e ainda de incentivo entre todas as casas concorrentes.

Henriques & Castro, L.^{da}, avenida Conde Valbom, 96, Lisboa, é um exemplo do que acima dissemos.

Concorrente á Casa da Moeda, como tantas outras, a preferencia que lhe deram justifica, não só a excelencia dos seus produtos, como ainda o preço modico como os fornece.

Casa fundada em 1931, conhecida sobretudo no nosso meio como fornecedora de madeiras, cimentos e outros materiais de construção, conta desde ha muito com farta clientela entre ela o proprio Estado.

A Casa da Moeda, edificio que, apesar de ainda não ter sido aberto ao publico, já tem sido bastante elogiado, teve como fornecedor de todo o cimento Secil, a firma Henriques & Castro, L.^{da}, seus revendedores.

Nada mais será necessario para elevar uma casa ao mais alto grau.

O sr. Carlos da Costa e Melo, socio gerente da casa Henriques & Castro, L.^{da}, a que tem dado o seu melhor esforço, tem sido um dos mais valiosos cooperadores do grande movimento da construção civil.

TINTAS BERGER

Os interiores da nova Casa da Moeda foram pintados com tintas inglesas da afamada marca BERGER

A firma, de Londres, Lewis Berger & Sons, Limited, fundada em 1760, cuja acção durante tão longo periodo tem sido um modelo de honorabilidade e competencia, está admiravelmente representada no nosso país pela casa Marianno C. Costa, L.^{da}, rua dos Correeiros, 55 a 59 Lisboa.

E' a esta acreditada casa que nós devemos as excelentes tintas «Berger» de surpreendentes efeitos decorativos na pintura de interiores, ainda nos mais ricos e distintos.

São as tintas «Berger» que serviram para pintar todas as paredes interiores da nova casa da Moeda, tornando-as um verdadeiro encanto. Também toda a caixilharia foi pintada com um aparelho «Ledquid» e acabada com esmalte «Perquite» tudo da celebre marca «Berger», criando, assim, no nosso meio, mais uma grande reputação.

As tintas «Berger», em todos os tons, em todos os cambiantes tornam os mais belos salões em verdadeiras preciosidades artisticas, tal a opulencia de cor que lhe emprestam. Ha, nas pinturas Matone «Berger» como uma tonalidade de iris de perola, tornando-as assim unicas para applicação de pinturas de grande responsabilidade.

Ceramica Portugal

Tambem esta importante organização industrial da ceramica portuguesa, concorreu para a edificação da nova casa da Moeda, fornecendo os seus produtos.

A «Ceramica de Portugal» que se fundou em 1908 por José Gonçalves Carreira, L.^{da} tem a sua sede na Quinta dos Ameixiais. — Malpique — Campo Grande, encontrando-se actualmente á frente da direcção o filho do proprietario, sr. Manuel Gonçalves Carreira, figura bastante prestigiosa na industria ceramica do país. Permanentemente encontra-se nos seus escritorios o guarda livros sr. Antonio Candido Dias, a quem está confiada a direcção da «Ceramica Portugal», na ausencia do sr. Manuel Gonçalves Carreira, seu director.

Os produtos que se fabricam na «Ceramica Portugal», são confeccionados com o melhor barro da região, pois que o Campo Grande, é um dos sitios onde o barro dá melhores resultados para a industria ceramica.

O telefone da «Ceramica Portugal» é o numero 5 7007, para onde devem ser enviados todos os pedidos, que são imediatamente executados, atendendo á grande produção que esta fabrica tem.

PERFUMARIA DA GUIA

Esta casa, cuja sede é na Rua Martim Moniz, 18 e 20, foi também uma das fornecedoras da nova casa da Moeda.

Assim, a «Perfumaria da Guia» forneceu tintas, vernizes e produtos para a estucação, tudo isto de boa qualidade, pois que todo o material ali empregado na construção da nova casa da Moeda é do melhor que há.

«A Perfumaria da Guia» além do seu variadissimo e completo sortido de perfumes é uma das casas que melhor fornece a construção civil.

São proprietarios da «Perfumaria da Guia» os srs. Machado, Marques & C.^{da}, comerciantes que muito honram o comercio perfumista e drogista, pela forma honesta como transaccionam.

AS LAMPADAS LUMIAR

são muito economicas e de superior
qualidade

A nossa visita á nova casa da Moeda trouxe-nos surpresas que muito satisfazem o nosso patriotismo.

Uma delas, foi o constatar-mos que em quasi todos os aposentos se encontram as lampadas «Lumiar» produto genuinamente português, que já hoje se impõe pelo seu fabrico, encontrando-se por todo o país e até já exportadas para o estrangeiro.

Uma visita, embora rapida, á Empresa Portuguesa de Aparelhagem Electrica, L.^{da} produtora das lampadas «Lumiar» impunha-se-nos. Eis-nos, pois, até á Avenida 24 de Julho.

Concedida a respectiva licença entramos nas oficinas, modelarmente apetrechadas, onde uns complicados maquinismos, assistidos por pessoal português fabricam as magnificas lampadas «Lumiar» a lampada mais economica, melhor e mais barata que se encontra á venda.

Dezenas de milhares das lampadas «Lumiar», já prontas, são transportadas para os grandes armazens de embalagem e expedição.

A curiosidade, propria do reporter, levou-nos a examinar os letreiros dos caixotes. Foi com verdadeira alegria que vimos este dirigido não só para quasi todas as terras do continente como também para as ilhas, colonias e estrangeiro.

As lampadas «Lumiar» que soube impôr-se pela sua qualidade vai assim espalhando-se por todo o Portugal, como é de toda a justiça, pois, tratando-se de um produto nacional é dever de todos os portugueses dar-lhe sempre a preferencia.

ESCRITORIO E OFICINAS
Rua Dr. Alexandre Braga, 55
Telefones P. B. X. 4 3191 — 4 3192
LISBOA

Construção geral a cargo da:

**Sociedade de construções
Amadeu Gaudêncio, Lda.**

CONSTRUÇÕES CIVIS-CARPINTARIA-MARcenARIA
ARQUITECTURA - ENGENHARIA

DIRECÇÃO TÉCNICA

Engenheiros: J. Belard da Fonseca-L.

Faria E Mala — Construtores: Ama-

deu Gaudencio-Henrique Gaspar

Sociedade Industrial Metalurgica

Na nova Casa da Moeda, também a Sociedade Industrial Metalurgica se fez representar condignamente, pois que ali se vêem notaveis trabalhos em ferro, obra desta importantissima casa.

O sr. Julio Ferry, director-gerente da Sociedade Industrial Metalurgica é um grande tecnico, a que não falta um incontestavel valor, está sempre dando novos alentos á industria metalurgica, pois que na sua recente visita á Alemanha, trouxe novos e valiosos conhe-

cimentos para ir aperfeiçoando o trabalho executado na Sociedade Industrial Metalurgica, hoje uma das casas onde melhor se trabalha na arte de ferro forjado.

A Sociedade Industrial Metalurgica, que tem os seus escritorios na rua de S. Tiago, 13, telefone 2 6572, tem ainda completas secções de serralharia, fundição, etc., sendo todos os seus trabalhos executados com o maior esmero e perfeição.

JOINTITE

Parqué de cortiça Mundet,
empregado na nova
Casa da Moeda

A nova Casa da Moeda é bem um indice dos bons, dos melhores, produtos portugueses.

Vejamos o seu sobrado e examinemos o seu magnifico parque, em mosaico de cortiça, que hoje constitui o mais agradável, mais comodo, o mais decorativo e o mais higienico pavimento de qualquer habitação, é um fabrico genuinamente português.

São 600 m² de parqué de cortiça aglomerada Jointite, fabricado no nosso país, que hoje tem grande voga no estrangeiro para onde o exporta em grande quantidade, a sua fabricante a conhecida casa Mundet & C.^{da} L.^{da} cuja fabrica é em Montijo e sede no Seixal.

O pavimento de cortiça, aglomerada Mundet é um pavimento ideal porque:

Tem uma duração maior do que qualquer outro pavimento de madeira oferecendo mais resistencia ao desgaste do que mesmo o carvalho, cuja prova comparativa do desgaste foi feita no Laboratorio Oficial de Teddington. E' um optimo isolante termico e de som, abafando por completo os ruidos. E' facilmente encerado ou envernizado e apresenta lindissimos aspectos decorativos.

Piso muito agradável devido á sua extrema flexibilidade, tornando-se desnecessario o uso de tapetes. Não é es-corregadio; é inodoro, impermeavel, higienico e não é atacado por vermes. Devido á sua enorme compressão e dificuldade que oferece á desintegração é menos combustivel do que a madeira. Tendo sofrido uma destilação de todas as suas madeiras volatis, arde sem chama o parqué de cortiça «Jointite» é enfim manufacturado numa grande fabrica de uma grande firma com mais de setenta anos de sucessos na industria de cortiça: Mundet & C.^{da} L.^{da}.



O melhor fôrro betuminoso que existe representando a ultima palavra no genero

O excelente produto inglês «ROK», que hoje se encontra espalhado por todo o país e que tão bons resultados tem dado em todas as suas multiplas applicações, foi, como não poderia deixar de ser, também empregado na nova casa da Moeda. Ali o vamos encontrar nos caboucos, no fôrro vertical e nos terraços.

«ROK» cuja garantia é feita pelos conhecidos e reputados fabricantes de materiais «ROK» D. Andreson & Son, Lda, Londres, Manchester e Belfast, controlados pelo Laboratorio do governo inglês, e ainda analisados pelo Laboratorio do ministerio das Obras Publicas, do nosso país, é o melhor fôrro que existe.

O fôrro «ROK» é continuo, sem juntas, não absorve humidade e isola do calor e som.

O fôrro «ROK» é constituído por fibras vegetais quimicamente imunizadas contra a podridão, carunchos, ataque de vermes, etc., e é insolúvel na agua, não lhe dando gosto de especie alguma, razão porque, se applica no fôrro de depositos de agua potavel, com os melhores resultados.

O fôrro «ROK» não esconde nem derrete sob a acção do sol, por mais abrasador que seja, nem racha ás temperaturas mais baixas, importando qualquer oscillação de temperatura.

O fôrro «ROK» que representa uma verdadeira descoberta para tantissimas applicações, é a maior garantia para toda a construção moderna, garantia permanente contra a infiltração das chuvas e humidades nos terraços de cimento armado, caboucos, etc.

«ROK», empregado em Portugal nos principais estabelecimentos do Estado e particularmente, occupa hoje no nosso país superficies cobertas na totalidade de 32.63m². Só na Colonia Penal de Alentejo, foram já empregados 2.358m².

São agentes gerais em Portugal dos produtos «ROK» a firma «Tôrobéton» da rua do Barão 18, Lisboa, que prontamente dão todas as informações aos interessados.

TAM-TEX

E' a tinta impermeabilizadora com que foi pintado exteriormente o novo edificio da Casa da Moeda

Quem passa proximo da nova Casa da Moeda, chama logo a sua atenção para a linda cor de que está pintado este magnifico edificio: Um verde muito suave que as intemperies parecem ainda tornar mais belo e atraente.

Tarta-se da tinta Tam-Tex impermeabilizadora especial para pintura em cimento e outras paredes porosas e que tem sido empregada, com os melhores resultados possiveis, nas mais importantes obras do Estado e particulares; como: Arsenal do Alfeite, Colegio de Santa Dorotea, Creche Julia Moreira, Escola do Bairro Social do Arco do Cego, Escola Naval do Alfeite, Hospital Curry Cabral, Hospital de Santo Antonio dos Capuchos, Liceu de Fialho de Almeida (Beja), Liceu de Julio Henriques (Coimbra), Liceu de Latino Coelho (Lamego), Maternidade Julio Diniz, Novo Manicomio de Lisboa, Palacio Nacional de Belem, etc., etc.

Tam-Tex, dispensa o estuque, é de facil applicação, absolutamente impermeavel e economica. Universalmente usada no interior e exterior de hotels, restaurantes, escritorios, pontes, faroiz, reservatorios, monumentos, etc., satisfaz em absoluto todos aqueles que têm necessidade de uma pintura de illimitada duracão.

Tam-Tex é ainda uma tinta muito decorativa pois os efeitos artisticos que se obtêm com o seu emprego são surpreendentes, conseguindo-se uma grande variedade, em cores lindissimas e uniformes. Em toda a parte, os engenheiros, arquitectos e construtores empregam esta pintura nos seus trabalhos, ainda nos de mais responsabilidade.

Tam-Tex tem como unicos importadores no nosso país Aguiar Melo, Lda, Praça do Municipio, 13, loja, Lisboa, a cuja firma podem ser pedidos todos os esclarecimentos e informações.

Marmores e Cantarias de Pero Pinheiro — Estremoz — Limitada

Foi quem fez os fornecimentos para o novo edificio da Casa da Moeda

Para a nova Casa da Moeda, já o dissemos por diversas vezes hoje aqui, foi-se buscar do melhor e do mais competente que temos.

Desde há um certo tempo, bem haja quem de tal se lembrou, o marmore nacional—e tão rico ele é—começou a aparecer em diversos estabelecimentos da capital.

Era quasi lendario o chamar-se a Lisboa, a cidade de marmore e granito. No que se refere a marmore, felizmente é presentemente uma realidade, talvez não tanto como deveria ser, para um país que os possui dos melhores e mais belos.

Tudo isto vem muito a proposito da nossa recente visita á nova Casa da Moeda. Ali encontramos, em profusão, os belos marmores portugueses.

A industria de marmores em Portugal está hoje admiravelmente representada.

Foi uma das primeiras organizações de marmores entre nós que forneceu todos os marmores para a nova Casa da Moeda: Marmores e Cantarias de Pero Pinheiro-Extremoz, Lda, cuja sede é em Pero Pinheiro, telefone P. P. 5 e escritorio em Lisboa, praça dos Restauradores, 5, 1.º, Direito, telefone

2 4184.

Esta importante firma cuja direcção é composta de um grupo de homens de grande competencia e invulgares qualidades de trabalho, que são os srs. Manuel Simões Carrasqueira, Antonio Duarte da Silva Sousa, Baptista Antonio Simões, Antonio Simões Baptista e Manuel da Silva Sousa.

Marmores e Cantarias de Pero Pinheiro-Extremoz, Limitada, que já tem fornecido marmores para obras de responsabilidade, mais uma vez pôs em evidencia a sua competencia demonstrando-nos a variadissima qualidade dos seus preciosos marmores, rivalizando com os melhores italianos e gregos.

Marmores e Cantarias de Pero Pinheiro-Extremoz, Limitada, como não poderia deixar de ser para uma firma desta ordem, fornece constantemente não só os mercados de Portugal como também para o estrangeiro, especialmente para a Inglaterra, Brasil e America do Norte.

Quem fizer uma visita á nova Casa da Moeda, ali poderá verificar a beleza dos marmores fornecidos pela empresa Marmores e Cantarias de Pero Pinheiro-Extremoz, Limitada.

A COMPETIDORA Eugène Labat, Lda

Foi a fornecedora de todos os vidros para a nova Casa da Moeda

Se tudo quanto foi empregado na nova Casa da Moeda é de primeira qualidade, se todos os materiais são do melhor que existe, fatalmente que no que se refere á vidraça esta também foi escolhida em quem a poderia fornecer da melhor.

Foi A Competidora de sr. José Pedro Gomes, Limitada, cuja sede é na Rua dos Correeiros, 161 a 181, Lisboa, casa com uma solida reputação firmada em todo o país, que forneceu todos os vidros para a Casa da Moeda.

Já A Competidora fora fornecedora do Instituto Superior Tecnico, Casas Economicas da Ajuda e Belem, Manicomio Miguel Bombarda, o novo edificio Bairro Economico de Portimão etc., etc.

Primando sempre em bem servir a sua numerosa clientela A Competidora, dia a dia, vê avolumar-se o numero das suas transacções, correspondendo assim o publico a honestidade que fortemente caracteriza a direcção de A Competidora, cuja seriedade se manifesta em tudo desde a excellencia dos seus produtos: vidros, espelhos, e molduras, até a sua maneira de transaccionar.

A Competidora, tem também um importante e variado sortido de louças e cristais, possuindo uma filial no Porto, usando o codigo-Ribeiro e sendo o seu endereço telegrafico Competidora-Lisboa.

As canalizações e esgotos da nova Casa da Moeda toram montados por esta casa

A nova Casa da Moeda, como em tudo obedecendo ás mais modernas exigencias da vida actual teve como fornecedora de canalizações de agua quente e fria, gás, instalações sanitarias, esgotos e aquecimento central uma conhecida firma especializada como é Eugène Labat, Lda, cuja fabrica é na Rua Cais do Tojo, 7 a 15 e a sede na Rua do Alecrim, 48 a 50, Lisboa. Esta reputada casa com fabricação nacional de Radiadores e Caldeiras, trabalhos perfeitissimos, em todos os generos, de aquecimento e fundição, foi bem escolhida para executar os trabalhos da Casa da Moeda.

Eugène Labat, Lda, é uma firma que conta no seu activo com trabalhos de grande responsabilidade, como: Manicomio Bombarda, Palacio da Assembléa Nacional, Camara Municipal, Administração do Porto de Lisboa, etc. Com a nova Casa da Moeda acrescenta mais um grande exito aos seus perfeitissimos trabalhos, dignos de serem conhecidos e apreciados, não só por serem modelares como ainda por serem executados por operarios portugueses.

Informamos pois os nossos leitores para melhor facilidade e comodidade que os telefones da Casa Labat, Limitada, são respectivamente: Sede 27117, Fabrica 60869.

TINTALUSA

Na nova Casa da Moeda foram empregadas as afamadas tintas da fabrica Tintalusa

Tintalusa S. A. R. Lda representa uma grande e patriótica iniciativa em Portugal, que teve por fim reproduzir no nosso país empregando materias primas portuguesas, mão de obra portuguesa e capitais exclusivamente portugueses, os produtos de uma fabricação belga, que data de 1822.

Foi sobretudo o emprego das nossas gomas coloniais, da nossa aguaráz que animaram a Tintalusa que é uma sociedade anonima de responsabilidade Limitada, a montar a sua fabrica.

Na nova Casa da Moeda a Tintalusa teve diversas applicações, marcando um lugar de inconfundivel qualidade entre as mais reputadas tintas estrangeiras. O esmalte branco foi empregado nas portas dos lavatorios e o esmalte beije teve applicações em varias portas interiores.

Tintalusa, vê assim coroado de todo o exito o grande esforço e a série de obstaculos que teve de superar para vencer.

Tintalusa, que gosa hoje de grande reputação em toda a parte onde tem sido empregada—e encontra-se em todo o país—teve da parte do sr. engenheiro Espregueira Mendes, inspector da construção da nova Casa da Moeda, o seu maior agrado, manifestando-se bastante satisfeito com os produtos da fabrica de tintas Tintalusa que satisfaz plenamente para as obras de maior importancia e responsabilidade.

No interesse dos nossos leitores devemos dizer que a Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada Tintalusa tem a sua sede na Quinta do Al-margem, á Junqueira, para onde devem ser dirigidos todos os pedidos e que o seu telefone é o numero 81-432.

A Casa Guedes Silva & Guedes, Lda

Forneceu para a nova Casa da Moeda, as celebres fechaduras «Arlis»

Para quem visita a nova Casa da Moeda, logo lhe despertará todo o interesse as solidas fechaduras «Arlis» que se encontram a cada passo collocadas nas robustissimas portas deste edificio.

Foi a conhecida e acreditada firma da nossa praça Guedes Silva & Guedes, Lda da rua Eugénio dos Santos, 32 a 34 que forneceu bem como os castões «Arlis» cromados. Também a cromagem de muitas divisões é trabalho desta casa.

Já que falamos nas fechaduras «Arlis», para elas chamamos a atenção dos nossos leitores, salientando a sua perfeição e solidez, onde nunca poderemos ver os cartões pendurados e frouxos, conservando sempre a sua posição horizontal.

A Casa Guedes Silva & Guedes, Lda, sempre primando por bem servir os seus inumeros fregueses, tem permanentemente um enorme sortido de ferragens em todos os estilos, para construção civil e marcenaria.

Esta casa que obteve na Grande Exposição Industrial Portuguesa de 1932 o Grande Premio de Honra e Medalha de Prata, tem á sua frente uma figura de grande destaque no meio comercial, o sr. Luiz Guedes da Silva, que lhe tem dado um grande incremento.

Para qualquer encomenda, o telefone da Casa Guedes Silva & Guedes é o numero 2 3746.

Visita episcopal

PAREDES DE COURA, 4—A fim de assistir á conclusão das missões que desde há dias se vinham realizando na capela do Espírito Santo, esteve ontem nesta vila o sr. Arcebispo Primaz, que era esperado nos Paços do Concelho pela Câmara Municipal, pelos funcionarios publicos, associações religiosas e por muitas pessoas de destaque no nosso meio. Depois, realizou-se, no salão nobre dos Paços do Concelho, uma sessão solene, a que presidiu o senhor Arcebispo, o qual tinha á sua direita os srs. Arcipreste d'este concelho padre João Manuel de Barros e presidente da Câmara, dr. Antonio Felgueiras, e á esquerda os srs. presidente da União Nacional d'este concelho, dr. Fonseca Monteiro, e dr. Manuel Ferreira da Costa, delegado do Procurador da Republica nesta comarca. Usaram da palavra os srs. presidente da Câmara e dr. Antonio Marrana, este em nome das Confrarias desta vila e em nome de todos aqueles que trabalham dentro do edificio dos Paços do Concelho, e, por ultimo, falou o sr. Arcebispo Primaz, que terminou por erguer «vivas» a Paredes de Coura, ao presidente da Câmara e á Patria Portuguesa.

Finda a sessão, s. ex.^a reverendissima dirigiu-se para a igreja matriz, de onde se organizou um cortejo para a capela do Espírito Santo, onde o sr. Arcebispo procedeu á cerimonia do crisma, finda a qual se retirou com destino a Braga.

Um burlão

NISA, 5—Alfredo Joaquim Santiago Pereira, que dá também pelo nome de Alfredo Pereira e Joaquim Pereira, appareceu ha dias nesta vila incutindo-se agente de uma Companhia Colonial. Como pretendesse, junto de varios comerciantes, descontar um cheque de que era portador, houve quem suspeitasse dele, suspeitas que se confirmaram por uma correspondencia de Torres Novas, na qual se pedia ás autoridades a sua prisão por uma burla praticada naquela vila. Os agentes Anibal Milhinhos e Francisco Meira prenderam o burlão, mas ante-ontem foi-lhe permitido dormir na Pensão Peninsular e isso foi o bastante para que, abusando da benevolencia dispensada, arrombasse a porta do quarto e tentasse evadir-se. Perseguido pela Policia foi recapturado perto de Flôr da Rosa e reconduzido a Nisa, em cuja cadeia se encontra actualmente.

TINTAS — VENDEM-SE
1.500 quilos. Diversas cores
Mu to barato. — Trav. dos Ferreiros, n.º 9, 1.º Belem — ANTONIO PEDRO

O Albergue Legionario

vai ser uma criação

da Associação Social e Política da «Legião Portuguesa»

Da Acção Social e Política da «Legião Portuguesa» recebemos, com o pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«Inaugurados ha três meses escasos, os Serviços da Acção Social e Política da Legião Portuguesa têm procurado estudar os numerosos e complexos problemas que condicionam a sua actividade.

Os multiplos aspectos da denominada *Questão Social*, ainda que restrita ao campo legionario, oferecem frequentemente o panorama cruciente de muitos infortunios, que é necessario minorar, e de muitos males que exigem pronto remedio, se quisermos defender de infiltrações perigosas tanto o agregado familiar, como o proprio prestigio da Legião.

A Acção Social e Política deseja corresponder do melhor modo possivel a essa obrigação imperiosa. Para isso, como é natural, conta de facto com o auxilio de todos os legionarios, em condições de prestá-lo, sem razões diferentes das que derivam desta qualidade, seja qual for a natureza e a medida desse auxilio, a forma de o effectivar ou a modalidade que deva revestir.

E a unica maneira de cada um demonstrar que sente e cumpre o conjunto de deveres que constitui a solidariedade legionaria.

Um dos factos que muito vêm impressionando os Serviços em referencia é o de frequentes pedidos de alimentação e instalação provisoria, por parte de legionarios pobres, que motivos sérios da vida obrigam a chegar a capital, onde lutam com as consequencias de uma absoluta carencia de recursos.

Falta-lhes quasi tudo e pedem muito pouco: — qualquer canto para dormir, umas sopas para comer e, também muitas vezes, alguma coisa que substitua as pobres roupas que vestem.

Para tais emergencia, a Acção Social e Política vai criar um Albergue, na sua sede, na travessa do Guarda-Mór e está já habilitada a assegurar-lhes a indispensavel assistencia, mediante a cooperação de um serviço publico organizado.

Esse albergue abrangerá, por agora, 12 camas, com os seus accessorios: cobertores, toalhas, lavatorios, etc. Podem acrescentar-se áqueles objectos de vestuario, considerados de primeira necessidade, tais como calçado, fatos, roupas de uso interno e tudo o mais que for julga-

do util, para completo êxito da iniciativa em curso.

Pensa por isso a Legião Portuguesa que seria de alto significado o pensamento de colocar o referido Albergue em boas condições de funcionamento, exclusivamente graças ao espirito de solidariedade da massa legionaria.

E pergunta:

— Quem não possui, já em desuso, um simples objecto ou peça de roupa, que ajudaria a engrossar o recheio do Albergue? Sobretudo, quem deixará de responder ao *Apelo*, lançado a todo o corpo dos Voluntarios da Ordem, em favor de uma iniciativa tão profundamente humana, tão instantaneamente necessaria, de tão largo alcance legionario?

Confiam os Serviços da Acção Social e Política e espera a Junta Central da Legião Portuguesa que tal *Apelo* nao resultará inutil, nem a resposta demorada. E assim se facilitará o seu esforço, apenas tendente a minorar a amargura de muitas situações angustiosas, numa afirmação de sentimentos legionarios, que os Altos Comandos querem registar com orgulho.

Na sede da A. S. P., receber-se-ão todos os donativos destinados á realização d'este pensamento e far-se-á deles a melhor distribuição.»

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Sociedade Anonima d Responsabilidade Limitada

Sede: Calçada do Duque, 20—Lisboa

15.º sorteio de obrigações de 7 3/4 por cento (Minho e Douro e Sul e Sueste)

São prevenidos os srs portadores de obrigações de 7 3/4 por cento (das redes do Minho e Douro e Sul e Sueste) de que, em harmonia com a condição 4.ª do contrato de emissão destas obrigações, se vai proceder ao sorteio de 787 obrigações para serem amortizadas em 15 de Abril de 1938, conforme o respectivo quadro de amortização, sorteio que se realizara em sessão publica, na sede da Companhia, na segunda-feira, 4 de abril proximo, pelas doze horas.

Lisboa, 31 de Maio de 1938.

O Presidente do Conselho de Administração
A. de Vasconcelos Corrêa

Gatunos de carteiras

MEALHADA, 4—Anteontem á noite, quando o sr. Francisco dos Reis, de Fornos de Algodres, desembarcava na estação de Pampilhosa, do comboio correio de Lisboa, a fim de, na mesma estação, embarcar no comboio da Beira Alta, para a sua terra natal, foi surpreendido por dois carteiristas, que tentaram extorquir-lhe a carteira. Como o sr. Reis presentisse a acção dos meliantes, segurou a carteira, que continha 150\$00, mas foi vitimado pelos mesmos profissionais da arte do roubo, na quantia de 19.000\$00, que trazia no bolso traseiro das calças e bem assim uma mala em que transportava um fato, 7 camisas e 2 pares de sapatos. Comunicado o facto ao chefe daquela estação, sr. Ribeiro, immediatamente os gatunos foram presos por aquele funcionario, que em seguida os entregou no Posto da Guarda Fiscal daquela localidade, tendo os mesmos sido ontem enviados ao administrador d'este concelho, que ordenou a sua entrada na cadeia desta vila. Ao que se apurou nas diligencias effectuadas os carteiristas tinham naquela estação mais cúmplices, que levaram consigo o roubo para o Posto.

Os meliantes foram hoje entregues ao poder judicial, dando entrada na cadeia da comarca da Anadia.

Casino Estoril

Aos sabados: Jantar á Americana

Traje de soirée

Preço: Esc. 20\$00

Nos restantes dias: Jantar dançante

Preço: Esc. 12\$50

Bilhetes especiais:

Todos os dias, excepto sabados e domingos

Comboio, (2.ª cl. ida e volta) e **Jantar ou Cella**, Esc. 16\$, incluindo Taxas, serviço, autocarro da Estação ao Casino e entrada

TODOS OS DIAS: Comboio, (2.ª cl. ida e volta) **autocarro** da Estação ao Casino, **entrada** e um **vale** de Esc. 2\$50 para consumo no **Restaurante e Bars** do Casino **Esc. 12\$50**

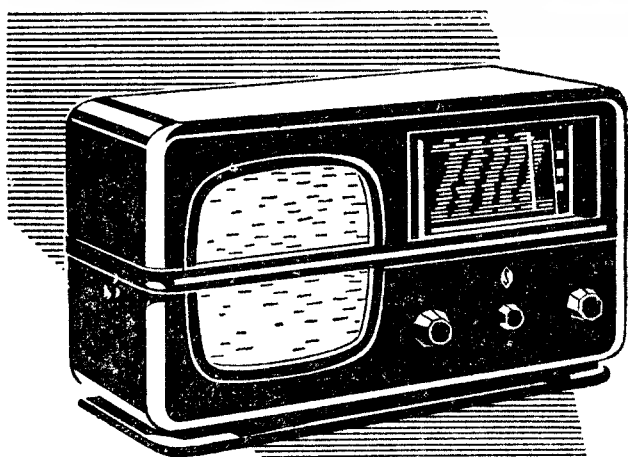
1.ª **venda nas bilheterias do Cais do Eodrê**

Aos sabados, ás 16.30 horas, **concerto pelo Quinteto Paulo Manso**

Todos os dias: De Tarde—chá dançante (excepto Sabados) e á Noite

— Baile Cinema

Orquestra Portugal



UM RECEPTOR
DE GRANDE
CATEGORIA

desde 92\$
POR MÊS

SIERA Radio

O receptor que conseguiu reunir todos os aperfeiçoamentos da technica europeia e americana e cujos preços representam o maior real

Captação selectividade e sonoridade no mais elevado equilibrio

TROCAS E FACILIDADES DE PAGAMENTO

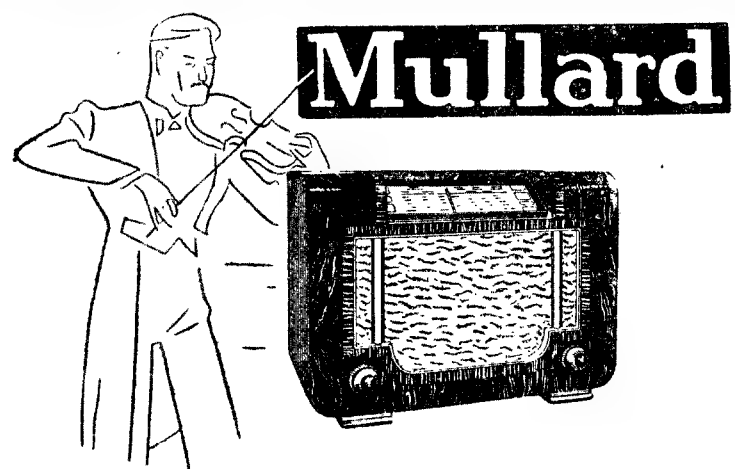
em todos os revendedores autorizados

IMPORTADORES EXCLUSIVOS

PRIMAX, Limitada

Rua dos Sapateiros, 15, 1.º

Telefone 2 2772



O receptor de reprodução impecável!

Representante geral:

J. PINHEIRO DAVID — R. dos Fanqueiros, 62-2.º E.—Telf. 2.6546

LOTARIA DE SANTO ANTONIO

em 11 de Junho

PREMIO MAIOR

3.000.000\$00

Bilhetes a 800\$00

Vigesimos a ... 40\$00

Pedidos a CAMPIÃO & C.ª

116, Rua do Amparo

MERCERIA	PEROLA	LEITARIA
Seleção ==	DAS	Cervejaria ==
== rigorosa	AVENIDAS	= Confeitaria
de todos ==	- DE -	Aguas ==
== os artigos	David da Silva	= Minerais
do seu ==	Telefone 4 2991	= e ==
== comercio	Av. Duque de Loulé,	Frutaria ==
	101 a 107	
	LISBOA	

A MONTANHEZA

S. Pessôa, L.^{da}

Rua Luz Soriano, 71
Telef. 26465

TIPOGRAFIA

Execução rápida e perfeita
de todos os trabalhos gráficos

PREÇOS SEM CONCORRENCIA

Pratas d'Arte

A. L. DE SOUSA, L.^{da}

FORNECEDORES DA CASA REAL
DE ESPANHA

16, Rua da Misericórdia, 18

ANTIGA RUA DO MUNDO

LISBOA

TELEFONE 2 2662

TANK

O ENXUGADOR IDEAL
PARA ESCRITA

Prático, elegante e, sobretudo
ECONÓMICO

EXIJA NO SEU FORNECEDOR



Café Restaurante TAVARES

O mais confortável de Portugal

LANCHES para casamentos
e banquetes para hora. Grandes
e pequenas salas reservadas.
Todos os dias Lagostas
vivas ou cozidas. Quilo, 15\$00.

Telefone 2 1112

A. LEMOS, L.^{da}

ALFAIATES-MERCADORES

113-R. AUGUSTA-115

Telefone 2 6956

LISBOA



Casa PALISSY GALVANI

— DE —

Guilherme F. Simões, L.^{da}

Colocações e reparações de campainhas
electricas, telefones e pára-raios

**T. S. F., luz electrica. Deposito de todos
os aparelhos da sua especialidade**

PREÇOS SEM COMPETENCIA Descontos aos revendedores

13, Rua Serpa Pinto, 15

Telefone 2 2624

LISBOA

Prefiram sempre

Collares

V. S.

VISCONDE DE SALREU

D. J. SILVA L.^{da}

T. 4 7154 33 - R. Rodrigues Sampaio - 35 **LISBOA**

O REI DO PRESUNTO

na Casa **JULIO DA FONSECA**

43, RUA S. NICOLAU, 45

Que acaba de receber Presuntos, Salpicões, lombos,
linguiças de FABRICO ESPANHOL e Presuntos,
Salpicões, Paio de lombo, Rojões, linguas
fumadas, e todas as qualidades de
carnes ensacadas do Minho
e Trás-os-Montes

**ARTIGOS PROPRIOS PARA PRESENTES DA PASCOA
AS MELHORES QUALIDADES AOS MELHORES PREÇOS**

V. Ex.^a alimenta-se?

Certamente porque lhe é necessário viver!

Tambem o Radiador do seu automovel para ter a vida indispensavel
Precisa de

ASSIL

que o protegerá contra o calcareo e a ferrugem, eliminando-a e evitando
assim o seu aquecimento. Indispensavel tambem para as caldeiras
a vapor e chauffage central

Necessário — Eficaz — Economico

Pedidos aos unicos depositarios

Casa dos Condutores de Automoveis do Sul de Portugal S. C. R. L.

com Estação de Serviço — e — Garage de Recolha

Rua Ponta Delgada, 21 a 27 — **LISBOA**

Telefone 4 0202

FABRICA DE CARIMBOS EM TODOS OS GENEROS

CHAPAS ESMALTADAS-SELOS EM BRANCO-SINETES PARA LACRAR

E. E. de Souza & Silva Lda.

Telef. 2.7915

Aneis com gravuras, Brazões e Monogramas
Datadores e Numeradores Emblemas para sport
Artigos para Escritório e de Novidade

157-159, Rua do Ouro—LISBOA

Quere a sorte grande?

Habilite-se na Tabacaria MADRID
Rua do Mundo, 115

MOBILIAS MODERNAS
para campo e praia

esmaltadas em todas as cores. Fabrica-se e ven-
de-se a preços de reclame. Rua de Santa Barba-
ra, 25.

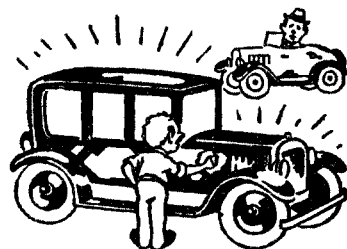
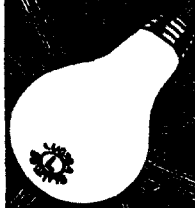
A LÂMPADA DE QUALIDADE

é preferível comprar
uma lâmpada boa que
consuma pouco do que
uma lâmpada barata
que consuma muito
Compre lâmpadas LUS-
TRA, a melhor de tô-
das.

Distribuidores:

António José Fernandes, L.^{da}

44, Rua dos Remolares, 48 — **LISBOA**



Fácil — Rápido

**O POLIMENTO DUCO
N.º 7**

Dá a beleza original

Use o Polimento Duko N.º 7
para remover a poeira e a
sujidade causadas pelo trân-
sito. Rápida e facilmente re-
vela a beleza do lustro do
seu carro. Isento de produtos
cáusticos ou ácidos, protege,
ao mesmo tempo que dá lus-
tro. Os outros produtos N.º 7,
são: Tinta para tejadilhos
N.º 7, Polimento para metais
N.º 7, Preto para retoques
N.º 7, Creme Super-lustro
N.º 7 e Limpa radiador N.º 7.



BETHENCOURT BROS, LTD.,
Rua Aurea, 132-138 — **LISBOA**
SORIA, LTD.
Rua Sá da Bandeira, 214-216
PORTO

HAVAS



M^{re}CAMPOS

agua, cremes
pó de arroz

RAINHA DA HUNGRIA

A boa conservação de uma pele
sem defeitos, exige o uso de pro-
dutos de beleza e de «maquillage»
que não prejudiquem e antes
mantenham a epiderme num
estado constante de pureza, fres-
cura e embelezamento.

A Água, Cremes e Pó de Arroz
RAINHA DA HUNGRIA são pro-
dutos cientificamente puros e
especialmente destinados para
conservar a epiderme, limpar os
poros, tonificar os tecidos, embe-
lezando-os, e evitar a formação
de rugas precoces.

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS
DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
TELEF. 21866 — AV. DA LIBERDADE, 35 — **LISBOA**

Os nossos produtos encontram-se à
venda nas boas casas ou enviam-se
contra reembolso para as localidades
que os não tenham.

Leiam hoje o jornal humorístico **SEMPRE
FIXE.**

COISAS AFRICANAS

O papão da Guiné

Havia e ha ainda quem suponha que a Guiné é apenas apropriada a ferocidades e destinada aos degredados e criminosos da pior especie; que é a terra onde os crocodilos espreitam nas suas costas maritimas e margens dos seus rios, e as panteras embrenhadas nas florestas do interior, espreitam o momento de saltar ao «branco» que desembarca e de quem nunca mais se tem noticias, morrendo por aqui sem assistencia, sem carinhos e sem conforto.

Não tem de facto a Guiné Portuguesa de hoje aquele terror que talvez existisse com verdade, noutros tempos, perante aquelas lutas que o europeu vinha enfrentar pela falta de conforto, asseio, alimentação e outros meios para poder viver; mas, deve dizer-se que existe e se mantem o depauperamento produzido pelo clima, suavizado pelas medidas profiláticas tomadas de ha tempos para cá, com tendencias a constantes melhorias.

Não se diga pois que estamos num paraíso; o clima fustiga o organismo, impondo-nos a todos os colonos, uma vida regrada, muito higienica e a necessidade de nos retemperarmos de tempos a tempos com o ar da metropole. Outras das nossas colonias nos mostram de facto que, melhor do que nesta, as suas condições de vida se prestam a uma melhor adaptação e a um menor perigo para a saúde.

Conhecemos as do Oriente e não têm comparação possível.

Ao lermos os decretos da Reorganização do Exército, sentimos por isso a necessidade de manter para esta Colonia uma maior percentagem de aumento de tempo de serviço colonial para a reforma—pelo menos em algumas das suas regiões—em relação a qualquer outra; como sentimos também que seria vantajoso fazer passar por todas elas as gerações de rapazes novos que queiram seguir a carreira das armas.

Julgamos que deveria ser também condição indispensavel para promoção, pelo menos até ao posto de major, o possuir um certo numero de tempo de serviço prestado nas tropas coloniais.

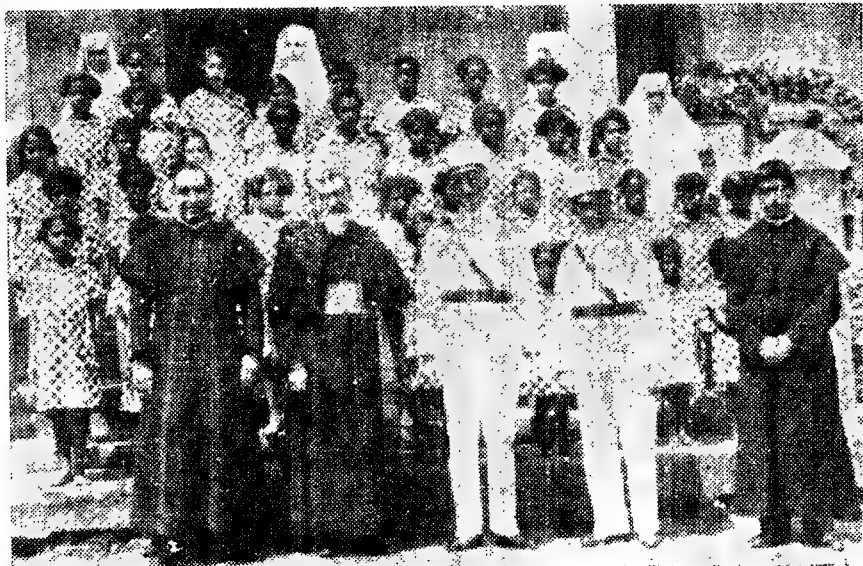
Haveria uma ligação mais íntima entre elas, haveria uma aproximação entre camaradas, todos portugueses, que em emergencias de perigo, que se pode dar, essa camaradagem muito resultaria; e, finalmente, teria uma maior parte dos militares da metropole um melhor conhecimento dos assuntos coloniais.

Voltando ás impressões que sentimos deste lindo torrão africano, vimos que ele progride a passos largos para a melhor colonização que se tem feito nestes ultimos anos. Já não nos envergonhamos de abrir de par em par as portas da nossa colonia a quem a queira visitar; pelo contrario, faremos assim desaparecer qualquer atoarda que ainda corra contra nós.

O Estado, pelo governo da Colonia, dando o exemplo, executa por si ou por empreitadas, as melhores e mais amplas edificações; como o palacio do governo, moradias para os seus funcionarios, pavilhões hospitalares, laboratorios, boas estradas e pontes—indispensaveis ao progresso comercial á acção colonizadora e pacificação dos indigenas—escolas, observatorios e tantas outras do conhecimento do publico.

Bissau, a futura capital, está hoje modernizada em quasi todos os seus aspectos. Rompem-se avenidas, constroem-se edificios com todas as condições higienicas acabando pouco a pouco com as edificações de lama e colmo, abrem-se ao publico os mais modernos estabelecimentos comerciais onde se encontra já hoje de tudo quanto é necessario nesta região, o seu porto de mar é cada vez mais frequentado e, consequentemente, o desenvolvimento comercial e industrial é progressivo.

Por sua vez Bolama, que durante tanto tempo conservou na sua posse a capital da Colonia, manterá o direito a ser uma cidade das mais importantes e conhecidas das terras de Africa pelo enorme desenvolvimento



O governador da provincia com o sr. bispo-conde de Cabo Verde durante a visita que fizeram ao Reformatório de Bôr

que o aeroporto e o seu campo de aviação lhe vão dar. Na realidade, a cubica que se descobriu em todos que se dedicam a estes assuntos, quer nacionais quer estrangeiros, reconhecendo o nosso porto de Bolama como dos melhores para a navegação aerea, pela bellissima situação da ilha e seus terrenos para construção do campo de aterragem e ainda pelo seu clima relativamente saudavel, vem dar-lhe uma importancia capital bem compensadora de tristeza em que se viam os seus habitantes por dali desaparecer a sede do Governo.

A obra de assistencia aos filhos dos indigenas, á qual o Governo da Colonia tem dispensado o melhor da sua atenção, tem já o seu inicio na construção da interessante obra que é o Reformatório de Bôr. Já ali assistimos a uma simples, modestissima, mas significativa festa promovida pelas irmãs de caridade, que conseguiram daquelas pobres crianças a exhibição de trabalhos manuais e um sarau em que elas recitaram e cantaram, deliciando-nos durante uma tarde bem passada. É admiravel a obra destas bondosas senhoras! Tanto aquelas mensagens do Bem e da Virtude, como também o professorado da Colonia, são dignos de admiração e respeito pelo esforço despendido para conseguirem que as crianças, com tantos dialectos e linguagem diferentes, se adaptem aos melhores habitos de trabalho e aprendam a ler, escrever e falar a lingua portuguesa. Bem hajam na colaboração que nos dispensam para a obra da colonização e de respeito á nossa soberania e á nossa bandeira.

Assim beneficiados, os indigenas, pelas obras de assistencia e pela publicação de leis adaptadas aos seus usos e costumes, são tratados duma forma diferente do que eram em tempos idos; adaptam-se, evoluem, aproximam-se de nós—principalmente nos grandes centros—olham o branco com respeito, com admiração, cumprem sem reacção de maior, obedecem sem ser necessario violencias, desde que reconheçam em quem manda a bondade e o espirito de justiça, condição esta que eles muito apreciam.

Um governo forte, ao mesmo tempo tolerante e generoso, intangivel, impondo-se pelo mais exemplar procedimento em todos os seus actos, sabendo com justiça e intelligencia escolher os seus colaboradores, tem dado um grande passo no seu caminho de uma boa governação.

Não fazia sentido que fossem os que se consideravam intellectuais ou com alguma educação e illustração, quer fossem brancos, pretos ou ás riscas, os primeiros a comprometer-se e a dar o triste exemplo de insubordinação e de corrupção de costumes,—que disso enfermou em tempos idos esta desditosa colonia da Guiné!

Hoje, felizmente, o numero de prevaricadores é pequeno e cascos esporádicos são logo punidos, procurando manter-se o prestigio da autoridade e o

progresso incontestavel da obra de «saneamento» que o governo da Colonia quis, primeiro que tudo, sobrepôr a tantas outras obras de necessidade urgente que ao mesmo tempo se impunham por em execucao.

E foram certamente todas aquelas demonstrações de descredito, ausencia de escrupulos e libelos de miseria humana havidas durante tanto tempo, foram os actos de impunidade e até de protecção em que ficaram alguns dos seus crimes,—indo até ao assassinato,—que criaram o tal papão em quem de longe ouvia falar desta Colonia.

Hoje de facto, esse receio desapareceu para quem por aqui passa, e, nesta época de desenvolvimento de todos os ramos produtivos da Colonia, com uma boa orientação traçada pelo seu governo, não perdendo uma só occasião de demonstrar o quanto administra de bem os seus rendimentos applicando-os em beneficio da sua população, tendo pago inteiramente tudo quanto devia á metropole, dignificando a justiça, purificando os costumes, acabando com as intrigas, disciplinando e moralizando os serviços publicos e tendo entrado abertamente no periodo das grandes realizações, a Guiné ha-de tornar-se uma das mais appetecidas colonias portuguesas.

A maior parte do funcionalismo presta hoje as melhores provas de leal cooperação na obra do Governo da Colonia. E bem arriscadas por vezes e dignas de admiração são aquelas funções que desempenham os humildes funcionarios, como por exemplo as de chefes de posto. A centenas de quilometros, isolados, entre os indigenas, vivendo sós ou trazendo consigo pessoas de familia, sujeitos a todas as vicissitudes duma vida neurastenisada e depauperante, afastados meses e anos da civilização europeia e dos grandes centros, por todas as formas contribuem com o seu ignorado e obscuro esforço para a colonização e civilização. Todos vivem pelo interior da colonia numa tranquilla paz e mesmo esses humildes funcionarios chefes de posto, que a nós nos parecerá estarem em constante perigo no meio de tanto selvagem, dormem tranquilos, são respeitados e conservam os seus haveres sem perigo de que lhes roubem!

E' que, a-final, as verdadeiras «feras» do tal papão, parece terem sido daqui acoutadas e terem fugido para os grandes centros, para as terras de grande civilização e é aí, que as «feras», descendo ao povoado, não pensam noutra coisa se não em se digladiarem, matarem-se e esfolarem-se uma ás outras sem o mais pequeno respeito pelo seu semelhante, levando a vida inteira a pensar na forma de melhor destruir a humanidade sem tréguas e compaixão!

Que dirão a tudo isto os pretos selvagens, perante o procedimento dos brancos que se dizem civilizados? Onde estará então o verdadeiro papão?

SALGUEIRO REGO
Capitão

PESCADORES

(Continuação da pagina central)

pequena biblioteca que os instrua, um medico, uma boteca, uma estrada; apesar de abandonados pelos homens, sem organização nem instrução, sem um padre que lhes fale em Deus ou nas coisas eternas (a capelinha de madeira está fechada)—esta gente é tão fundamentalmente boa que ha cinquenta anos para cá, não consta de um roubo, de um crime ou de um delicto. Pode-se dormir com a porta aberta. Eu nunca fechei a minha.

Quando chegam a velhos e não podem trabalhar, como não ha um simulacro de cooperativa, e a lei do seguro os não abrange, lá se socorrem uns aos outros como podem. A miseria é quasi desconhecida neste pequeno povo de mais de duzentos fogos e de cerca de mil habitantes. Mira, punhado de cabesres a apodrecer—é um mundo. A vida aqui não é uma mentira. E todos os dias a arriscam, porque quasi todos os dias ouço as mulheres implorando Deus, quando o barco vai ao mar e se enche de agua. E também não é uma exploração—esta vida pobre e humilde, sob a abóbada do céu, no grande areal deserto, com Deus e o mar.

Casas de pescadores

O pescador português—não é ignorante; é inculto. A ignorancia absoluta pressupõe estupidez; o pescador de Portugal não é estúpido.

Tem um poder penetrante de compreensão. O instinto natural da todos os homens do mar—em ler nas estrelas.

As horas—e a vida.

Aconteceu-nos uma vez estarmos—eu e um companheiro—estendidos na areia numa praia de Portugal, Vieira de Leiria, certa noite estrelada e mansa de verão; para banda da povoação fa um silencio aligido e para a banda do Oceano um murmurio crescente e angustiante, «de mar que puxa» nostálgico e embalar.

Não havia mais versos que recitar e o sono começou a apertar as palmeiras lassas do sempre igual, no mar, na terra, no céu.

Passou por nós um pescador. Nós não levavamos relógio.

—Isto... que horas serão?

O homem olhou o céu, fitou, f... raciocinar, a medir, e depois... —Pela hora da cidade são tres horas e dez minutos...

Agradecemos, mas achamos estranha a precisão dos minutos. A' vila não levamos mais que cinco minutos, facil coisa de calcular. Eram 3 horas e 1 quarto!

Esta leitura das horas, forçada pela intelligencia e por uma luz especial de olhos entendedores de astros, tem a sua correspondencia no entendimento de muitos fenomenos da vida.

Quando nós, ha uns oito anos, frequentavamos muito a Costa da Caparica—e note-se que esta região não é classica de pescadores de tipo nativo característico—aconteceu-nos na privança com os homens da pesca, rudes de mãos e de conhecimentos de escola, ouvimos raciocinar sobre fenomenos da vida social com a limpidez de um sabio e a penetração de um filosofo.

E são assim os pescadores de Portugal.

O instinto da comunidade viveu nelles em épocas remotas, e perdurou em variadas tentativas até ha umas dezenas de annos.

A providencia regrada, estabelecida—não é, porém, com eles.

Não está nos seus destinos.

Nem na possibilidade os rendimentos que tiram do mar.

Na incerteza não cabe calculos.

A Casa dos Pescadores, principio social, com aspectos economicos, e fundamento moral—eis o recurso na solução do problema, não da pesca, mas da assistencia ao pescador.

Reputamos, como tantas pessoas de boa fé, e optimistas, esta materia de legislação digna de preferencia de estudo e realização no quadro geral das realizações a curto prazo.

E eis porque o «Diário de Lisboa» publica esta série de notas, num proposito de provocar, por parte de todo o publico, o ambiente indispensavel para que as Casas dos Pescadores sejam um facto, muitos factos, num prazo relativamente breve de tempo.

COMPTOIR FRANÇAIS D'ACCESSOIRES

**O maior sortido de Accessorios
e sobreceletes para automoveis
e camionetas**

FERODO — Guarnições para travões e embraiagens.
SOLEX — O carburador mais moderno e economico.
PHILCO — A melhor bateria para automoveis.
WHITNEY — Correntes para distribuição.
CICCA — Os melhores alarmes d'aspiração.
JAEGER — Conta-kilómetros e relógios.
EXHAUSTEUR — Burrinhos para gazolina.
S. E. V. — Aparelhagem electrica para automoveis.
HEPOLITE — Pistons e segmentos para todas as marcas.
SUPCO — Peças para travões hidraulicos.
MURPHY — Tintas americanas para automoveis.

GRANDE STOCK DE: ROLAMENTOS, VALVULAS, JUNTAS PARA
MOTORES, CORREIAS DE VENTONHA, LIMPA VIDROS,
AMORTECEDORES HIDRAULICOS, ETC.

Telef. 2 4730 — 22, Rua das Pretas, 24

— LISBOA —

CIMENTO TEJO

**Cantarias, Marmores, Jazigos
e materiais de construção**

ANTONIO MOREIRA RATO & F.^{OS}, L.^{DA}

Av. 24 de Julho, 54 F.

T. 6 0879 — LISBOA — Teleg. RATOFILHOS

MADEIRAS

Importação directa de casquinha, pitch-pine, carvalho, nogueira americana, faia, mogno, macacaúba, freijó, pau santo, etc.

Madeiras contraplacadas

Únicos fabricantes do País
Marca registada **SEVERO**

Aduelas e Arco de Ferro

Em todas as medidas, para tanoaria
no nosso armazem do Poço do Bispo

Torrens & Marques Pinto, L.^{da}

RUA VASCO DA GAMA, 33 a 37

TELE { FONES: 6 0176, 6 0177 e 6 0178 P B X
GRAMAS: FLORESTAL

LISBOA



**UMA
RE/POSTA
MELGAÇO -
- FARO //**

Klm, 800

De comboio:
4 dias
De telegrafo:
2 horas
De telefone:
1/2 hora

O melhor fio para calçado

LEÃO
(Marca registada)

Rotulo Azul Dourado

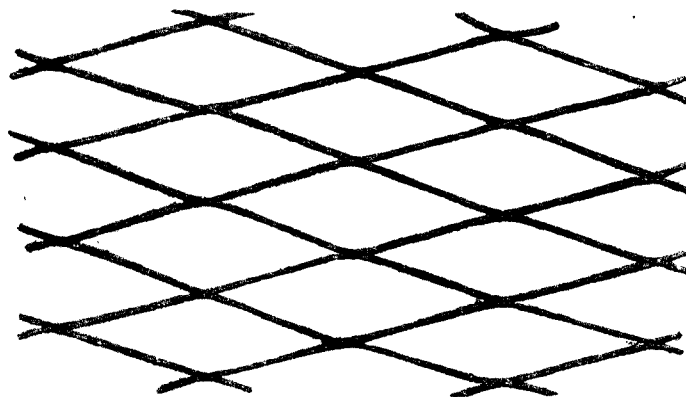
Maços de 400 gramas
Peso Liquido de Fio
370 gramas

Sempre imitado mas nunca
igualado! O unico que inspira
confiança e dá satisfação ao
consumidor pela forma inal-
teravel como há 15 anos é
vendido no nosso País

A' venda em todos os estabelecimentos de Solas e Cabedais

FASQUIADOS METALICOS

Redes e armaduras de METAL DISTENDIDO



para cimento armado, tetos, tabiques, estuques, etc.
Fabrico Nacional de **RODRIGUES, FONSECA & CARVALHO**
Rua Serpa Pinto, 271 - PORTO

Peçam amostras e preços ao REPRESENTANTE NO SUL:

LINO TEIXEIRA DE CARVALHO
109, Rua dos Bacalhoeiros, 115 LISBOA

Telf. 21374/5

COMENTARIOS SIMPLES

PAGINA DE QUINTA-FEIRA

por NORBERTO DE ARAUJO

Dilecto:

Que o beijo matinal da primavera tenha o condão de reírscar de esperanças o teu corpo doente. Que os aromas da baunilha dos muros do teu jardim te entrem pela janela do quarto dentro e completem na tua alma a acção fraternal dos lábios primaveris. Que a Virgem, de Corregio, suspensa sobre a tua tão feminina escrivaniha Luiz XVI, tenha hoje o melhor sorriso da sua sacrossanta maternidade. Que as tuas mãos estejam quentes!

De longe me pediste, hoje dia de festa para o teu orgulho de homem, te escrevesse em «Quinta-Feira».

Sabe-te talvez melhor ouvir novas da cidade através o misterioso elo da letra movel, que se agarra ao papel com uma gordura balsâmica de espírito—e realiza o milagre da imobilidade eterna.

Hans Guttenberg quando inventou os caracteres, faz agora meio milhar de anos, não sonhou que transformava os fenómenos naturais: com o que era movel e toco realizou a imobilidade e a perfeição.

E tal qual as flores, que delas quanto se extrai para durar não é senão o perfume e nunca a forma e a cor, assim desta carta não cuidas na expressão e no tom, que são a materia do espírito, e acolhe-te á intenção que é ela só o perfumado fluido que enche a vida das superficies escritas.

A primavera vai linda. Toda a cidade é uma grande praça de misterioso fundo; ouve-se cair a agua invisível nas invisíveis fontes, de onde surgem, sacudindo-se, as esculturais raparigas, de impalpável forma, no bronze lavado pela luz liquida e pulido pela passagem das idades.

* * *

De mil pregões vadios forma-se um pregão unico de gloria de viver, uma gloria resignada, de mil prazeres efemeris construída, tecidos de orgulhos infantis de multidão menina—que ha seis mil anos anda a fazer travessuras e a aprender a ler no livro da experiencia, de folhas soltas.

Um pregão—é sempre uma gargalhada. Uma coisa não é possível apregoar: a Dôr. Tudo o mais é alegria. No pregão do Arauto que grita «Real, Real, Real», existe a mesma vibração garrula e colorida da rapariga que apregoa «laranjas da China».

Os acontecimentos felizes—são todos pregões, que se amalgamam, confundem e mesclam e darem um todo unico de gloria, que a primavera agora brisa como faz a luz quando atravessa os repuxos.

Tal sucede, no alto do Castelo, aos milhões de respirações que dão uma apenas, e se chama e é a respiração da «urbis».

Anda ver comigo, com teus olhos moços, a irromperem felizes da transitoria e enfermiga lassidão física, como é o sol da cidade. Anda comigo entreter-te neste jogo das adivinhas, de ver como toda esta gente estrangula a sua tragedia, finge que não ha tristuras sobre a terra, disfarça desilusões, reduz ambições ao minimo de um fruto colhido do chão—e apregoa.

Olha: viste o jornal desta manhã? o da noite passada? Cada titulo é um pregão; cada pregão um orgulho de ser, uma satisfação de pensar. De todos os antagonismos das idéas, dos entrechoques dos factos, das abstracções das teorias, e das convicções opostas da fé—é que é feito o jornal.

O que ha de inexistente dentro de cada pensamento e de cada acontecimento—é que é a realidade.

Que certeza temos nós ambos de que a laranja que a rapariga vende é da China?

E é! China é uma palavra. Simboliza «desejo de ser». E, como tal—é.

* * *

O «placard» do jornal diz coisas interessantes e que ninguém entende. Têm o condão de ter chegado agora mesmo. E' o misterio que continua, como uma saída de labirinto que se encontrou mas foi dar ao mesmo sitio, onde já tínhamos estado, e não—tinha saída.

Uma bela noticia de ha dez anos—que digo? de ha dez dias—lida hoje provoca-nos a indiferença de um vaso que já não tem nem haste, nem raiz, nem terra, nem forma.

O acontecimento é a hora que se vive. Má ou boa—só o vivê-la basta. Nem a fé, nem a firmeza, nem a intelligencia podem mais que a hora que se vive.

As guerras—o absurdo da mecânica da intelligencia a negar a intelligencia—são elas proprias a hora que passa. Só os que ainda nelas vivem—existem. Os mortos—morreram completamente. Quero dizer-te, amigo: esqueceram. Quando muito, o que sobrevive em gloria, deixa cair uma lagrima para dar satisfação á sua consciencia.

Quando as tropas, com os canos das espingardas floridas tal hastes de girassóis voltados á luz, passam sob o Arco do Triunfo—nos cemitérios longínquos, de cruzes alinhadas como em formação de columnas, os mortos de todas as brigadas são todos irmãos.

Perderam a memoria das coisas que foram; o esfuminho do sonho sacrificado torna-se comum como um lençol que cobrisse, em cristandade, dois irmãos que não sabiam que o eram. Varreu-se-lhes a lembrança dos insultos que trocaram.

Nas bocas paralisadas ha um sorriso tirado de um riotus de desdem por tudo o que não seja a paz eterna—única coisa que lhes deixaram.

O «placard» voltou a estampar noticias frescas: foi um barco ao fundo, vencemos mais uma batalha; ao lado o numero da sorte grande; foi descoberto o autor de um crime; um rapaz foi soterrado numa pedreira; uma rainha deu á luz uma princesa; morreu um imperador do mundo...

Pregões!

—Não, pequena, não. Hoje não compramos violetas.

Vês o sorriso triste da rapariguinha? Olha agora: já vai a rir. Não foi nada; passou um senhor gordo e ridiculo; e daí talvez não fósse

Dr. Miguel de Magalhães
Monitor da clinica de Necker — Paris
RINS, vias urinarias — Venero — Sifilis
T. Nova de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 horas
TELEFONE 2 9062

4 Mobílias—3.500\$00

Quarto, casa de jantar, escritório e sala.
33 peças—Facilidades de pagamento.
ESTABELECIMENTOS MATEUS
156, R. S. Lazaro, 172 telef. 4 0538

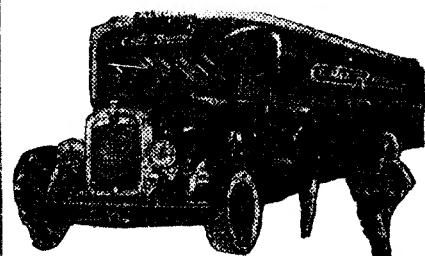
O RELOGIO QUE DEVE PREFERIR É O

TORRIS WATCH

EM EXCLUSIVO NO

TORROAES

RELOJEIRO DE CONFIANÇA
119-RUA DA PRATA-123
TELEF. 24210 - LISBOA



isso: sorriu-lhe um rapaz da sua criação.

E' Isto a Cidade.

* * *

Ontem disseram-me que vão desalojar os Arcos das Amoreiras, aquele monumento de pedra, ciclopico e harmonioso, que chama as Aguas Livres, aqueducto obra de arte pela grandesa e pela graça que se concilia bem na impoñencia frita do engenho.

Acho bem. Mas anda vêr comigo.

Os olhos do artista que têm o poder de fixar o amesquinhamento que ao monumento trás a vizinhança de casebres e de edificiozitos improprios do local—são predestinados. E como tal, egoístas.

E as casinhas agachadas, e a ermida pequeninha, e o chafariz de miniatura?

Tambem eles hão-de ter alguns olhos de artistas que hão-de chorar por eles.

Tambem eles sentem que possuem alguns direitos: os do tempo.

Tambem eles hão de possuir um conceito de beleza especial, que se reduz á sombra que dos Arcos recebiam.

Têm lá a ermudinha, têm lá o chafariz e os casebres humildes de metro e meio de altura, intelligencia e paciencia para cuidarem da primazia dos problemas de estetica? Não sabem de politica os rouxinóis.

Temos assim o eterno sacrificio, que se continua, da intimidade á colectividade. A razão em briga com o sentimento.

O chafariz dirá: «Para onde me levam a correr a minha agua? Eu corria tão bem aqui! E já estava tão habituado... Que mal fazia eu, tão pequeno, que quasi se não dava por mim? Agora já não precisam de agua. Ha dois seculos choravam por ela. Al manes de Manuel da Maia! Al manes de D. João V e do Marquês de Pombal! Já me tinham tirado do centro da praça das Amoreiras, ha 75 anos, por fazer estorvo. E agora liquidam-me, como ao Neptuno do Rossio!...»

Os casebres protestarão: «Não nos lembramos de quem nos pôs aqui, nem temos tombo de familia para o indagar. Mas que mal fazemos? Abrigámos durante muitos lustros gente modesta para quem nós eramos palacio. Ai da nossa vida! Tão humildes somos que da nossa humildade o gigante dos Arcos se afrontou. Injustiças dos homens. Cada mordidela das picaretas da Camara será uma punhalada nos sonhos familiares que aqui

CARTA

A ALGUEM LONGE DA CIDADE

abrigámos. Consintam-nos ao menos depois que a nossa pedra sirva de muro de algum jardim, onde se debrucem rosas de toucar».

E a capela de Nossa Senhora de Monserrate, dirá: «Cento e setenta anos, Virgem Maria!, que eu dei consolação aos crentes, sede de agua aos que têm fé. E agora me derrubam porque, desde baixo, faço sombra ao Aqueducto, que vai por cima! Fabricantes da seda, que me ergueste, rei José que me deste o chão, Pombal tirano que foste bom para mim—onde estais vós? E os meus azulejos do Rato, e o meu menino Jesus que é preto, e o meu Santo Antonio pretinho tambem, para onde os levam os homens de agora? Os meus sinos, de badaladas que quasi não se ouviam mais do que nas Amoreiras, onde vão chamar á missa dos domingos? E o meu cofre das almas, e as minhas devotas velhinhas, e a minha confraria que não tem Dom, e a minha saudade da feira das Amoreiras, e o pedacito de Lisboa de setecentos que eu sou—que sorte Deus lhe dará?»

Ao lado, no centro da praça das Amoreiras, os ulmeiros abanam as copas indiferentes e exclamarão: «resignem-se; o progresso é cruel: quem a nós proprios garantirá a promessa de sombra que fizemos aos pobres do sitio?»

Mas este sentimento todo apaga-se, anula-se, amesquinha-se, ante o proposito municipal e a razão superior da beleza do sitio. O Monumento, a Arte, o pouco que temos de belo, acordaram para os seus direitos.

E' sempre assim o romance da Cidade.

Recolhe-te de novo á tranquillidade do teu horto, onde adivinho os miosotís que costumam dar guarrição de lealdade de memoria ás tuas miniaturais jarrinhas de fragil falanga azul.

Já agora fico sózinho a ouvir os pregões, a contemplar as bandeiras garridas nas arterias de todos os Chiados, muitas bandeiras desfraldadas que anunciam simplesmente a inauguração da estação da primavera—a «preços inverosímeis».

E' tudo inverosímil: os preços, as bandeiras desfraldadas, a alegria multicolor, a musica dos pregões, e o que se diz.

As cidades são assim, amigo.

As montras das casas dos floristas fazem alarde de rosas e de cravos, ás molhadas, escorrendo tintas de sol trazidas das paletas dos jardins.

Aproxima-se a Semana Santa. As igrejas ensaiam o roxo macerado e as ruas preparam-se para o luto em que se compraz a irresistível ostentação dos que são crentes, e têm o seu livrinho de etiqueta.

Os teatros estão em crise quasi todos, segundo malevolamente se diz. Ocupam em anuncios duas paginas inteiras, integrais, absolutas dos jornais. Dir-se-á que se salvam a nado na piscina da publicidade.

Tu, que adoras a vida viril, a direito firme e altiva, bela na sua explosão de mocidade perpetua—quererias uma noticia galante, timidamente mundana, que te avisasse a memoria do bel-sprit de sociedade.

Nada tenho para te dizer. Creio que hoje só ha duas classes na sociedade: os que têm dinheiro e os que ainda têm dinheiro. O resto é terra de ninguém.

Entende-me como quizeres.

Que as pombas do teu beiral se multipliquem de asas pequeninas, e os favores da Natureza propiciem os teus pulmões jovens, enquanto Deus, ao alto sobre o portico, abençoar o teu lar, a tua casa, a tua mocidade achacada, e que resurgirá das transitorias sombras dos clinicos.

NORBERTO DE ARAUJO

CAMILO FARINHAS, L. DA

Fornecedor de lenhas e carvões de todas as qualidades, por grosso e a retalho.

ENTREGAS AOS DOMICÍLIOS

Deposítários gerais do carvão de coke da Companhia do Gas na linha de Cascais

Sede: Estrada Nacional—ESTORIL

Telefone 49 Estoril

FOOT-BALL BENFICA-PORTO

Esc. 75\$00 (Ida e Volta)

Em esplendidos auto-carros

Partida de Lisboa pelas 17 horas de sabado dia 9. Volta do Porto pelas 20 horas de domingo, dia 10.

Pedidos e marcações de lugares CAPRISTANO & FERREIRA, LIMITADA Largo de S. Domingos, n.º 11—Jetta A

TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicílio a Domicílio

Único concessionário da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país. Carros especiais para mobílias.

Porto

Lisboa

R. Guerra Junqueiro, 7 R. S. Julião, 34, 36

Telef. 1854

Telef. 2 1200



Ao abrigo das doenças...

...e das perturbações digestivas, o seu filhinho crescerá

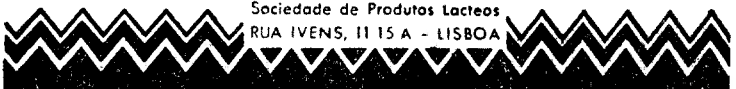
SÃO - ROBUSTO - ALEGRE

se o alimentar com

**Farinha Lactea
NESTLÉ**

alimento completo, rico em leite e vitaminas, cuidadosamente malteado, preparado especialmente para crianças.

PEDIR AMOSTRAS GRATIS A
Sociedade de Produtos Lacteos
RUA IVENS, 11 15 A - LISBOA



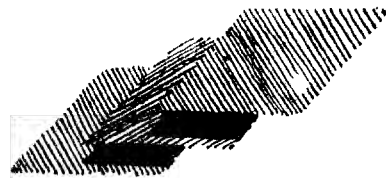
AGUA CASTELLO

A MELHOR DAS AGUAS DE MESA
PURÍSSIMA — LIMPIDA — DIGESTIVA

NOVA CAPTAGEM MODELAR EM PIZÕES - MOURA

LUSALITE
CHAPA LISA E ONDULADA
LUSALITE
TUBOS E ACESSÓRIOS
LUSALITE
DEPÓSITOS - VASOS - FLOREIRAS
LUSALITE

123-RUA S. NICOLAU - TEL 2 3948-28941



LUSALITE

* CITROËN

Agentes exclusivos em Lisboa e Distrito
FRANCO FERREIRA & C.ª LD.ª
R. Actor Tasso, 36 - Lisboa

UM MEDICAMENTO AGRADÁVEL

**e seguro
para a sua digestão**

é o Elixir Saiz de Carlos. Com ele não necessita recorrer a um regime especial para curar o seu estômago. Pode fazer a sua vida habitual, procurando não cometer excessos de qualquer ordem.

Este medicamento torna-se simpático pela rapidez com que actua pois que a sua missão é cicatrizar as pequenas lesões, tão dolorosas, do seu estômago. Não é um neutralizante qualquer mas sim um produto científico, de formula conhecida, que combate directamente as causas da sua doença.

A venda em todas as Farmácias - Depositários: Farmacia AZEVEDO, IRMAO & VEIGA - 24, Rua da Misericórdia, 42 - Farmacia AZEVEDO, FILHOS - 31, Praça D. Pedro IV 32 - LISBOA.

ELIXIR ESTOMACAL

SAIZ DE CARLOS



*Vida artistica***Algumas telas e esculturas**

da grande exposição anual
da Sociedade Nacional de Belas Artes



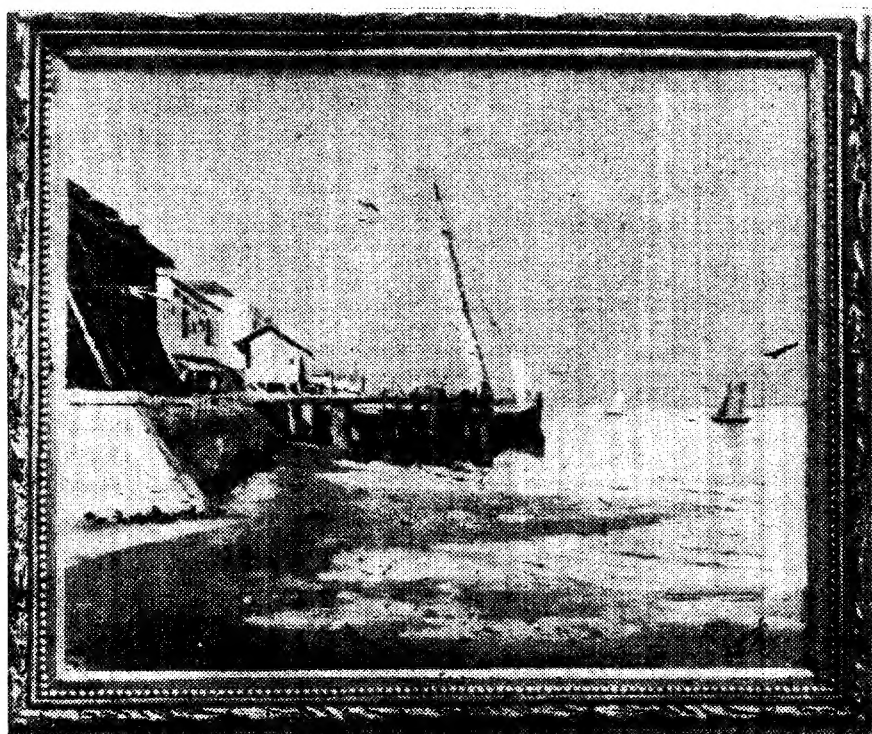
Permenor do quadro «Motivo Alentejano», de Portela Junior



«Minha Mãe», retrato por Maria Adelaide Lima Cruz



«O meu filho», retrato do pintor Lauro Córado



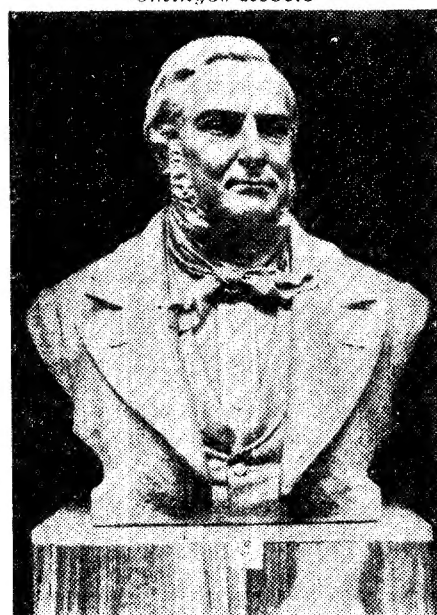
«O Cais», quadro de Gabriel Constante



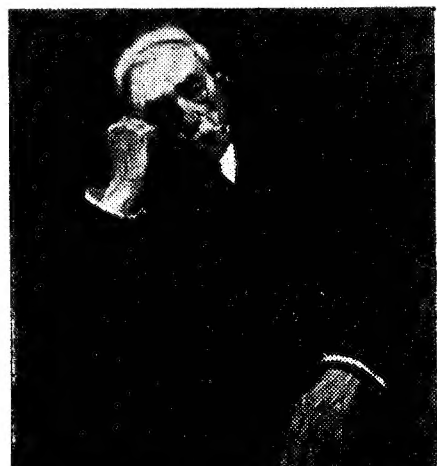
«Flores», de Maria Emilia Fernandes



Retrato da actriz Ilda Stichini, por Domingos Rebelo



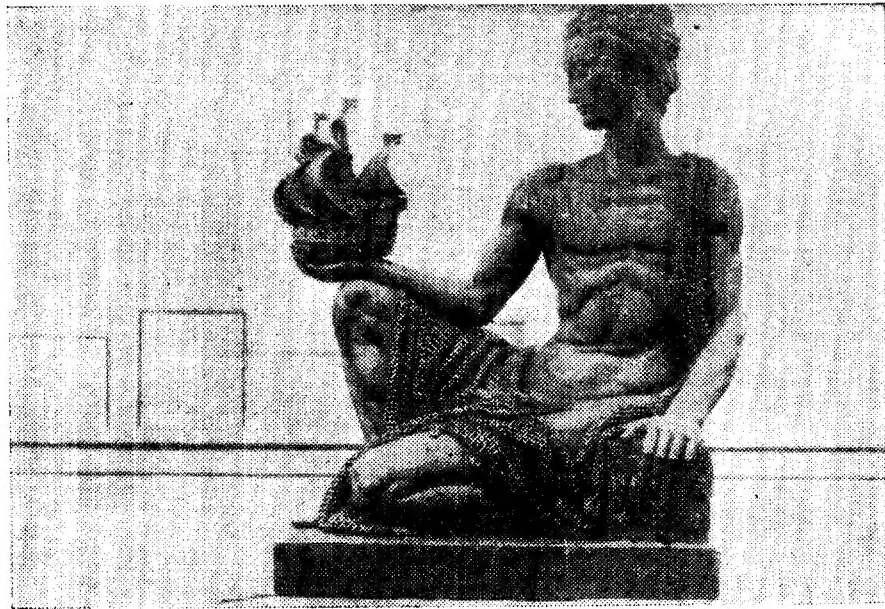
Busto de Passos Manuel, pelo estatuario Simões de Almeida



Retrato do architecto Luiz Monteiro, por Varela Aldemira

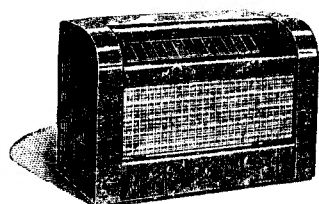


«Cristo ungido», de José de Almeida e Silva



«Portugal», estatua de Leopoldo de Almeida

PONTO-AZUL

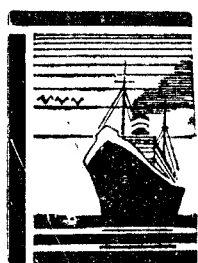


ALTA FIDELIDADE MUSICAL

Grande poder de captação
em ondas extra curtas

CASA AUDAK

AV. DA LIBERDADE, 72-A
LISBOA



COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

CARREIRA RAPIDA DA COSTA
OCIDENTAL E ORIENTAL

PAQUETE

Mousinho

sairá no proximo dia 9 de Abril,
pelas 12 horas, recebendo carga e
passageiros para

Funchal, S. Tomé, Pointe Noire, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Lobito, Mossamedes, Cape Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação.

AVISO AOS SRS. CARREGADORES:—Este vapor recebe carga até às 20 horas do dia 5 e desta data até às 20 horas do dia 8, com o aumento de 20 % e sujeitas as ordens de embarque ao visto do Conselho de Tarifas

CARREIRA RAPIDA DA COSTA
OCIDENTAL

VAPOR

LOBITO

sairá no proximo dia 16, pelas 16
horas, recebendo carga para:

S. Vicente, Praia, Principe, S. Tomé, Ambriz, Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Benguela e Mossamedes e para os demais portos da Costa Ocidental, sujeito a baldeação.

AVISO AOS SRS. CARREGADORES: Este vapor recebe carga até às 20 horas do dia 13 e desta data até às 20 horas do dia 15, com o aumento de 20 % e sujeitas as ordens de embarque ao visto do Conselho de Tarifas.

Para tratar:

LISBOA: — Rua do Instituto Virgílio Bacheiro, 14
Telefone 20052

PORTO — Rua do Infante D. Henrique n.º 9
Telefone 2342

A MÁ ILUMINAÇÃO É O PIOR INIMIGO DA VENDA



UMA BOA ILUMINAÇÃO
ATRAI CLIENTELA

Melhor luz—tornando alegre o seu estabelecimento,
só a obterá com lampadas

PHILIPS

MAXIMO RENDIMENTO
MINIMO DE CONSUMO

NAO CONFUNDIR



A UNICA BOQUILHA EFICAZ!
Repr. Victor Chaskelmann & C.
Rua da Palma, 268—Lisboa

PARTEIRA
ESPECIALIZADA
R. Augusta, 275, 4.º Tel. 2 9607
Partos, tratamentos. Consultas gratis
BASILISA PEDROSA

Policlínica Central de Lisboa

FUNDADA EM 1905 para as classes pobres
Praça Luiz de Camões, 22, 2.º, R.—Telefone 2 2740
Prof. Borges de Sousa—Doenças dos olhos 11 h.
João Manuel Bastos—Rins e aparelho urinário 11 h.

Prof. Egas Moniz—Nervosas e mentais, 15 h.
Prof. Carlos Salazar de Sousa—Doenças das crianças, 14 h.

Dr. A. Burguete—Estômago e intestinos, 13 h.
Dr. Santana Leite—Ouvidos, nariz, garganta 14 h.
Dr. Craveiro Lopes (filho)—Doenças da pele e sífilis, 14 h.

Prof. Eduardo Coelho—Medicina geral, coração e pulmões, 12 h.

Dr. Torres Pereira—Cirurgia geral, 15 h.
Dr. Oliveira Luzes—Diaternia, raios ultra-violetas, maquiagem, etc., 12 às 14 h.

Dr. Freitas Simões—Doenças das senhoras 16 h.
Dr. Tiago Marques—Boca e dentes, 11 h.

Dr. M. Martins de Queiroz—Doenças da circulação e nutrição às 16 h.

Dr. Custódio Teixeira—Análises clínicas.

defendam-se
da
TOSSE
com
diacol

Na GRIPE (Influenza), BRONQUITES, CATARRROS, ASMA e sempre que haja TOSSE

POR 5\$00

Semanais, todos podem adquirir Relógios de todas as marcas, joias e objectos em prata, inscrevendo-se já, no sistema de Vendas a Prestações, com Bonus em todas as lotarias, prazo de pagamento 30 semanas, podendo o objecto ser adquirido à primeira prestação somente por 5\$00. F. de Sousa Torralis, Rua de S. Paulo, 105, Telef. 26548.

D. D. D.

Especialidades INGLESA
CONTRA

Eczemas, Acnes,
Ulceras, Comichões,
etc.

O REMEDIO PARA A PELE

A venda nas Farmácias e Drogarias
DEPOSITO: R. Arco do Bandeira, 76-1.
Telefone 2 2785

MORADIA

Travessa do Abarracamento de Peniche, 14, ao Rio de Janeiro, lindamente decorada, com garage e chafage. Vende-se ou arrenda-se. Tratar no local.

CHEVROLET

Estado impecavel, série 32.000, torrado a pele, vende-se barato. Ver e tratar Garage Angola, Vitor Bastos, 3 A. Campolide.

ANUNCIO

Pela 7.ª Vara Cível da Comarca de Lisboa, 3.ª Secção, se anuncia que correm editos de 30 dias citando Abel Murias, casado, advogado, cujo ultimo domicilio foi na rua da Junqueira, 27, 1.º, e hoje em parte incerta, para impugnar querendo dentro do prazo legal a acção sumaria que o Banco Nacional Ultramarino move contra o dito Abel Murias e outros para pagamento de uma letra de 3.200\$00 sacada em 3 de novembro e vencida em 5 de dezembro de 1937, juros, custas, despesas legítimas e procuradoria, sob a cominação legal não impugnando. — Lisboa, 31 de março de 1938 — O chefe da 3.ª secção, Eugénio Silva. — Verifiquei. O juiz de Direito, Eduardo Fialho da Silva Sarmiento.

FRUTARIA BRISTOL

Casa especializada em Frutas

Salmão, Lampreias, Trutas, Lagostas, Camarão e Mariscos

Rua Eugénio dos Santos, 57 — LISBOA

Telefone 2 4637

